

Pontifícia **U**niversidade **C**atólica  
do Rio de Janeiro



**Alessandro Manoel dos Santos**

**As pequenas comunidades eclesiais  
missionárias para uma nova evangelização:  
uma resposta à cultura urbana**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Departamento de Teologia**  
Programa de Pós-graduação em Teologia

Rio de Janeiro,  
março de 2025

Pontifícia **U**niversidade **C**atólica  
do Rio de Janeiro



**Alessandro Manoel dos Santos**

**As pequenas comunidades eclesiais missionárias para  
uma nova evangelização:  
uma resposta à cultura urbana**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luiz Catelan Ferreira

Rio de Janeiro,  
março de 2025

Pontifícia **U**niversidade **C**atólica  
do Rio de Janeiro



**Alessandro Manoel dos Santos**

**As pequenas comunidades eclesiais missionárias para  
uma nova evangelização:  
uma resposta à cultura urbana**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Antonio Luiz Catelan Ferreira**

Orientador  
PUC-Rio

**Anderson Batista Monteiro**

PUC-Rio

**Dorival Souza Barreto Júnior**

FCFS

Rio de Janeiro, 07 de março de 2025

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## **Alessandro Manoel dos Santos**

Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis-GO em 2013. Bacharel em Teologia em 2005 pela Puc-Rio. Durante o Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral foi bolsista do CNPq.

Ficha catalográfica

Santos, Alessandro Manoel dos

As pequenas comunidades eclesiais missionárias para uma nova evangelização: uma resposta à cultura urbana / Alessandro Manoel dos Santos; orientador: Antonio Luiz Catelan Ferreira. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2025.

v., 131 p.

1. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Teologia – Dissertação. 2. Cultura Urbana. 3. Evangelização. 4. Urbanização. 5. Conversão Pastoral. 6. Pequenas Comunidades eclesiais missionárias. I. Ferreira, Antonio Luiz Catelan. II Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD:200

Dedico este trabalho à Santíssima Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo. À Virgem Santíssima de Nossa Senhora da Conceição, São José e Santa Teresa de Lisieux. Aos Bispos, sacerdotes, Diáconos, seminaristas, Irmãs de Nossa Senhora do Bom Conselho e aos apreciadores da Pastoral Urbana.

## Agradecimentos

Ao Deus Eterno e Bondoso que manifesta o seu poder no perdão e na misericórdia, por ter me sustentado até aqui para a conclusão desse trabalho.

A Dom Orani João Tempesta, Grão-Chanceler da PUC-Rio, pelo incentivo e benção para o prosseguimento nos estudos acadêmicos. A todos os bispos auxiliares de nossa Arquidiocese por serem sinal de fidelidade a Cristo e à Igreja.

Ao meu orientador Professor Dr. Dom Antonio Luiz Catelan Ferreira, pela paciência e acompanhamento ao longo da Jornada.

À minha amada Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do qual sou pároco há dois anos, justamente no período de escrita e conclusão desse projeto, pelas orações, partilha e caminhada sinodal.

Aos meus pais, Manoel Santino dos Santos e Severina Antônio dos Santos, minhas irmãs: Alessandra S. dos Santos da Rosa e Fatima E. dos Santos da Silva e sobrinhos: Ana Luiza, Pedro Alexandre, Ana Beatriz, Ana Vitória, Laura dos Santos e Maria Flor que caminham comigo em todos os projetos, pelo incentivo dado do início ao final desta pesquisa.

Aos meus queridos amigos Irene Dutra, Gilberg Pereira, Alexandre Rosa, Leandro José, Denise Rosa por toda a contribuição para a realização dessa pesquisa.

Aos sacerdotes amigos que me acompanharam e incentivaram a iniciar o mestrado e animaram nessa conclusão: Padre Fábio Luiz, Padre André Luiz, Padre Leandro Câmara, Padre Yure, Padre Alan Dias e Padre Fábio de Freitas. Ao Diácono Lacton. Aos seminaristas amigos: Josimar Sores, Wallace Bistene, Rodrigo Coutinho e Rafael Coutinho pelas orações e ajuda fraterna. Às Irmãs do Instituto de Nossa Senhora do Bom Conselho, de modo especial, àquelas que exercem a missão na Fazenda São Joaquim das Arcas em Itaipava/RJ, à Irmã Maria do Amparo e à Irmã Maria Suzilene Lima pela amizade e intercessão. Ao Seminário Arquidiocesano de São José, onde pude ser formado e, como Vice-reitor, comecei o processo de admissão ao Mestrado, pela acolhida fraterna na Fazenda São Joaquim das Arcas durante o período da redação desta pesquisa.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia. À Professora Doutora Francilaide de Queiroz Ronsi, Coordenadora do PPG em Teologia da Puc-Rio, e ao Prof. Doutor Padre Waldecir Gonzaga, Diretor do Departamento de Teologia da Puc-Rio pelo incentivo no ingresso do Mestrado. Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

## Resumo

Santos, Alessandro Manoel dos; Ferreira, Antonio Luiz Catelan. **As pequenas comunidades eclesiais missionárias para uma nova evangelização**: uma resposta à cultura urbana. Rio de Janeiro, 2025. 129p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Os desafios da evangelização no contexto de um mundo cada vez mais urbano, é marcado por intensas transformações culturais, sociais e religiosas. Nos Documentos do Concílio Vaticano II, nas Diretrizes da Igreja no Brasil e nas orientações do Papa Francisco, o trabalho reflete sobre a necessidade de retorno às origens das primeiras comunidades cristãs para resgatar a essência da vida comunitária e da transmissão da fé. A formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias emerge como uma resposta eficaz para enfrentar a complexidade das cidades e sua cultura pluralista. A pesquisa destaca que a evangelização das culturas urbanas exige diálogo, criatividade e novas linguagens, adequando-se às características e desafios da sociedade contemporânea. A cultura urbana, com sua dinâmica marcada por individualismo, pluralidade e ritmo acelerado, demanda uma reconfiguração da ação pastoral, promovendo a solidariedade e a integração. As comunidades devem atuar como espaços de acolhimento, formação integral e vivência missionária, reforçando a identidade cristã e construindo pontes em meio às divisões sociais. A pesquisa enfatiza a importância da conversão pastoral como uma renovação indispensável para o sucesso da missão eclesial no ambiente urbano. A Igreja é chamada a transformar os desafios da modernidade em oportunidades para renovar sua presença e promover uma convivência mais justa e fraterna, mantendo a relevância da mensagem evangélica nas cidades.

## Palavras-chave

Cultura Urbana; Evangelização; Urbanização; Conversão Pastoral; Pequenas Comunidades eclesiais missionárias.

## **Abstract**

Santos, Alessandro Manoel dos; Ferreira, Antonio Luiz Catelan (Advisor).  
**The small missionary ecclesial communities for a new evangelization: a response to urban culture.** Rio de Janeiro, 2025. 129p. Master Thesis – Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The challenges of evangelization in the context of an increasingly urbanized world are marked by intense cultural, social, and religious transformations. Drawing from the documents of the Second Vatican Council, the Guidelines of the Church in Brazil, and the orientations of Pope Francis, the work reflects on the need to return to the origins of the first Christian communities to reclaim the essence of communal life and the transmission of faith. The formation of small missionary ecclesial communities emerges as an effective response to the complexities of cities and their pluralistic culture. The research highlights that evangelizing urban cultures requires dialogue, creativity, and new languages, adapting to the characteristics and challenges of contemporary society. Urban culture, characterized by individualism, plurality, and a fast-paced rhythm, demands a reconfiguration of pastoral action to promote solidarity and integration. Communities must act as spaces of welcome, integral formation, and missionary life, reinforcing Christian identity and building bridges amidst social divisions. The research emphasizes the importance of pastoral conversion as an indispensable renewal for the success of the Church's mission in urban environments. The Church is called to transform the challenges of modernity into opportunities to renew its presence and promote more just and fraternal coexistence, maintaining the relevance of the Gospel message in cities.

## **Keywords**

Urban Culture; Evangelization; Urbanization; Pastoral Conversion; Small Communities.

## Sumário

1	Introdução	11
2	A cultura, a cultura urbana e a evangelização da cultura e seus desdobramentos	17
2.1	Cultura	18
2.1.1	Definição	18
2.1.2	A Cultura e seus aspectos	28
2.1.3	Unidade e variedade das culturas	32
2.1.4	Crises culturais e suas razões	34
2.2	Cultura Urbana	37
2.2.1	Cultura Urbana e sua história	38
2.2.2	Cultura urbana e suas características	40
2.2.3	Cultura urbana e seus desafios	41
2.2.4	Cultura urbana, caminho de diálogo com as cidades	43
2.3	Evangelização das culturas	45
2.3.1	Evangelização: uma tarefa sempre atual	45
2.3.2	A Boa Nova do Evangelho para as culturas	46
2.3.3	Uma nova evangelização: para uma nova época humana	48
2.4	Considerações finais	50
3	A Cultura urbana e seus desafios	51
3.1	O Mundo Urbano e suas complexidades	51
3.2	As transformações do Mundo Urbano	54
3.3	O estilo de vida e a mentalidade	57
3.4	Os aspectos do mundo urbano	61
3.5	As tendências socioculturais e o fenômeno urbano	66
3.6	A experiência religiosa no mundo urbano	70
3.7	Considerações conclusivas	73
4	As Pequenas comunidades como resposta aos desafios da cultura urbana	75
4.1	A evangelização no contexto urbano	76

4.2 O Papel das CEBs e CEMs na Renovação da Evangelização e na Construção de uma Igreja em Saída	81
4.3 A Igreja Primitiva, inspiração para a Evangelização contemporânea	88
4.4 A Conversão pastoral paroquial: diálogo, comunhão e missão	94
4.5 Os pilares das comunidades eclesiais missionárias	100
4.6 A Renovação das estruturas paroquiais no caminho da Sinodalidade	104
4.6.1 A paróquia sinodal	106
4.6.2 Os organismos de participação e a liturgia como eixo de sinodalidade	109
4.7 Considerações Finais	115
5 Conclusão	118
6 Referências bibliográficas	123

## Lista de abreviaturas

GS	Gaudium et Spes
DAp	Documento de Aparecida
EN	Evangelii Nuntiandi
DP	Documento de Puebla
EG	Evangelii Gaudium
FT	Fratelli Tutti
LG	Lumen Gentium
EA	Ecclesia In America
RM	Redemptoris Missio
PDV	Pastores Dabo Vobis
DV	Dei Verbum
CIC	Codex Iuris Canonici
SC	Sacrosanctum Concilium
DD	Desiderio Desideravi

*Nas pequenas comunidades eclesiais temos um meio privilegiado para a Nova Evangelização e para chegar a que os batizados vivam como autênticos discípulos e missionários de Cristo.*

Documento de Aparecida 307.

# 1

## Introdução

A Igreja, desde seus primórdios, anunciou o Evangelho as pessoas em diversos contextos históricos e culturais. A utilização de diferentes formas de transmissão da fé demonstra a sua flexibilidade, em responder aos desafios de cada época.

O Concílio Vaticano II marcou um novo momento na relação da Igreja com o mundo moderno. A abertura ao diálogo e a busca por uma compreensão mais profunda da realidade contemporânea levaram a Igreja a repensar os métodos em sua missão evangelizadora. As transformações sociais, tecnológicas e culturais do século XX exigiram novas abordagens e estratégias pastorais.

A evangelização em ambientes urbanos apresenta desafios únicos; a complexidade e a diversidade das cidades exigem que a Igreja desenvolva novas formas de presença e ação pastoral. É fundamental compreender as culturas urbanas e as subjetividades que emergem desses contextos, a fim de estabelecer uma comunicação eficaz.

As cidades são marcadas pela lógica da pluralidade, onde convivem pessoas e grupos diversos, pertencentes a diferentes classes sociais, grupos socioculturais, migrantes, identidades étnico-raciais, orientações sexuais, religiosas e políticas, e diversas gerações, promovendo interações complexas, desafios e oportunidades para a inclusão.

O espaço urbano moderno apresenta uma nova configuração, caracterizando-se pela perda dos centros tradicionais que acaba por dar lugar a um pluricentrismo. Essa fragmentação do espaço urbano desloca a importância do território geofísico para aspectos como diversidade cultural e plural. Os meios de comunicação aceleram essa transformação. A desmaterialização do espaço e a virtualização são marcas dessa nova realidade. O policentrismo digital redefine os espaços tradicionais como Igreja e família, desafiando conceitos de comunidade e identidade.

A cidade é um espaço em constante transformação, com características complexas e dinâmicas. Para uma evangelização eficaz, é necessário um esforço intelectual que permita compreender as tendências e as nuances desses novos perfis

urbanos<sup>1</sup> ou dos diversos perfis que emergem nas cidades contemporâneas. Como diz Libânio, "qualquer reflexão sobre a cidade passa necessariamente por um mínimo de compreensão das tendências da Modernidade avançada e sua presença nela"<sup>2</sup>. A pastoral urbana deve buscar novas abordagens para se conectar com a realidade de vida dos habitantes das cidades, levando em consideração seus valores, suas aspirações e suas formas de expressão.

A prática pastoral enfrenta o desafio de responder à complexidade da cultura e mentalidade urbana, exigindo uma metodologia repensada, estratégias e linguagens capazes de alcançar as pessoas imersas nessa realidade. Mais de 80% da população da América Latina vive em cidades de diferentes portes e a cultura urbana influencia os contextos rurais<sup>3</sup>. A pastoral urbana transcende os limites geográficos da paróquia, considerando a cidade como um todo, pois os problemas enfrentados pelas comunidades eclesiais impactam a realidade urbana.

A paróquia concebida como um espaço geográfico, enfrenta desafios em um mundo marcado pela mobilidade, pelas relações virtuais e pelas profundas transformações sociais. A territorialidade, por séculos considerada o principal critério para a evangelização, torna-se cada vez mais questionável diante das novas formas de comunidade e de pertencimento.

A delimitação territorial revela-se insuficiente para atender às necessidades de uma sociedade em constante movimento. A paróquia, presa as estruturas fixas, tem dificuldade em acompanhar as mudanças e em alcançar novos fiéis, na cultura urbana das grandes cidades. Na medida em que as paróquias crescem demograficamente, a tendência é fazer a divisão territorial. Essa delimitação geográfica não resolve o problema dos vínculos comunitários, pois as pessoas agregam-se a comunidades independentemente do espaço físico.

A paróquia, enquanto território fixo e estável, é questionada pela experiência de comunidades não delimitadas pelo espaço geográfico. O ser humano urbano vive marcado pela mobilidade e pelo dinamismo de suas relações. As noções de espaço e território passam por questionamentos. Os laços de pertença não se firmam tanto num território específico ou numa família. Prefere-se a vida virtual, onde as relações

---

<sup>1</sup> AMADO, J. P., Cidade, território e evangelização: o desafio de gerar comunidades em ambientes de mobilidade, individualidade e adesão seletiva. *In*: BRIGHENTI, A., Pastoral Urbana: categorias de análise e interpelações pastorais, p. 68.

<sup>2</sup> LIBANIO, J. B., A Igreja na cidade, p. 11.

<sup>3</sup> SISTACH, L. M., A pastoral nas grandes cidades, p. 29.

se estabelecem por afinidades e não por territorialidade.

A sociedade, em tempos de mudança, é marcada pela instabilidade e pela mobilidade. A correria do cotidiano, a competição e a busca incessante por produtividade são alguns sinais dessa realidade. A paróquia não perdeu seu valor; mas ela enfrenta dificuldades em responder a globalidade, uma vez que o estilo de vida da cultura urbana não é territorial. A cultura urbana é trans-territorial e a paróquia permanece territorial em sua maioria, mesmo existindo paróquias pessoais. A *Gaudium et Spes* afirma que o mundo é o lugar teológico dos discípulos que o Cristo convocou para formarem a Igreja<sup>4</sup>. Confrontar-se com a realidade é reconhecer seus valores e identificar seus limites.

As grandes cidades, que crescem aceleradas e desordenadamente, desafiam o atendimento pastoral. O lugar privilegiado para as pessoas realizarem uma experiência concreta de encontro com Jesus Cristo é a comunidade eclesial. A paróquia e suas comunidades sentem-se desafiadas a vencer o fechamento e apatia em relação aos outros.

A metodologia desta dissertação baseou-se em uma ampla pesquisa bibliográfica, com o objetivo de refletir sobre os principais desafios da evangelização nas cidades e na cultura urbana. Busca-se apresentar a proposta do Evangelho como estilo de vida em uma sociedade marcada por rápidas transformações sociais, culturais e religiosas. Essa abordagem utilizou Documentos como *Gaudium et Spes*, *Evangelii Nuntiandi*, os Documentos da Conselho Episcopal Latino-Americano (Puebla, Santo Domingo e Aparecida), e as Exortações *Evangelii Gaudium* e *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, propondo caminhos pastorais que dialoguem com as realidades contemporâneas.

A pesquisa fundamentou-se na análise das transformações culturais e sociais da cultura urbana, buscando compreender como a Igreja adapta sua missão às novas exigências. A metodologia privilegiou a interdisciplinaridade, articulando aspectos teológicos, antropológicos e sociológicos para construir uma reflexão integrada. Essa abordagem permitiu explorar os desafios da cultura urbana, como individualismo e fragmentação social, e as possibilidades oferecidas por pequenas comunidades eclesiais missionárias como caminho pastoral.

---

<sup>4</sup> GS 1.

O segundo capítulo aborda a relação entre cultura, cultura urbana e a evangelização da cultura em suas diversas dimensões: definições, aspectos históricos, características e implicações na evangelização, explorando como esses elementos se desdobram no contexto contemporâneo.

A cultura é apresentada como uma construção humana que reflete os valores e as práticas de uma sociedade. Sob uma perspectiva histórica e antropológica, é destacada a necessidade de compreender e respeitar a diversidade cultural, promovendo a unidade sem impor uniformidade. O conceito de encarnação cultural é central na abordagem evangelizadora, enfatizando a importância de dialogar com as particularidades de cada contexto cultural.

A cultura urbana é analisada como um fenômeno dinâmico e plural, característico das cidades contemporâneas. Ela surgiu das interações e experiências dos habitantes urbanos, influencia os espaços urbanos e os rurais, alterando as formas de convivência, os valores e as relações sociais. As cidades, marcadas pela pluralidade, pelo individualismo e pelo ritmo acelerado, apresentam desafios específicos à ação pastoral, exigindo métodos inovadores e adaptados às suas realidades.

Os desafios da cultura urbana incluem o crescimento do individualismo, a fragmentação social e a predominância do consumismo. Esses fenômenos exigem que a evangelização se adapte a uma realidade urbana complexa. As cidades são espaços de tensão e criatividade, que ao mesmo tempo fragmentam e conectam indivíduos e comunidades. A Igreja é chamada a oferecer uma proposta evangelizadora que valorize a coletividade, a solidariedade e a liberdade.

A evangelização da cultura é uma tarefa desafiadora e urgente. Ela deve, ao mesmo tempo, anunciar o Evangelho e dialogar com os valores e símbolos presentes nas culturas, promovendo uma transformação a partir de dentro. É essencial que a Igreja compreenda as realidades urbanas e se engaje em um processo de empatia e diálogo, respeitando as subjetividades e os contextos culturais de cada comunidade. A evangelização é um instrumento de renovação cultural, capaz de oferecer respostas significativas às demandas do mundo urbano.

O terceiro capítulo analisa a realidade urbana em sua complexidade, com ênfase nas transformações culturais, sociais e econômicas que moldam o mundo contemporâneo. A cultura urbana é apresentada como um fenômeno global e dinâmico, que impacta significativamente o estilo de vida, a mentalidade e as

relações sociais. As cidades modernas são descritas como espaços heterogêneos, que funcionam como "laboratórios culturais"<sup>5</sup>, onde convivem diferentes categorias sociais e se manifestam tensões, conflitos e esperanças.

As cidades não apenas cresceram em número e tamanho, mas, também, em complexidade, tornando-se territórios onde as transformações sociais e culturais acontecem de forma acelerada. Essa expansão do ambiente urbano transcende os limites físicos, influenciando até mesmo as áreas rurais, que adotam o estilo de vida citadino. A cidade contemporânea é descrita como um espaço marcado por pluralidade, ritmo acelerado, individualismo e fragmentação social, o que exige novos modelos de convivência e reorganização comunitária.

A cultura urbana apresenta características ambivalentes. Por um lado, oferece oportunidades de progresso, diversidade e inovação; por outro, intensifica desigualdades, isolamento e exclusão social. A cultura urbana transforma a percepção do tempo e do espaço, criando uma sensação de aceleração constante e impondo novos desafios à experiência religiosa e ao desenvolvimento comunitário.

A evangelização nas cidades leva em conta essas complexidades. As comunidades eclesiais são desafiadas a encontrar linguagens, métodos e conteúdos que dialoguem com as subjetividades urbanas, promovendo uma experiência religiosa significativa e acessível. A Igreja é chamada a atuar de forma criativa e profética, transformando as tensões e dilemas da vida urbana em oportunidades para promover solidariedade, inclusão e justiça social.

O quarto capítulo aborda a importância das pequenas comunidades eclesiais missionárias como caminho aos desafios da cultura urbana, fundamenta-se nos Documentos: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023), Documento de Aparecida e no Documento "Comunidade de Comunidades: Uma Nova Paróquia". As pequenas comunidades são vistas como espaços privilegiados para uma vivência autêntica da fé e para a renovação da missão evangelizadora da Igreja.

Elas se fundamentam nos pilares das primeiras comunidades cristãs: a Palavra, a Eucaristia, a Caridade e a Ação Missionária. Esses pilares proporcionam um ambiente de acolhimento, ternura, diálogo e compromisso missionário. As pequenas comunidades oferecem uma alternativa à massificação das cidades,

---

<sup>5</sup> DAp 509.

promovendo a proximidade e o protagonismo do povo de Deus.

A conversão pastoral é essencial para enfrentar os desafios urbanos. Isso envolve transformar as paróquias em redes de comunidades vivas e missionárias, que dialoguem com a realidade contemporânea. A imagem da "casa" é utilizada como metáfora para essas comunidades: um lugar de acolhida, comunhão e solidariedade, estruturado para responder aos anseios e desafios da vida urbana.

A Igreja é chamada a recuperar a inspiração das primeiras comunidades cristãs para renovar sua presença e missão no mundo urbano. Essa renovação passa pelo protagonismo leigo, pela formação contínua e pela superação do individualismo e da exclusão social. A paróquia sinodal, como rede de comunidades, é apresentada como um caminho eficaz para fortalecer a comunhão e a missão evangelizadora.

A evangelização da cultura urbana exige uma profunda transformação da ação pastoral. A Igreja, ao se deparar com a complexidade e a dinâmica das cidades, precisa renovar suas estruturas e metodologias, buscando uma presença significativa e relevante na vida das pessoas. As pequenas comunidades eclesiais missionárias, ao promoverem a participação ativa dos fiéis e o diálogo com a cultura urbana, emergem como um caminho promissor para a evangelização. É fundamental que a Igreja se adapte às novas formas de sociabilidade e comunicação, utilizando as tecnologias digitais e as redes sociais como ferramentas para a evangelização. Assim, é preciso fortalecer os laços comunitários e cultivar a espiritualidade, oferecendo um espaço de acolhimento e crescimento.

## 2

### **A cultura, a cultura urbana e a evangelização da cultura e seus desdobramentos**

Nesta primeira parte apresentar-se-á a cultura e seus desdobramentos ao longo da história. A cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos. Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual se deve procurar conhecer para que faça sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações que passam.

Será explorada a compreensão de cultura nos diversos povos, nações, sociedades e grupos humanos, mostrando a riqueza das culturas nas suas relações. O Papa Francisco diz que

[...] muitos erros foram cometidos na história da evangelização ao querer impor apenas um modelo cultural uniforme. A uniformidade como regra de vida não é cristã. A unidade sim, mas a uniformidade não. Desta forma, a Igreja privou-se da riqueza de tantas expressões locais que têm em si as tradições culturais de povos inteiro.<sup>6</sup>

O objetivo é propor caminhos de Evangelização das Cidades apresentando considerações no contexto da crise e das transformações do mundo urbano na contemporaneidade tendo como base os Documentos da Igreja; as Conferências Episcopais Latino-Americanas e Caribe e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Na sequência, buscar-se-á aproximar, compreensivamente, as subjetividades urbanas e suas formas de relação com a religião, identificando as implicações pastorais e as exigências decorrentes da consecução de uma Evangelização das culturas presentes nas cidades e das culturas urbanas emergentes na sua macro dimensão, propondo-se elementos para a composição de um Novo paradigma de Evangelização das cidades. A discussão sobre cultura e seus desdobramentos ajudará iluminar a realidade pastoral na atualidade.

---

<sup>6</sup> FRANCISCO, PP., Catequese sobre a Carta aos Gálatas 11: a liberdade cristã, fermento universal de libertação. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco\\_20211013\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20211013_udienza-generale.html)>.

## **2.1 Cultura**

O processo de descobrir e compreender as culturas é uma experiência que a Igreja viveu desde os começos da pregação do Evangelho, pois “é próprio da pessoa humana necessitar da cultura para chegar à sua autêntica e plena realização”<sup>7</sup>. A análise da Cultura é uma preocupação contemporânea para o entendimento dos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações atuais e suas perspectivas de futuro. A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas.

Aqui será exposta brevemente o reconhecimento dos diferentes elementos e aplicações do Evangelho nas culturas. Espera-se que a Igreja trace seu próprio percurso com a atualização da pastoral sob o impulso de uma “Nova Evangelização”, em vista de uma renovada pastoral da cultura como o lugar privilegiado da mensagem de Cristo. As culturas são um modo de ser sobre o mistério do mundo e do homem.

O Pontificado do Papa Francisco tem mostrado um profundo interesse pela cultura dos povos. Ele sublinhou que “a Igreja tem em si, na própria natureza, uma abertura a todos os povos e culturas de todos os tempos, pois Cristo nasceu, morreu e ressuscitou por todos”<sup>8</sup>.

### **2.1.1 Definição**

Cultura é um conceito de muito sucesso<sup>9</sup>. A história “oficial” do conceito de Cultura teve sua introdução nas Ciências Sociais pelos antropólogos evolucionistas, no final do século XIX. No entanto, pode ser reconhecida a preocupação com os fenômenos que ela descreve já muito remotamente, sempre que algum pensador, em qualquer tempo ou lugar, dedicou-se a refletir sobre as tradições, dos costumes e crenças constitutivos da diferenciação entre os povos. O discurso do Apóstolo Paulo no Areópago é uma tentativa de introduzir o Evangelho na vida cultural das pessoas, estando em contato com as expressões de cada cultura humana (At 17, 22-34).

---

<sup>7</sup> GS 53.

<sup>8</sup> FRANCISCO, PP., Catequese sobre a Carta aos Gálatas 11: a liberdade cristã, fermento universal de libertação.

<sup>9</sup> Cf. KUPER, A., Cultura, a visão dos antropólogos, p. 285.

No seu percurso científico, foi primeiramente na antropologia que este conceito foi desenvolvido. Hoje, a cultura está longe de se restringir à antropologia e migrou para outros campos, onde literatos, linguistas, historiadores e ativistas políticos, entre outros, lançam mão da perspectiva cultural para expressarem suas convicções. A expansão do conceito de cultura levou alguns antropólogos a questionarem sua aplicabilidade, admitindo que ele passou a ser usado para explicar tantos fenômenos que já não chega a esclarecer muita coisa<sup>10</sup>.

A crítica ao positivismo científico ensina que a linguagem é uma ação significativa intrinsecamente ligada aos contextos sócio-históricos. Refazer os percursos de filiações teóricas de determinados conceitos é importante para evitar que se cristalizem definições que transmitem sentidos conforme o ambiente onde são utilizados, ou que tome como sinônimo aquilo que tem acepções diversas. É comum escutar, muitas vezes, as palavras “cultura”, “multiculturalismo”, “interculturalismo” ora como sinônimos, ora com sentidos muito específicos. O próprio conceito de cultura, desenvolvido ao longo da história da antropologia, teve sentidos que se difundiram para as diferentes áreas do conhecimento.

Edward Tylor, em 1871, redigiu a primeira definição moderna de cultura, tornando-se um ícone de sua escola teórica: “tomado em seu sentido etnográfico é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis costumes ou qualquer capacidade ou hábito adquirido pelo homem como membro de uma sociedade”<sup>11</sup>.

A preocupação central de Tylor era reconhecer a cultura como um fenômeno da natureza humana, independente da biologia ou da teologia. Introduziu a noção de unidade psíquica da espécie humana, definindo como tarefa para a antropologia o estabelecimento de uma escala de civilizações. O problema deste argumento era “a ideia de cultura desenvolver-se de maneira uniforme, de tal forma que era de se esperar que cada sociedade percorresse etapas que já tinham sido percorridas pelas sociedades mais avançadas”<sup>12</sup>.

As teorias antropológicas evolucionistas chegaram acompanhadas pelas teorias de evolução biológica e foram reafirmadas pela noção positivista da história. Desta forma, adquiriram grande popularidade e, ainda hoje, é muito frequente ouvir

---

<sup>10</sup> KUPER, A., Cultura, a visão dos antropólogos, p. 96.

<sup>11</sup> TYLOR, E., *apud* LARAIA, R. B., Cultura: um conceito antropológico, p. 25.

<sup>12</sup> LARAIA, R. B., Cultura: um conceito antropológico, p. 34.

suas teses serem resgatadas para explicar a diferença entre as sociedades.

Na perspectiva mencionada, alguns traços importantes merecem destaque, como os conceitos de progresso indefinido; da seleção natural; da linha de evolução que parte do simples e chega ao complexo, do igual ao diferente.

Destaca-se, diante das considerações, que a tendência teórica, a evolucionista, pressupõe que as mudanças que a humanidade passa, seguem leis definidas e que são aplicáveis para todas as sociedades humanas.

Os teóricos evolucionistas se baseavam no método dedutivo, ou seja, do geral para o particular. Através do método dedutivo, há, a priori, premissas que são entendidas como verdades gerais e, assim, buscam-se novos conhecimentos. Como diz:

Impulsionada pela analogia com a teoria da evolução biológica (Darwin publicara: a origem das espécies em 1859), essa linha buscava descobrir leis uniformes da evolução, partindo do pressuposto fundamental de uma igualdade geral da natureza humana. Em função disso, todos os diferentes povos deveriam progredir segundo os mesmos estágios sucessivos, únicos e obrigatórios – daí o uso que os evolucionistas fazem de “cultura humana” e “cultura sociedade humana”, sempre no singular. Esse substrato comum de toda a humanidade explicaria a ocorrência de elementos semelhantes em diferentes épocas e lugares do mundo. A comparação entre tais elementos permitiria esclarecer, não só esse caminho único da evolução da humanidade, como também o estágio no tempo em que cada povo se encontra. Obviamente, esses autores colocavam no ápice do processo de evolução a própria sociedade em que viviam.<sup>13</sup>

O antropólogo Franz Boas criticava o determinismo geográfico do método comparativo/evolucionista e, por conseguinte, negava a existência de uma linha de evolução geral no desenvolvimento cultural da humanidade. Segundo ele:

Não se pode dizer que a ocorrência do mesmo fenômeno sempre se deve às mesmas causas, nem que ela prove que a mente humana obedece às mesmas leis em todos os lugares. Temos que exigir que as causas a partir das quais o fenômeno se desenvolveu sejam investigadas, e que as comparações se restrinjam àqueles fenômenos que se provem se efeitos das mesmas causas.<sup>14</sup>

A crítica ao método comparativo/evolucionista é a impossibilidade de se traçar leis gerais para todos os povos. Pelo contrário, os estudos antropológicos devem considerar as culturas na sua individualidade. Muitos outros teóricos da corrente culturalista, como Boas, insistiam nessa crítica. Para o autor, diferente dos evolucionistas, o método antropológico deve possibilitar que a escala evolutiva das

---

<sup>13</sup> CASTRO, C., Apresentação. In: BOAS, F., Antropologia cultural, p. 15.

<sup>14</sup> BOAS, F., Antropologia cultural, p. 31-32.

sociedades se origina do agrupamento dos homens tido como “selvagens” ou “naturais” para chegar às “sociedades civilizadas”. Sua teoria fazia uma notória oposição à dos evolucionistas. Ainda acrescenta: “Um meio de reconstruir a história do desenvolvimento das ideias com uma precisão muito maior do que aquela permitida pelas generalizações do método comparativo”<sup>15</sup>.

Na atualidade, os estudos antropológicos contemplam novos conhecimentos, o que refuta as generalizações do método comparativo/ evolucionista, ou seja, rejeita a visão etnocêntrica do pensamento evolucionista. Essa desarticulação trouxe benesses para os estudos antropológicos, cuja ocupação abarca investigações bastante diversas. Portanto, busca compreender as origens das desigualdades sociais nas formas de cultura, tecnologia, economia, gênero e tantas outras.

A palavra cultura vem do latim *colere* (cultivar, cuidar, enobrecer ou melhorar), que é utilizado exclusivamente em processos naturais. Em um sentido literal, o termo cultura significa uma determinada maneira de ser do mundo circundante que o homem mudou e configurou, e ao mesmo tempo, designa o correspondente comportamento ativo do homem que leva a essa mudança e configuração<sup>16</sup>.

A concepção alemã faz uma distinção entre cultura e civilização; a civilização é entendida como o campo cultural configurado pela tecnologia, que está a serviço das necessidades externas da vida e dos fins utilitários. Nesse sentido, entende-se por civilização, em contraste com a cultura originalmente criativa, uma constituição da sociedade determinada preferencialmente por uma atitude racional em relação a um conjunto de fins<sup>17</sup>.

A concepção latina vê a civilização como cerne de toda cultura; a civilização é um conjunto de fenômenos sociais de forma variável. Este conjunto tem caráter religioso, moral, estético, técnico ou científico e é típico dos grupos da sociedade humana. É por isso que se fala das diferentes civilizações ou culturas, limitadas histórica ou geograficamente; e conseqüentemente o conceito de civilização coincide com o de cultura. O primeiro destaca mais o aspecto subjetivo, o segundo o objetivo. Como a cultura não existe na forma de uma sociedade humana perfeita

---

<sup>15</sup> BOAS, F., Antropologia cultural, p. 34.

<sup>16</sup> SCHERER, R., Cultura, p. 97.

<sup>17</sup> SCHERER, R., Cultura, p. 97.

em todos os aspectos, mas apenas sob formas relativamente limitadas, só se pode falar de uma cultura historicamente dada ou que acontece historicamente<sup>18</sup>.

Na Narrativa Bíblica da criação do ser humano, a compreensão do que é cultura já está anunciada. No livro do Gênesis, Deus confere aos seres humanos a incumbência de dominar as terras, as plantas e os animais. “E criou Deus o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus abençoou-os e disse-lhes: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (Gn 1,27-28). Ao expulsá-los do Jardim do Éden, em resposta a terem provado da sabedoria e dar possibilidade de escolha, remete-os ao mundo da cultura, ou seja, ao mundo em que os próprios seres humanos seriam os protagonistas e teriam de, através de suas próprias decisões, encontrar o caminho do bem. O ser humano é criado com a possibilidade e responsabilidade de ser protagonista de sua história. A cultura é o resultado dessa ação do ser humano que busca a construção de sua humanidade em harmonia com o sentido de sua existência<sup>19</sup>.

A cultura está ligada à atividade de transformação do mundo, na construção da comunidade humana em busca de sentido da vida. O ser humano, no exercício de sua criatividade e na condição de liberdade, está no centro da cultura. Ele a constrói, isto é, transforma o mundo que o cerca, através da sua capacidade de compreensão de si mesmo e das circunstâncias.

O tema da cultura é central no documento conciliar *Gaudium et Spes*. Ele tem por objetivo constituir degraus de reflexão a respeito da Igreja com o mundo e com a cultura. O termo é definido como:

Todas as coisas com as quais o homem aperfeiçoa e desenvolve as variáveis qualidades da alma e do corpo; procura submeter a seu poder pelo conhecimento e pelo trabalho o próprio orbe terrestre; torna a vida social mais humana, tanto na família quanto da comunidade civil.<sup>20</sup>

O texto apresenta a cultura em um aspecto histórico e etnológico. Assim, ao se referir à cultura, é preciso levar em consideração a multiplicidade e diversidade culturais<sup>21</sup>. A partir de uma perspectiva sociológica e antropológica, é próprio da pessoa humana necessitar por cultura para chegar a uma autêntica e plena realização, através do desenvolvimento dos bens e valores da natureza. Nesse

---

<sup>18</sup> SCHERER, R., Cultura, p. 97.

<sup>19</sup> GUERRIERO, S., Cultura. In: PASSOS, D. P.; SANCHEZ, W. L., Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 240.

<sup>20</sup> GS 53a.

<sup>21</sup> GS 53b.

sentido, não faz uma distinção dicotômica entre cultura e natureza. Assim explica a Comissão Internacional Teológica:

Para descrever ou definir a cultura, os antropólogos recorrem de bom grado à distinção, que por vezes aparece como oposição, entre natureza e cultura. Com efeito, a significação desta palavra natureza varia segundo as diferentes concepções das ciências experimentais, da filosofia e da teologia. O Magistério entende esta palavra num sentido bem preciso: a natureza de um ser é aquilo que o constitui como tal, com o dinamismo das suas tendências a caminho das suas próprias finalidades. As naturezas receberam de Deus o seu ser e os seus fins próprios e, desde esse instante, estão impregnadas de uma significação, em que o homem, enquanto imagem de Deus, é capaz de ler a intenção criadora de Deus.<sup>22</sup>

É próprio da pessoa humana não atingir a humanidade verdadeira e plena, senão, pela cultura, isto é, cultivando os bens e os valores da natureza<sup>23</sup>. Esse aspecto é importante de ser ressaltado, pois toda a formulação da antropologia social se deu opondo cultura e natureza.

As diferentes culturas respondem de maneiras diversas às questões fundamentais e constitui maneiras próprias de se relacionar com o mundo. Cada qual construiu ao seu modo uma civilização. O Concílio reconheceu essa inserção histórica do ser humano. Assim, com estes costumes recebidos, constrói-se o patrimônio próprio de cada comunidade humana. Constituiu-se um meio definido e histórico, no qual é inserido o homem de qualquer nação ou tempo e de onde ele tira os bens para promover a civilização humana<sup>24</sup>.

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, parte da compreensão de cultura a partir do documento conciliar *Gaudium et Spes*. E acrescenta a compreensão nestes termos:

Estratos da humanidade que se transformam: para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.<sup>25</sup>

A definição de cultura se aproxima cada vez mais do conceito de mentalidade, do jeito de compreender o mundo e com ele interagir. É a compreensão onde se aproxima a cultura e o Evangelho, buscando renovar o homem por dentro,

---

<sup>22</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, Fé e inculturação, n. 1.

<sup>23</sup> GS 53a

<sup>24</sup> GS 53c.

<sup>25</sup> EN 19.

configurando sua fé e vida. A *Evangelii Nuntiandi* reforça o princípio histórico ao afirmar que a cultura se dá a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus. Para Paulo VI, há uma distinção entre Evangelho e cultura: “O Evangelho, e conseqüentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas”<sup>26</sup>.

A Exortação trilha uma relação entre cultura e evangelização mostrando uma ruptura, que é sem dúvida um dos dramas de nossa época. É certo que os homens vivem condicionados pela cultura. A *Gaudium et Spes* diz que seria um paradoxo desvincular a evangelização da cultura:

É próprio da pessoa humana necessitar da cultura, isto é, de desenvolver os bens e valores da natureza, para chegar a uma autêntica e plena realização. Por isso, sempre que se trata da vida humana, natureza e cultura encontram-se intimamente ligadas. A palavra “cultura” indica, em geral, todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo.<sup>27</sup>

A Exortação menciona a Evangelização da cultura e das “culturas”<sup>28</sup>. No primeiro caso, trata-se de uma dimensão intrínseca do ser humano, antropológica; no segundo caso, trata-se de uma dimensão histórica, circunscrita aos diversos povos da Terra.

A diferença entre o Evangelho e cultura reside na diversidade de sujeitos que operam tais realidades: Deus, revelado em Cristo, e o homem, como criatura inserida no mundo. A natureza transcende do Evangelho, no âmbito da Revelação, impõem à Igreja a condição de não estar ligada de maneira exclusiva a alguma cultura.

Dentre os vínculos existentes entre Evangelho e cultura, um é de ordem teológica e o outro é de ordem antropológica. A cultura, como dimensão essencial da pessoa humana, está escrita no plano da salvação por meio de Cristo, que instaura seu Reino. Isso não ocorre à parte da cultura, pois é na cultura que o ser humano vive os valores do Reino de Deus. O vínculo de ordem teológica permite um enriquecimento recíproco, naquilo que a Igreja aporta à cultura, como também no quanto à cultura contribui ao ser e ao agir da Igreja. Assim, a cultura não é uma dimensão pacífica da Redenção, mas contribui com ela. O Evangelho eleva as

---

<sup>26</sup> EN 20.

<sup>27</sup> GS 53.

<sup>28</sup> EN 20.

culturas, pois é capaz de impregnar a todas sem escravizar nenhuma delas.

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Puebla, assumiu a questão da cultura como tema para a evangelização. A Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* se tornou base de reflexão e impulsionou a dimensão cultural da evangelização do documento de Puebla, constituindo os termos: “assunção” e “participação”. A ruptura entre o Evangelho e a cultura, já mencionada, foi significativa para dar passos em direção a uma “evangelização das culturas”<sup>29</sup>, progredindo para uma nova formulação de “assunção das culturas”, que é a marca registrada no documento de Puebla<sup>30</sup>.

O Documento de Puebla aponta que os aprendizados antropológicos modernos produzem uma bifurcação da evangelização no campo cultural entre uma “evangelização da cultura” e a “assunção das culturas”<sup>31</sup>. A assunção está próxima ao princípio da encarnação formulado por Santo Irineu: “O que não é assumido, não é redimido”<sup>32</sup>. “Assumir” o outro e sua cultura se tornou uma das chaves para a ação missionária de Puebla: “A Igreja, Povo de Deus, quando anuncia o Evangelho e os povos acolhem a fé, neles se encarna e assume suas culturas”<sup>33</sup>.

As culturas são assumidas pelos povos como sujeitos e encarnando-se e/ou inserindo-se em suas culturas. A assunção do outro, na Igreja, é a adaptação e transformação aos padrões culturais dos povos evangelizados.

A “cultura” foi definida por Puebla como encarnar-se, seguindo a *Gaudium et Spes*<sup>34</sup>, e prosseguindo por um conceito integral<sup>35</sup>. O anúncio nas culturas é precedido pela “assunção” delas, fora da assunção cultural prévia, não existe evangelização, porque não existe comunicação. “Assumir uma cultura significa comunicar-se, assumir seus códigos, expressar os mistérios de salvação numa nova linguagem simbólica e nas suas múltiplas línguas. Assumir não significa identificar. Trata-se de uma “estreita vinculação”<sup>36</sup>.

O princípio da assunção/encarnação tem, segundo Puebla, seu fundamento

---

<sup>29</sup> EN 20.

<sup>30</sup> DP 400.

<sup>31</sup> DP 385-443.

<sup>32</sup> DP 400.

<sup>33</sup> DP 400.

<sup>34</sup> GS 53.

<sup>35</sup> DP 386-393.

<sup>36</sup> DP 400.

teológico no “Verbo que se fez carne e habitou entre nós”<sup>37</sup>. O Documento de Puebla inspirada no mistério da encarnação enfatiza a importância do encontro com os povos onde, historicamente, é celebrado pela liturgia, vivido nos ministérios e na assunção da religiosidade popular<sup>38</sup>. Em vista da “redenção integral”, a assunção da realidade de um povo e de sua cultura, significa “projeto de vida”, em vista da “redenção integral”.

A IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo, traz uma reflexão de Cultura, conclamando por uma Nova Evangelização e à promoção da cultura pautada nos valores da vida, dizendo:

Embora o Evangelho não se identifique com nenhuma cultura em particular, deve sim inspirá-las para, desta maneira, as transformar a partir de dentro, enriquecendo-as com aqueles valores cristãos que derivam da fé. Na verdade, a evangelização das culturas representa a forma mais profunda e global de evangelizar uma sociedade, porque, através dela, a mensagem de Cristo penetra nas consciências das pessoas e se projeta no “ethos” de um povo, nas suas atitudes vitais, nas suas instituições e em todas as estruturas.<sup>39</sup>

A preocupação da Igreja é o anúncio de Jesus Cristo às culturas, que é também o objeto de sua missão. Isto exige o discernimento das culturas como realidade humana a evangelizar e, conseqüentemente, a urgência de um novo tipo de obra evangelizadora<sup>40</sup>.

O objetivo do Documento é o anúncio de Jesus Cristo, mesmo diante de uma cultura fragilizada e com a ausência dos valores do Evangelho dentro das culturas. O documento fala com ênfase de um racionalismo e de uma subjetividade que contrapõem o Evangelho. Sugere um novo discernimento pastoral, com a força da Palavra em benefício da coletividade.

O conceito de cultura sofre evolução, mostrando que o ser humano precisa resgatar a sua história e planejar o seu futuro. Pode-se constatar que o Evangelho continua sendo essencial para fazer as hermenêuticas com a realidade e a cultura.

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Aparecida, descreve a cultura, compreendida pela Antropologia Cultural<sup>41</sup>, como:

---

<sup>37</sup> DP 188.

<sup>38</sup> DP 457; 469.

<sup>39</sup> CELAM, Documento de Santo Domingo, n. 20.

<sup>40</sup> CELAM, Documento de Santo Domingo, n. 20.

<sup>41</sup> “A antropologia cultural estuda o social em sua evolução, e particularmente sob o ângulo dos processos de contato, difusão, interação e aculturação, isto é, de adoção (ou imposição) das normas de uma cultura por outra”. LAPLANTINE, F., Aprender antropologia, p. 95-98.

A cultura, em sua compreensão mais extensa, representa o modo particular com que os homens e os povos cultivam sua relação com a natureza e com seus irmãos, consigo mesmos e com Deus, a fim de conseguir uma existência plenamente humana. Enquanto tal, a cultura é patrimônio comum dos povos e da América Latina.<sup>42</sup>

A definição assinala a visão própria de cada cultura com relação à realidade, à organização social, aos desafios da natureza, à vida familiar, o *ethos* dela decorrente com incidência decisiva na vida cotidiana.

O documento apresenta uma fé que passa pela cultura dos povos, na arte, na música, na literatura e tantas outras manifestações. Nelas se vê a identidade do ser humano e da coletividade. O declínio da objetividade que distancia e torna o mundo relativo, isenta o ser humano da responsabilidade diante da vida.

O Papa Joao Paulo II, partindo do conceito de cultura, já mencionados na *Gaudium et Spes* e na *Evangelii Nuntiandi*, descreve que o vínculo orgânico e constitutivo que existe entre o cristianismo e a cultura, é um laço do Evangelho com o homem. A *Gaudium et Spes*, descreve: “permitir a todo o homem como aos grupos sociais de qualquer povo poderem alcançar o pleno desenvolvimento da sua vida cultural, em conformidade com as suas qualidades e as suas tradições”<sup>43</sup>.

O Papa Joao Paulo II, ao escrever uma carta ao secretário de Estado, na qual foi instituído o Pontifício Conselho para a Cultura, diz que a cultura é:

Aquilo pelo qual o homem, enquanto homem, se torna mais homem, está em jogo, nela, o destino mesmo do homem. Daqui a importância para a Igreja, que é responsável dele, de uma ação pastoral atenta e clarividente, a respeito da cultura, em particular da que é chamada cultura viva, ou seja, o conjunto dos princípios e dos valores que formam o *ethos* de um povo: A síntese entre cultura e fé não é só uma exigência da cultura, mas também da fé... Uma fé que não se torna cultura é uma fé não de modo pleno acolhida, não inteiramente pensada e nem com fidelidade vivida.<sup>44</sup>

O profundo humanismo do Papa e a sua proximidade física com o Povo de Deus foi a linguagem cultural que superou as contradições no que se refere a questões disciplinares e sociológicas, pelo que foi compreendida numa época marcada pela diversidade das culturas em que a fé e a religiosidade se tornam cada vez mais nômadas e itinerantes.

---

<sup>42</sup> DAp 476.

<sup>43</sup> GS 60.

<sup>44</sup> CARTA do Papa Joao Paulo II ao secretário de Estado Mediante a qual é instituído o Pontifício conselho para a cultura. 20 de maio de 1982. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1982/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19820520\\_foundation-letter.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1982/documents/hf_jp-ii_let_19820520_foundation-letter.html)>.

O Papa Francisco, ao falar de cultura, ilumina a realidade na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

A noção de cultura é um instrumento precioso para compreender as diversas expressões da vida cristã que existem no povo de Deus. Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus. Assim entendida, a cultura abrange a totalidade da vida de um povo.<sup>45</sup>

A idéia de cultura deve incluir as suas várias expressões. Um povo com muitos rostos é como Francisco define o Povo de Deus que “encarna-se nos povos da Terra, cada um dos quais tem a sua cultura própria”<sup>46</sup>. Ao longo da história, a fé tem sido recebida e transmitida por inúmeros povos “segundo as próprias modalidades culturais”. Nos diferentes povos e culturas, “a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra a beleza do seu rosto pluriforme”<sup>47</sup>.

A carta encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa continua:

A palavra ‘cultura’ indica algo que penetrou no povo, nas suas convicções mais profundas e no seu estilo de vida. Quando falamos de uma ‘cultura’, trata-se de algo mais que uma ideia ou uma abstração: inclui as aspirações, o entusiasmo e, última análise, um modelo de viver que caracteriza aquele grupo humano. Assim, falar de uma ‘cultura do encontro’, significa que, como povo, somos apaixonados por querer encontrar-nos, procurar pontos de contato, construir pontes, planejar algo que envolva a todos. Isso tornou-se uma aspiração e um estilo de vida. O sujeito dessa cultura é o povo, não o setor de uma sociedade que tenta manter tranquilo o resto com recursos profissionais e mediáticos.<sup>48</sup>

O Papa mostra um novo *ethos* cultural que se abre na perspectiva do povo, um olhar que o Concílio Vaticano II já identificava na sociedade entre as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”<sup>49</sup>. A cultura que Francisco interpreta, revela a Tradição da Igreja. É uma consciência eclesial que foi despertada no Magistério Eclesial, mas desafiada pela fragmentação da verdade e do pragmatismo utilitarista.

### 2.1.2

#### A Cultura e seus aspectos

A cultura tem um aspecto objetivo, no sentido de uma obra realizada que vem da criação humana e que os homens encontram no meio da história como algo

---

<sup>45</sup> EG 115.

<sup>46</sup> EG 115.

<sup>47</sup> EG 116.

<sup>48</sup> FT 216.

<sup>49</sup> GS 1.

configurado objetivamente. Mas, uma vez que a cultura, neste sentido objetivo, só pode estar efetivamente viva em relação ao homem, os aspectos subjetivos da cultura como tal, nunca podem ser isolados do aspecto objetivo, seja como um ato criativo, seja como um ato de continuação e recepção. Ambos os aspectos pertencem à cultura viva<sup>50</sup>.

A III Conferência do Episcopado Latino-Americano realizada em Puebla mostra que:

A cultura é uma atividade criadora do homem pela qual ele responde à vocação de Deus que lhe pede que aperfeiçoe toda a criação (Gênese) e nela as próprias capacidades e qualidades espirituais e corporais. A cultura vai-se formando e transformando à base de uma contínua experiência histórica e vital dos povos. Transmite-se através de um processo de tradição genealógica. O homem, portanto, nasce e desenvolve-se no seio de uma determinada sociedade, condicionado e enriquecido por uma cultura particular. Ele recebe-a e modifica-a criativamente e continua a transmiti-la. A cultura é uma realidade histórica e social. Sempre submetidas a novos desenvolvimentos, à interpenetração e ao encontro recíprocos, passam as culturas, em seu processo histórico, por períodos em que se veem desafiadas por novos valores ou desvalores e pela necessidade de realização de novas sínteses vitais.<sup>51</sup>

A formação como cultura subjetiva não é possível sem a presença histórica dos valores formativos ou dos bens objetivos da cultura. Da mesma forma, a cultura objetiva, entendida como o conjunto de valores culturais, e a cultura subjetiva, como o desenvolvimento de indivíduos ou grupos, não se sustentam nem existem de forma indenpedente ou isolada. Ambos os aspectos da cultura estão inseridos no fluxo das tradições históricas, cuja vida e morte dependem da conquista ou fracasso nesta relação recíproca entre cultura objetiva e subjetiva. Os costumes são fatores de criação da cultura, e sua tendência ascendente ou descendente pode ser medida por uma cultura determinada, desde que se tenha em mente a vivacidade da referida relação recíproca. É inegável que existem fenômenos de decadência moral dentro da cultura objetivamente elevados, mas que não são mais realizados subjetivamente.

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, de Aparecida, revela sua preocupação com o acentuado grau de subjetivismo individualista. Ao analisar a situação sociocultural, sobretudo da América Latina e Caribe, o Documento afirma:

---

<sup>50</sup> SCHERER, R., Cultura, p. 98.

<sup>51</sup> DP 391-393.

Também se verifica uma tendência para a afirmação exasperada de direitos individualistas e subjetivos. Essa busca é pragmática e imediatista, sem preocupações com critérios éticos. A afirmação dos direitos individuais e subjetivos, sem um esforço semelhante para garantir os direitos sociais, culturais e solidários, resulta em prejuízo da dignidade de todos, especialmente daqueles que são mais pobres e vulneráveis.<sup>52</sup>

O ideal coletivo visível, nos engajamentos sociotransformadores, foi sendo substituído por uma maior preocupação com as necessidades pessoais.

Segundo Alfonso Garcia Rubio: “um subjetivismo radicalmente individualista predomina na visão do ser humano, própria desta sensibilidade pós-moderna. O princípio a nortear a vida de muitas pessoas parece ser: a resposta é boa, quando funciona bem para mim”<sup>53</sup>.

O alto índice de individualismo é reinante na atual cultura, que busca de forma desenfreada o consumismo como realização imediata. Assim se compreende a lógica e a abrangência da globalização e do neoliberalismo, realidades essas centrais nas preocupações do Documento de Aparecida<sup>54</sup>.

O crescimento e progresso da cultura humana têm os seus limites na condição histórica da vida do homem. O objetivo infinito da aspiração humana manifesta-se na situação histórica, cujas possibilidades culturais são limitadas. As gerações se comportam diante da tradição cultural de tal forma que faz uma seleção do que foi transmitido. Com efeito, uma geração começa por rejeitar o que a geração anterior considerava valioso, pois a partir da sua nova posição descobre possibilidades que ainda não dominou, e só mobiliza as suas forças para uma evolução posterior se excluir ou esquecer a anterior. Através deste percurso de evolução cultural, pode-se compreender que as repetições ocorrem ao longo dos séculos e que o percurso da cultura não é progressivo em linha reta<sup>55</sup>.

A cultura é por natureza um fenômeno social, embora a sua realização só seja possível através do indivíduo e do encontro espiritual com o outro. Naturalmente, este encontro já pressupõe um mundo cultural objetivo, que se encontra nas mais diversas tradições. Esse processo histórico de encontro cultural é impulsionado pela iniciativa de indivíduos que formam uma minoria seleta e criam um espaço espiritual. Nesse ambiente, outros indivíduos são continuamente inspirados e

---

<sup>52</sup> DAp 47.

<sup>53</sup> RÚBIO, A. G., *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristão*, p. 46.

<sup>54</sup> DAp 60-73.

<sup>55</sup> SCHERER, R., *Cultura*, p. 99.

encontram, nesse contexto, sua verdadeira pátria espiritual. O fato de uma minoria seleta conseguir agir de acordo com as suas aspirações significa que o mundo que os rodeia lhes deixa o espaço de que necessitam para garantir a duração e a consistência da cultura.

A solidariedade, ao mesmo tempo cheia de tensões, entre cultura e poder, torna compreensível que os líderes políticos tenham tentado repetidamente alcançar a unidade cultural das cidades, colocando-o à força. As guerras foram realizadas como cruzadas culturais contra a barbárie. Mas, precisamente, a tentativa de impor uma cultura pela mera força surge como uma contradição interna com a essência da cultura, pois essa, apesar da disposição espiritual e do esforço que exige, não se pode impor. O Papa João Paulo II no discurso aos membros do Pontifício Conselho para a Cultura, diz:

É necessário trabalhar para a aproximação entre as culturas, de modo que os valores universais do homem sejam acolhidos em toda a parte num espírito de fraternidade e de solidariedade. Evangelizar supõe, portanto, ao mesmo tempo penetrar as identidades culturais específicas, mas também favorecer o intercâmbio das culturas, abrindo-as aos valores da universalidade e, diria mesmo, da catolicidade.<sup>56</sup>

A cultura necessita de um espaço de liberdade espiritual, que o Estado tem o dever fundamental de conceder e manter; e somente dentro desse espaço o *eros* espiritual é capaz de ação igualmente espiritual. Se a cultura é tomada como expressão da vida espiritual de um povo, vê-se imediatamente que a cultura se reflete no estado relativo deste movimento, e isto tanto sob o aspecto objetivo, no fluxo fixo de certos bens culturais, como sob o aspecto subjetivo, no grau de vitalidade do respectivo estado de formação de um povo. O indivíduo encontra na forma de tradições, pelas quais se sente chamado a posicionar-se em relação aos bens culturais, apropriando-se deles pessoalmente. Dependendo da amplitude e da densidade dessa apropriação, o homem conhecerá e poderá interpretar a história dos seus antepassados. A história, como conhecimento do próprio passado e a cultura, está em uma relação recíproca<sup>57</sup>.

A cultura do trabalho passa por profundas transformações que não deixam de ter consequências sobre o lazer e as atividades culturais. Fica expresso que cultura só acontece onde existe lazer. Aqui deve-se entender o lazer, em oposição ao mero

---

<sup>56</sup> JOÃO PAULO II, PP., Discurso aos Membros do Pontifício Conselho para a Cultura, 18 de janeiro de 1983, n. 5.

<sup>57</sup> SCHERER, R., Cultura, p. 100.

tempo livre, o ato daquela liberdade interior que o homem deve cultivar e manter em si mesmo para que as suas aspirações não sejam subjugadas por objetivos imediatos e mantenha o seu olhar livre para o que está acima do imediato e do sucesso prático. O lazer é fruto do recolhimento do espírito, é o espaço interior da liberdade, que permanece fechado e ineficaz sempre que o homem se deixa levar pelas coisas imediatas da vida sem nunca entrar em si mesmo<sup>58</sup>.

Este esforço para manter os orçamentos da cultura não pode ser uma questão apenas do indivíduo, hoje menos ainda porque o indivíduo, visto externamente, está inserido num processo de criação, que talvez ainda lhe deixe liberdade externa, mas que o incapacita cada vez mais para fazer uso criativo desta liberdade.

O lazer está em relação essencial com a cultura, da mesma forma que o culto religioso como forma de expressão da comunidade está no berço de toda evolução cultural. Vale ressaltar a referência espiritual entre culto e cultura que, mesmo nas formas de expressão do homem com força criativa, que revelam sua condição de criatura em relação ao criador, entram em jogo muito mais coisas do que meras forças racionais. Tropeça-se no poder simbólico da criação e da experiência humana, tão decisivas, para além do que é atual, não só para o mundo da arte, mas também para o mundo dos usos e dos costumes. A fonte destas formas de intuição sensível está na liberdade do homem, que é imagem da liberdade criativa de Deus<sup>59</sup>.

A religião, na qual o homem se coloca à disposição de Deus, é uma das fontes mais essenciais da cultura. Ela desmascara uma certa representação da cultura, pois a ideia de que a referência correta do homem à cultura reside no consumo de bens culturais, é uma ideia induzida pela tecnologia, uma vez que oferece ao homem moderno, sem dificuldade, um número imenso de tais bens. O que é decisivo para a vida efetiva de uma cultura não é a soma existente de valores culturais objetivos, mas o que o homem faz com eles para si e para os seus semelhantes.

### **2.1.3**

#### **Unidade e variedade das culturas**

O Papa Francisco disse que no chamado à liberdade, descobre-se o verdadeiro significado da inculturação do Evangelho, ou seja, que o Evangelho entra a cultura na qual vive a comunidade cristã, respeitando o que é bom e verdadeiro nas culturas.

---

<sup>58</sup> SCHERER, R., Cultura, p. 100.

<sup>59</sup> SCHERER, R., Cultura, p. 101.

Há muitas tentações de impor o próprio modelo de vida como se fosse o mais evoluído e desejável. Quantos erros foram cometidos na história da evangelização ao querer impor um modelo cultural.

A uniformidade como regra de vida não é cristã. A unidade sim, mas a uniformidade não. Por vezes, nem sequer renunciaram à violência a fim de fazer prevalecer o próprio ponto de vista. Pensemos nas guerras! Desta forma, a Igreja privou-se da riqueza de tantas expressões locais que têm em si as tradições culturais de povos inteiros. Mas isto é exatamente o oposto da liberdade cristã.<sup>60</sup>

O Papa destaca a necessidade de respeitar a origem cultural de cada pessoa, colocando-a num espaço de liberdade que não seja restringido por qualquer imposição ditada por uma única cultura predominante. Isso significa que a Igreja tem em si, na própria natureza, uma abertura a todos os povos e culturas. A cultura está, pela sua natureza, em contínua transformação. O Evangelho deve ser proclamado em grandes mudanças culturais, principalmente, nos ambientes tecnológicos cada vez mais avançados.

Na cultura dominante, ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório. O real cede o lugar à aparência. A globalização comportou uma acelerada deterioração das raízes culturais com a invasão de tendências pertencentes a outras culturas, economicamente desenvolvidas, mas eticamente debilitadas<sup>61</sup>.

A unidade e a paz dos povos no sentido da cultura supõem precisamente a conservação da variedade e da diversidade dos mundos espirituais. A unidade e a liberdade são alcançadas quando cada povo se esforça para respeitar e compreender a diversidade do outro. No discurso de João Paulo II, ele chama a atenção para a dificuldade de compreender a variedade de culturas, costumes, tradições e civilizações<sup>62</sup>.

O Concílio Vaticano II reconheceu uma ruptura dramática entre Igreja e cultura<sup>63</sup>. O Papa João Paulo II afirmou que o diálogo da Igreja com as culturas reveste-se em grande importância para o futuro da Igreja e do mundo. Ele insistiu

---

<sup>60</sup> FRANCISCO, PP., Catequese sobre a Carta aos Gálatas 11: a liberdade cristã, fermento universal de libertação.

<sup>61</sup> EG 62.

<sup>62</sup> JOÃO PAULO II, PP., Discurso aos Membros do Pontifício Conselho para a cultura, 18 de janeiro de 1983, n. 2.

<sup>63</sup> JOÃO PAULO II, PP., Discurso aos Membros do Pontifício Conselho para a cultura, 18 de janeiro de 1983, n. 2.

sobre dois aspectos principais que são correspondentes aos dois níveis em que a Igreja exerce a sua ação: no primeiro nível, o da evangelização das culturas e o da defesa do homem; e, no segundo, o da sua promoção cultural. Estas tarefas exigem que sejam definidos os novos caminhos do diálogo da Igreja com as culturas<sup>64</sup>.

A necessidade de respeitar a riqueza criativa do indivíduo no espírito de determinados povos e pessoas é a lei da propaganda cultural entre grupos específicos. É importante distinguir o espaço de ação na sua luta contra a falta de cultura com o trabalho cultural propriamente dito. A organização do trabalho cultural é importante, mas não define a cultura em sua totalidade. Ela será fértil em relação à conservação e à promoção da cultura, pois a autêntica liberdade pessoal, é a primeira fonte da vida criativa.

As condições de vida do homem moderno sofreram profundas transformações no campo social, técnico e cultural, por isso é lícito falar de numa nova era da história humana. Novos caminhos se abrem ao progresso e difusão da cultura, preparados pelo imenso avanço das ciências naturais, humanas e sociais, pelo desenvolvimento das técnicas e pelo progresso no aperfeiçoamento e coordenação dos meios de comunicação. A tecnologia oferece ao homem um maior espaço de liberdade e quer contribuir para a convivência pacífica entre os homens, ela própria se torna um fator cultural. A técnica, no sentido de uma organização racional da comunicação humana, pode ser reivindicada para o serviço da transmissão da cultura<sup>65</sup>.

#### **2.1.4**

##### **Crises culturais e suas razões**

Os processos de crise ocorrem na sucessão de povos ou gerações que, devido a mudanças e deslocamentos no mundo das experiências íntimas, condicionados por desordens políticas ou sociais, já não se entendem; a imagem do mundo e do homem que existia, é posta em causa e a expectativa do que está por vir, retorna com novas ideias. O mesmo acontece depois de lutas violentas entre povos de culturas diferentes. Neste caso, ou se consegue uma síntese entre o antigo e o novo, ou a cultura superior de uma cidade desloca a do outro e depois a cultura que sai

---

<sup>64</sup> JOÃO PAULO II, PP., Discurso aos Membros do Pontifício Conselho para a cultura, 18 de janeiro de 1983, n. 4.

<sup>65</sup> GS 54.

vitoriosa nem sempre é a do vencedor. O encontro entre religião e cultura raras vezes se consolida, sem crise<sup>66</sup>.

O Documento de Aparecida demonstra que os povos da América Latina e do Caribe vivem uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas<sup>67</sup>. A novidade dessas mudanças, diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm alcance global que, com diferenças e variedades, afetam o mundo inteiro e são caracterizadas como fenômeno da globalização. Um fator determinante é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, não obstante as distâncias geográficas. A história se acelerou e as próprias mudanças se tornam vertiginosas, visto que se comunica com grande velocidade a todos os cantos do planeta<sup>68</sup>.

A história da cultura estuda as leis de crescimento e mudança das culturas nas diferentes formas sociais, e considera cada vez mais a mudança nas estruturas sociais dos sujeitos da cultura. O fato de a liberdade ser a fonte de toda cultura<sup>69</sup>, significa que esta liberdade se torna concreta na suposição de que os homens desfrutam de liberdade política e econômica. Os cidadãos livres eram sujeitos de cultura, enquanto os escravos eram excluídos dela. A história mostra como os povos ou camadas oprimidas e escravizadas são conquistados por revoluções de direitos iguais para entrar ativamente na história da cultura; como as pessoas derrubam sistemas políticos e econômicos porque estão convencidas de que fecham o caminho para a liberdade e, portanto, da cultura.

No tempo moderno, industrial e democrático, a lei tornou-se reconhecida de que os valores culturais devem ser acessíveis a todos, e que têm os mesmos direitos políticos e econômicos. O mundo organizado de maneira igualitária não pode conhecer os diferentes graus de benefício e a ordem espiritual de hierarquias, onde a diferença de liberdade interior é fonte primária de toda cultura. Neste fato inextinguível de serviço e de hierarquia espiritual, expressa-se a ordem da liberdade, que deve ser mantida, protegida e favorecida. Esta ordem interior de

---

<sup>66</sup> SCHERER, R., Cultura, p. 104.

<sup>67</sup> DAp 33.

<sup>68</sup> DAp 34.

<sup>69</sup> SCHERER, R., Cultura, p. 103-104.

liberdade é precisamente a alma da cultura. Quando esta ordem é violada, surgem crises<sup>70</sup>.

As mudanças de época não são de todo negativas. Se, por um lado, não podemos negar o caráter desconcertante destes períodos, pois eles nos tiram o chão da existência, por outro, as mudanças de época são momentos muito propícios para o crescimento pessoal e comunitário. Isto acontece porque, ao retirar o chão das garantias histórico-culturais, as mudanças de época nos empurram para aquilo que é essencial em nossas vidas. Pedem uma revisão em nossa identidade<sup>71</sup>.

A cultura não deve ser tratada como algo objetivo, passível de comparação direta com outras ou divisível em partes isoladas. Assim como a presença da alma ou da vida é percebida na harmonia funcional de um organismo complexo, a cultura se manifesta como um todo integrado. A ausência de qualquer função dentro do intrincado organismo da história representa sempre um risco para a preservação e continuidade da cultura.

Para descrever a realidade, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019 expõem:

Mudanças de época, de fato, afetam os critérios de compreensão, os valores mais profundos, a partir dos quais se afirmam identidades e se estabelecem ações e relações. Além disso, constata-se o aumento progressivo do relativismo, a ausência de referências sólidas, o excesso de informações, a superficialidade, o desejo a qualquer custo de conforto e facilidades, a aceleração do tempo, trazendo desafios existenciais e produzindo incertezas, precariedade, insegurança, inquietação. Surgem ou se agravam tendências desafiadoras como o individualismo, o fundamentalismo, o relativismo e diversas formas de unilateralismos. A atual crise cultural atinge, de modo particular, a família.<sup>72</sup>

A época de mudanças dos nossos dias, é uma verdadeira mudança de época. São situações que, embora parecidas, distinguem-se o nível de afetação e geram consequências. Em comum, as duas têm a realidade das transformações num nível elevado. Diferem, entretanto, no grau em que estas transformações atingem a vida das pessoas e povos. As épocas de mudança têm efeitos menos abrangentes que as mudanças de época.

As épocas de mudança colocam diante da realidade um conjunto de fatos novos, com os quais vai-se interagir baseados em critérios solidamente estabelecidos. As mudanças de época ultrapassam os limites dos fatos novos e

---

<sup>70</sup> SCHERER, R., *Cultura*, p. 103-104.

<sup>71</sup> AMADO, J. P., *Igreja no mundo em mudança*, p. 5.

<sup>72</sup> CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019*, n. 21.

chegam até os critérios, fazendo com que não exista tanta clareza do que seja, tenha, creia ou sonhe. As épocas de mudança atingem o ver a realidade. As mudanças de época atingem o julgar<sup>73</sup>.

A evolução da cultura acontece na história, em parte organicamente, em parte por erupção revolucionária, de acordo com a forma como ocorre o encontro entre grupos humanos e entre povos particulares. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, diz:

Cada povo, na sua evolução histórica, desenvolve a própria cultura com legítima autonomia. Isso fica-se a dever ao fato de que a pessoa humana, por sua natureza, necessita absolutamente da vida social e mantém contínua referência à sociedade, na qual vive uma maneira concreta de se relacionar com a realidade. O ser humano está sempre culturalmente situado: natureza e cultura encontram-se intimamente ligadas. A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe.<sup>74</sup>

A Exortação distingue diversos estágios, alguns próximos das culturas primitivas e outros das chamadas culturas superiores.

## 2.2

### Cultura Urbana

O cristianismo desenvolveu-se no meio urbano e passou por transformações na Idade Média, com o surgimento da paróquia no meio rural. Os fenômenos industrialização e urbanização transformaram as cidades em centros, cuja prática religiosa se enfraqueceu. A cidade expõe diferentes problemas, que afetam o modo de ação pastoral da Igreja e outros, que atingem a própria percepção da fé. É necessário reinterpretar e assumir uma posição profética diante da sociedade através de uma ação pastoral urbana.

O Concílio Vaticano II, ao refletir sobre a cultura urbana, ensina que é preciso reconhecer uma autonomia que está baseada em princípios próprios, mas que deve rejeitar a doutrina que constrói uma sociedade prescindindo a religião, que ataca a liberdade religiosa dos cidadãos<sup>75</sup>. As diversas transformações aceleraram o processo de urbanização surgindo novas formas de cultura<sup>76</sup>, onde acontecem complexas mudanças socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas que

---

<sup>73</sup> EN 19: “Atingem os “critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade”.

<sup>74</sup> EG 115.

<sup>75</sup> LG 36.

<sup>76</sup> GS 4.

impactam as dimensões da vida.

O Documento de Aparecida afirma que a cultura urbana é híbrida, dinâmica e mutável<sup>77</sup>, portanto, os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos. Ele convida os leigos e presbíteros a abandonarem as atitudes de medo em relação a uma pastoral urbana e excluir as atitudes de apego a métodos antigos, que são inadequados; ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, em suas dores e dificuldades.

A cultura urbana surge a partir de uma forma concreta de fazer uso do espaço urbano. O Documento de Aparecida aponta para a cultura como sendo a grande porta de entrada ao contexto urbano e ao ser humano cidadão. A *urbe* exerce uma influência sobre seus habitantes, pois desperta neles seus sentidos, abre o ser humano para a vida e a si mesmo. É através da linguagem urbana que o anúncio do Evangelho tem chance de entrar na vida das pessoas. É passando através da porta da cultura urbana que o acesso à casa e à vida das pessoas é possibilitado.

### 2.2.1

#### Cultura Urbana e sua história

A história dos cristãos está intrinsicamente ligada a história das cidades. A expansão do cristianismo se constituiu através das cidades. O surgimento das cidades, a partir do século XI, trouxe desafios às estruturas eclesiais centradas na paróquia, que foram desenvolvidas no feudalismo, mas não foram adotadas medidas para responder a esses desafios. Essas mudanças trouxeram uma nova visão de compreender o mundo que considerava positiva as realidades terrestres.

Tomás de Aquino fez parte do movimento de ida ao mundo, no século XI e contribuiu com a valorização das realidades terrestres por parte da teologia<sup>78</sup>. Essa atitude diante da realidade, incluía a preocupação com o desenvolvimento do pensamento cristão nas cidades e foi importante no processo de aproximação da Igreja com a nova realidade.

Os sermões de Alberto Magno, no século XIII, foram cruciais para o diálogo com a cidade. Os sermões propunham uma teologia e espiritualidade da cidade<sup>79</sup>. A existência de uma reflexão teológica favorável ao mundo urbano demonstrava a

---

<sup>77</sup> DAp 58.

<sup>78</sup> BASTIT, M., Nascimento da lei moderna: o pensamento da lei de Santo Tomás de Aquino a Suarez, p. 26.

<sup>79</sup> LE GOFF, J., As raízes medievais da Europa, p. 145.

presença de cristãos nas cidades.

O Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, compreende a cidade como espaço urbano. Ela reconhece que cresce a civilização urbana, não só pela multiplicação das cidades e de seus habitantes, mas pela expansão do modo de vida urbano à zonas rurais, afirmando que a humanidade vive profundas e rápidas transformações provocadas pela modernidade. Entre as transformações, indica o surgimento do mundo urbano-industrial, que denomina civilização urbana<sup>80</sup>, localizando-a no contexto de uma “nova época da história humana”, o que leva ao aparecimento de uma “forma mais universal de cultura humana”<sup>81</sup>.

Essa expansão se dá tanto em virtude do êxodo rural, fenômeno muito próprio do processo de urbanização, como pela disseminação do estilo de vida urbano entre as populações rurais. O documento reconhece que a vida urbana ultrapassou as fronteiras das cidades e atingiu o mundo rural. As tecnologias influenciaram na reorganização dos espaços.

A perspectiva antropológica é central na teologia das culturas do Concílio<sup>82</sup> e na proposta de evangelizar as culturas segundo Paulo VI<sup>83</sup>. O enfoque teológico inclui uma antropologia cultural, que indica o fenômeno social e histórico das culturas e uma cultura antropológica, que pensa o cultivo integral do ser humano para alcançar “uma autêntica e plena realização”<sup>84</sup>. É no diálogo da Igreja com a modernidade, que a civilização e as culturas particulares se cruzam e a Igreja alcança uma ampla perspectiva mundial.

O Documento de Aparecida destaca a complexidade da cultura urbana e informa que as cidades tornaram-se “laboratórios dessa cultura contemporânea complexa e plural”<sup>85</sup>. “O mundo urbano se converteu em lugar próprio das novas culturas que se vão gestando e se impondo, com nova linguagem e nova simbologia”<sup>86</sup>, uma mentalidade que não se restringe apenas ao mundo citadino, mas interfere também no mundo rural.

Na cidade, “convivem diferentes categorias sociais, tais como as elites

---

<sup>80</sup> GS 6.

<sup>81</sup> GS 54.

<sup>82</sup> GS 53-58.

<sup>83</sup> EN 18-20.

<sup>84</sup> GS 53.

<sup>85</sup> DAp 509.

<sup>86</sup> DAp 510.

econômicas, sociais e políticas, a classe média com seus diferentes níveis e a grande multidão dos pobres”, bem como coexistem binômios que a desafiam cotidianamente: tradição-modernidade; globalidade-particularidade; inclusão-exclusão; personalização-despersonalização; linguagem secular-linguagem religiosa; homogeneidade-pluralidade, cultura urbana-pluriculturalismo<sup>87</sup>.

A Igreja formou-se nas grandes cidades de seu tempo e se serviu delas para se propagar, mas há a percepção do sentimento de medo em relação à pastoral urbana, o que leva a se refugiar em métodos antigos e a assumir uma atitude de defesa diante da nova cultura<sup>88</sup>. Diante dos desafios, as reações variam, desde sentimentos de temor, pessimismo e impotência até atitudes contrárias, como ousadia, otimismo, coragem.

A presença de Deus na cidade não é um mero habitar físico, como a do ser humano limitado a um espaço determinado. Tampouco se reduz à presença de uma imagem simbólica em espaço público. Deus habita explicitamente nas experiências religiosas cristãs e, de muitas formas, nas distintas situações humanas e históricas<sup>89</sup>.

### **2.2.2**

#### **Cultura urbana e suas características**

A cidade é tida como uma densidade populacional, onde estão reunidos espaços próximos entre si, destinados à moradia, às atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e administrativas, onde se oferecem opções de lazer e entretenimento. É uma realidade onde convivem diferentes sujeitos sociais, que buscam sobreviver e trabalhar. Nela ocorrem relações e fenômenos sociais e econômicos.

As cidades são marcadas pela lógica da pluralidade, onde a convivência de pessoas e grupos de diferentes classes sociais, migrantes, pessoas de pertencimentos étnico-raciais e de grupos de orientações sexuais, uma diversidade religiosa e políticas de diferentes gerações.

Na cultura moderna, prevalece o individualismo, constata-se um valor centrado na própria pessoa e na sua felicidade, bem como sua autonomia diante da tradição, da autoridade e enquanto percepção de que todo conhecimento e toda

---

<sup>87</sup> DAp 512.

<sup>88</sup> DAp 513.

<sup>89</sup> GALLI, C. M., Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco, p. 138.

decisão passam por ela<sup>90</sup>. Novos movimentos sociais e religiosos, que valorizam a subjetividade do indivíduo, trazem como marca a exclusão e a falta de solidariedade com os pobres e marginalizados, levando à desorientação das populações, sem vínculos e compromissos com o próximo, perdendo valores absolutos. O indivíduo se torna a única referência absoluta em um reino de narcisismo que ignora completamente o outro.

Existe uma nova configuração da espacialidade na cidade. O espaço urbano é caracterizado pela perda dos centros, ou seja, um pluricentrismo<sup>91</sup>. A urbanidade fragmenta o espaço e a sociedade, substituindo a importância dos lugares físicos por redes virtuais, ocorrendo o policentrismo dos meios eletrônicos. Destruindo os espaços e o imaginários tradicionais, a família e a religião perdem sua centralidade, enquanto o status social, a posse e a aparência se tornam os novos valores de referência.

Na cidade se percebe uma celeridade do tempo, pois a crescente industrialização e a urbanização exigem trabalhos ininterruptos, de maneira que não se consegue seguir o ritmo religioso. No mundo capitalista, as pessoas começam a trabalhar nas horas que, antes, eram de oração, lazer e descanso, que são invadidos pelo trabalho. O impacto da mídia na vida das pessoas vem acelerando a sensação interior de falta de tempo. A mudança não está no tempo dos astros, o dia continua tendo 24 horas. O que acontece é que a urbanização trouxe uma percepção de aceleração de mudanças do tempo<sup>92</sup>.

### **2.2.3**

#### **Cultura urbana e seus desafios**

Um dos desafios mais relevantes é, sem dúvida, a cultura urbana, pois nosso mundo vai se tornando cada vez mais urbano<sup>93</sup>. O estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem cada vez mais, alcançando os lugares distantes, com as consequências, humanas, éticas, sociais, tecnológicas e ambientais, entre outras. Pensar a relação entre evangelização e cultura urbana, torna-se um imperativo para ação evangelizadora em nossos dias.

As cidades são ambientes nos quais as pessoas são chamadas a escolher,

---

<sup>90</sup> LIBANIO, J. B., *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p. 74.

<sup>91</sup> LIBANIO, J. B., *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p. 74.

<sup>92</sup> LIBANIO, J. B., *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p. 90-94.

<sup>93</sup> CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019 -2023*, n. 28.

optar, desde os aspectos mais imediatos até as questões mais profundas, diretamente ligadas ao sentido da vida<sup>94</sup>. Na cidade se manifesta, ainda que em formas diferentes, a tendência ao imediatismo, à diversificação e à fragmentação. As cidades são diferentes das de outras épocas, exigindo que a ação evangelizadora seja pensada levando em conta sua complexidade.

Na evangelização da cultura urbana, supõe-se que

Não se trata de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populosos em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar os valores que contam, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.<sup>95</sup>

Os discípulos missionários são convocados a escutar, admirar, e compreender a mentalidade urbana, cujas marcas são globais e, ao mesmo tempo, diversificadas e plurais. É por isso que o Papa Francisco, ao se referir às cidades, toma como ponto de partida as culturas urbanas e seus desafios<sup>96</sup>.

O sujeito da cultura urbana convive com o individualismo e o coletivismo. O urbano é pensado no sentido coletivo, como comunidade que se organiza para melhor usufruir dos bens públicos. É na coletividade que se supre as necessidades básicas do ser humano. É preciso pensar a cidade como uma realidade coletiva. O indivíduo pode isolar-se no meio da multidão, viver a solidão e o desencontro no embate com as massas humanas.

Na coletividade existe o interesse do cidadão pela liberdade. A liberdade é a mola propulsora daqueles que optam pela vida urbana. É na liberdade que o homem pode se construir como pessoa.

A cidade proporciona a possibilidade de uma vida privada; oferece condições para o individualismo proliferar; multiplica-se a formação de grupos desde os condomínios fechados até as grandes favelas que coexistem alternativamente ao conjunto da vida urbana, com suas regras próprias de convivência. A cidade não é um todo, mas uma unidade que engloba múltiplos mundos urbanos, que coexistem entre si.

O individualismo, o coletivismo e os múltiplos grupos das urbes convivem-

---

<sup>94</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019 -2023, n. 29.

<sup>95</sup> EN 19.

<sup>96</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 32.

se com as ambiguidades que fascina e frustra<sup>97</sup>. Na cidade está o centro administrativo, o comércio, os serviços públicos, o transporte, a energia, a assistência médica, o trabalho, o lazer, a cultura, a novidade, a diversidade e o movimento. A cidade é uma exposição permanente de estilos e de pensamentos, de opiniões e atitudes livres e diferentes. A cidade dá liberdade para se inventar a vida e recriar os espaços. Ela marca a sua presença com seus símbolos no cotidiano da vida das pessoas, que representa o projeto e a realidade.

A cultura urbana propicia ao indivíduo criar um processo de socialização que facilita ao indivíduo a exteriorização de sua liberdade. Esse espaço de liberdade supõe uma comunidade que permita um tipo de vivência social em que o indivíduo saia do anonimato e da frustração para ser apenas mais um na multidão. A vida urbana dá sentido de progresso, evolução, agilidade e velocidade. O sujeito encontra nesse dinamismo urbano um desafio da inculturação frequente, diante das constantes mudanças que a cidade provoca em si mesma e nos seus moradores.

Na cultura urbana, a aceitação do outro é uma relação de gratuidade, depois as opções são em maior número e quantidade. A pessoa passa a criar necessidades e a utilizar os bens com fácil descartabilidade. Desse consumo depende a vida da Cidade, seu comércio, suas relações de trabalho e economia, seus serviços e projetos.

#### **2.2.4**

#### **Cultura urbana, caminho de diálogo com as cidades**

As cidades transcendem sua definição física e quantitativa. Elas não são apenas um conjunto de edificações e habitantes; são espaços onde múltiplos fenômenos culturais se encontram, interagem e se transformam. A cidade é, antes de tudo, uma criação humana, o lugar onde a cultura, entendida como a expressão do ser humano e sua capacidade simbólica, manifesta-se de maneira singular. Nesse cenário, a cultura urbana emerge como um tecido dinâmico e plural que abarca tradições, valores, linguagens e comportamentos, tornando-se um campo fértil para o diálogo.

A cultura, que é tanto reflexo quanto matriz da ação humana, molda e é moldada pela cidade. Nesse ciclo criativo, a cidade não apenas abriga o ser humano,

---

<sup>97</sup> CNBB, Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia, p. 13.

mas lhe confere sentido, despertando nos indivíduos a sensibilidade para diferentes estímulos e proporcionando o espaço para o entrelaçamento de mundos distintos. Essa convivência de identidades plurais gera um constante movimento de troca e inovação, tornando a cidade um espaço privilegiado para a criação cultural e o progresso humano.

Sob a perspectiva antropológica, a religião, enquanto elemento cultural, ocupa um papel importante nesse diálogo urbano. A fé, embora transcendente, é vivida e expressada em contextos culturais específicos, sendo, portanto, um componente intrínseco da dinâmica urbana. As cidades culturais religiosas, embora muitas vezes invisíveis, representam redes de sentido que coexistem nas mesmas geografias urbanas. São espaços onde tradições e rituais se entrelaçam, criando microcosmos dentro dos macrocosmos da cidade.

O Papa Francisco destaca o desafio que as grandes cidades impõem à Igreja e à sociedade como um todo. Ele observa que as urbes contemporâneas são mosaicos de "cidades invisíveis", territórios culturais onde novos paradigmas e linguagens emergem. Essas novas culturas urbanas exigem um diálogo genuíno e difícil, que vá além de preconceitos e fronteiras. Nesse contexto, a Igreja é chamada a ser uma facilitadora desse diálogo, promovendo a reconciliação entre as diferentes expressões culturais que compõem as cidades<sup>98</sup>.

Portanto, o caminho do diálogo com as cidades passa pelo reconhecimento da cultura urbana como um espaço criador de significado. É preciso que as instituições, comunidades e indivíduos se abram para compreender e acolher a diversidade cultural, estabelecendo pontes entre os "mundos" que habitam o mesmo território. Somente assim será possível transformar a complexidade urbana em uma oportunidade para o encontro e para a construção de uma convivência mais justa, solidária e fraterna.

A cultura urbana, com sua riqueza e multiplicidade, não apenas reflete a condição humana, mas também aponta caminhos para o futuro. É um convite permanente ao diálogo, à criatividade e à busca por sentido no coração pulsante das cidades<sup>99</sup>.

---

<sup>98</sup> EG 74.

<sup>99</sup> EG 73.

## 2.3

### Evangelização das culturas

A evangelização das culturas no mundo urbano é discutida pela Igreja, por teólogos e por agentes de pastoral. Eles reconhecem e respondem às novas interpelações pastorais advindas de sua situação histórica contingente, situada sem determinado contexto e sob condições específicas que exigem respostas novas e próprias. Busca-se entender o mundo atual para poder identificar e situar-se frente aos desafios pastorais enfrentados.

A Igreja está inserida na cidade, que é complexa, ambígua e diversa. As culturas urbanas emergem da cidade e as subjetividades urbanas são pontos de partida de um processo que envolve aproximação, encontro, diálogo e escuta, enquanto condições para o desenvolvimento de novas formas de presença e ações de uma pastoral urbana.

Os Documentos Conciliares, do Magistério e do CELAM retomam o itinerário da evangelização das culturas na Cidade. O Documento de Aparecida mostra, de um lado, ter um fator indispensável para uma ação efetiva para a Nova Evangelização, que é o fenômeno de urbanização; de outro, considera um acompanhamento orgânico, progressivo e permanente dos processos de evangelização nas culturas urbanas com seus desafios e perspectivas<sup>100</sup>.

#### 2.3.1

##### Evangelização: uma tarefa sempre atual

A evangelização consiste no anúncio do Mistério da Salvação de Cristo e de sua mensagem. A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* diz: “Evangelizar é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo de transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade”<sup>101</sup>, transformando centros de interesse, linhas de pensamento, fontes inspiradores e modelos de vida da humanidade que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio de salvação, respeitando e acolhendo as culturas por causa de Deus mesmo e da obra que Ele fez entre as culturas.

Os sinais deixados por Deus nas culturas devem ser conhecidos, acolhidos, admirados, respeitados como distintos e entrar em comunhão com eles. A primeira evangelização que se desenvolve a partir do que se chama “elemento essencial”,

---

<sup>100</sup> DAp 517.

<sup>101</sup> EN 18-19.

que é a presença, a participação e a solidariedade por parte daqueles que se quer evangelizar com referência à cultura.

A evangelização é um compromisso com a vida e com as culturas que querem ser atingidas. O evangelizador deve participar da cultura, descobrir nela os sentidos de vida, ser solidário. Evangelizar é um processo de identificação com seus sucessos e recuos, com suas virtudes e limites, é fazer corpo com a cultura e a partir de suas virtudes ajudá-la a crescer e a desabrochar.

*A Lumen Gentium* diz:

Uma Igreja que ao instaurar o Reino de Deus, não subtrai nada ao bem temporal de cada povo, antes fomenta e assume as possibilidades, os recursos e o estilo de vida dos povos, naquilo que tem de bom, e, ao assumi-los, purifica-os, consolida-os e eleva-os.<sup>102</sup>

O processo de empatia é que faz sentido a evangelização, pois fala da positividade cristã do Reino de Deus, da encarnação, da ressurreição, da filiação divina e de outros conteúdos do Evangelho. Evangelizar de maneira vital é transformar em profundidade a civilização e as culturas do homem em sentido pleno e amplo que estes termos possuem a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus<sup>103</sup>.

O Evangelho e a evangelização não se identificam com a cultura e são independentes em relação a todas as culturas. O Reino de Deus que o Evangelho anuncia, é vivido por homens ligados há uma determinada cultura e a edificação do Reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização são independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem escravizar nenhuma delas<sup>104</sup>.

### **2.3.2**

#### **A Boa Nova do Evangelho para as culturas**

A evangelização não se dá fora da cultura; ela sempre vem ligada as cosmovisões culturais existentes. O Evangelho não se identifica com as culturas, mas se identifica nas culturas, nunca podendo existir fora de uma expressão cultural, seja aquela articulada por Jesus no universo semítico, seja aquela desenvolvida pelo Apóstolo Paulo no parâmetro do helenismo e do judaísmo da

---

<sup>102</sup> LG 13.

<sup>103</sup> EN 20a.

<sup>104</sup> EN 20b.

diáspora, seja dos cristãos dos primeiros séculos, nas matrizes da cultura greco-romana, as bárbaras e outras.

A ruptura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época, como foi em outras épocas<sup>105</sup>. Assim, o que importa é fazer os esforços no sentido de uma generosa evangelização das culturas. A Igreja não hesita em falar em evangelização das culturas, das mentalidades, dos costumes e dos comportamentos. “A nova evangelização requer um esforço lúcido, sério e organizado para evangelizar a cultura”<sup>106</sup>. É necessário anunciar o Evangelho na linguagem e na cultura do povo.

A III Conferência de Puebla afirma a necessidade de evangelizar as culturas, pois, “a fé transmitida pela Igreja é vivida a partir de uma cultura pressuposta, isto é, por fiéis vinculados a uma cultura, e a construção do Reino não pode deixar de servir-se de elementos da cultura e das culturas humanas”<sup>107</sup>. A Cultura é entendida neste documento como o conjunto de valores que animam e dos desvalores que enfraquecem a vida de um povo e que, ao serem partilhados em comum por seus membros, os reúnem na base de uma mesma “consciência coletiva”<sup>108</sup>. A cultura de cada povo tem resposta positiva, negativa ou ambígua à proposta de Deus, então, se pode, sem dificuldade, admitir que dentro dela sempre existem rebentos do Reino, sacramentos da graça, sinais da presença do Verbo e acenos da atuação do Espírito.

A evangelização não pode se dissociar das dimensões que tocam a identidade plenamente humana das pessoas, as redes construtivas de solidariedade entre elas, os elementos de participação e responsabilidade alicerçados na igualdade e nos direitos humanos e sociais fundamentais. A fé será vivida na grade de interpretação da pessoa e da comunidade. Com isto se está dizendo que toda evangelização abarca em cheio a dinâmica da liberdade, a promoção da justiça, a articulação entre fé e as exigências éticas, a construção de uma sociedade justa, fruto principal da libertação dos seres humanos das formas sociais e culturais de discriminação e opressão, de marginalização e exclusão.

As pessoas são os sujeitos concretos e ativos da cultura. A evangelização da

---

<sup>105</sup> EN 20c.

<sup>106</sup> EA 70.

<sup>107</sup> DP 400.

<sup>108</sup> DP 400.

cultura se dá em um processo personalizado que passa pela fé vivida e pela cultura ativa em que se vive. As pessoas que foram evangelizadas tornam as comunidades consistentes e integradas e, por isso mesmo, livres para uma relação sadia com o outro e com o diferente. Na unidade do gênero humano, a cultura é precisamente o fator diversificador, que cria as alteridades. Pessoas e comunidades não devem sentir-se invadidas ou ameaçadas. De fato, não se pode impor alguma coisa aos outros, de modo dominante e desrespeitoso. Neste sentido, a missão de evangelizar é um processo educativo, oblativo e dialogal buscando atingir a totalidade do ser humano na sua vida social, cultural e religiosa. Não se pode subestimar a consequência destes critérios para a evangelização de quaisquer culturas, mas, muito particularmente, para as formas várias de missão *ad gentes*, para além-fronteiras. De fato, vão se defrontar e encontrar-se não só culturas distintas, mas também múltiplas inspirações religiosas de fundo, que são inerentes ao tecido mesmo da realidade cultural.

### 2.3.3

#### **Uma nova evangelização: para uma nova época humana**

As condições de vida do ser humano transformaram-se profundamente, é o que o Concílio Vaticano II chama de “uma nova época da história humana”<sup>109</sup>. É um *kairós*, tempo favorável para uma nova evangelização, onde os novos traços da cultura constituem desafios e fundamentos para uma evangelização das culturas.

A Igreja desenvolveu e atualizou uma ação evangelizadora através das Conferências Episcopais, das Federações e dos Sínodos. Os documentos conciliares se tornaram a base de compreensão das situações particulares das diversas culturas apontando traços de reflexão.

O Concílio Vaticano II sublinhou que o processo de evangelização é indispensável, pois homens e mulheres devem ser considerados individualmente como pessoas e comunitariamente enquanto membros de um grupo, de uma sociedade, que constroem e estabelecem relações interpessoais.

O Papa Joao Paulo II, na *Redemptoris Missio*, afirma que

Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, renovando-as a partir de

---

<sup>109</sup> GS 54.

dentro. A Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, um instrumento mais apto para a missão.<sup>110</sup>

A evangelização das culturas e a inculturação da fé estabelecem como que um binômio, que exclui toda forma de sincretismo: tal é “o sentido autêntico de inculturação”; “o Evangelho penetra nas culturas, se encarna nelas, atualizando os elementos culturais das mesmas que são incompatíveis com a fé e a vida cristã e elevando os seus valores ao mistério da salvação que provém de Cristo”<sup>111</sup>.

O Papa Francisco tratou das realidades culturais como questões existenciais. A visão cultural que permanece no mundo urbano, vem se tornando frágil. É urgente a necessidade de um humanismo cristão que busque soluções diante dos dramas humanos. A *Gaudium et Spes* apresenta “um novo humanismo, no qual o homem se define pela sua responsabilidade com relação aos irmãos e a história”<sup>112</sup>. O humanismo indica a maneira de ver o homem como autor da cultura de sua comunidade.

A *Evangelii Gaudium* diz que “a evangelização entra nas culturas e, ao entrar nas culturas, o primeiro ato é conhecê-las, tenta entender o que há de positivo nelas, identificar as “sementes da Palavra, a presença da verdade cristã escondida em tantos elementos”<sup>113</sup>. Ele lança luzes sobre o caminho a ser trilhado para que a Igreja seja mais incisiva no anúncio do Evangelho nas cidades.

O Papa entende que as novas culturas são gestadas nestas “enormes geografias humanas” que já não costumam ser promovidas pelo cristão, mas são interpeladas por elas com linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas, e que oferecem novas orientações de vida que, muitas vezes, são contrárias à construção do Reino de Deus<sup>114</sup>. Esta realidade é um lugar privilegiado de uma nova evangelização que ilumine e promova novos modos de se relacionar com Deus, com o próximo e com a casa comum<sup>115</sup>.

A cultura está repleta de elementos positivos e negativos. Por isso mesmo pode melhorar e reorientar-se, corrigir-se e crescer, relacionar-se e transformar-se. A cultura não pode ser absoluta, fechada em si e sobre si, sob pena de se isolar e

---

<sup>110</sup> RM 52.

<sup>111</sup> PDV 55.

<sup>112</sup> GS 55.

<sup>113</sup> EG 68-69.

<sup>114</sup> EG 73.

<sup>115</sup> EG 74.

empobrecer. As pessoas criam e vivem a cultura. Esta, por sua vez, molda, condiciona e diversifica as pessoas. A cultura não se transmite por geração ou por decreto, o processo educativo, configura, assimila e transforma. É insustentável conceber a cultura como algo imutável, pois ela está em constante evolução, moldada pelas experiências e desafios da humanidade.

## **2.4**

### **Considerações finais**

Conclui-se, até o momento, que a pesquisa sobre a cultura é ampla e diversificada em seus desdobramentos, especialmente no que se refere à sua definição e impacto na realidade urbana. Trata-se de um tema que demanda contínuas discussões e aprofundamentos, particularmente em relação ao fenômeno cultural nas cidades, no meio urbano, e suas implicações para a evangelização.

Os impactos da urbanização e das culturas urbanas na vida das pessoas, nas sociedades e no campo religioso tornam indispensável ressignificar a ação evangelizadora da Igreja na cidade. Este capítulo buscou apresentar elementos para a construção de um novo paradigma de pastoral urbana, capaz de estruturar ações que respondam aos desafios culturais do ambiente urbano, o que exige a leitura atenta dos novos sinais dos tempos.

Os sujeitos urbanos emergem como interlocutores fundamentais de um novo modelo de evangelização para as culturas no mundo urbano. É essencial repensar os modelos de ação pastoral que não dialogam com a realidade atual, assumindo uma perspectiva renovada de evangelização baseada em um paradigma missionário, e não de conservação.

Os desafios impostos pelos novos cenários, marcados pela crise da modernidade, pela urbanização e informatização das grandes cidades na América Latina e no Caribe, continuarão a exigir respostas criativas. A pluralidade de mentalidades e formas culturais, características dessas regiões, requer que a Igreja encontre maneiras inovadoras de desenvolver sua missão evangelizadora.

Essa renovação implica adequar-se aos novos interlocutores e às transformações culturais dos sujeitos urbanos, de forma que o Evangelho possa fecundar a realidade contemporânea, ressignificando a presença, a ação e a voz da Igreja na sociedade. É necessário acompanhar de perto o crescimento da população urbana e implementar uma ação pastoral que enfrente as contínuas transformações do mundo urbano com maturidade, criatividade e espírito de comunhão.

### 3

## A Cultura urbana e seus desafios

Este capítulo apresenta um estudo sobre como a cultura urbana e a realidade das cidades são percebidas e tratadas nos documentos da Igreja. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) destacam a importância da missão da Igreja nas cidades e no contexto da cultura urbana, considerando que a maioria da população reside em pequenas, médias e grandes cidades. As cidades, por sua vez, são compreendidas como espaços complexos, diversificados e em constante transformação, onde coexistem pluralismo religioso, múltiplos pregadores da fé e até mesmo propostas contrárias à fé, muitas vezes inseridas na lógica das oportunidades e do mercado.

Os estilos de vida das grandes metrópoles exercem forte influência, não apenas sobre outras cidades, mas também sobre regiões mais distantes, impulsionados pela onipresença dos meios de comunicação<sup>116</sup>. O mundo urbano, cuja mentalidade permeia tanto as cidades quanto o campo, apesar de suas contradições e desafios, é reconhecido como um lugar da presença de Deus e um espaço aberto para a vivência do Evangelho. A compreensão dessas mudanças é essencial para um processo de evangelização que busque encarnar o Evangelho de forma efetiva no contexto urbano.

As Diretrizes Gerais da CNBB ressaltam o compromisso da Igreja em anunciar o Evangelho de Jesus Cristo em todos os tempos e contextos. Essa missão exige que a Igreja encontre métodos e abordagens adequados para atuar na cultura urbana, mesmo diante de sua complexidade e desafios. O esforço da Igreja deve estar direcionado a levar a Boa Nova de Jesus Cristo aos diferentes ambientes e expressões dessa cultura urbana, respondendo de forma criativa e relevante às demandas do mundo atual.

### 3.1

#### O Mundo Urbano e suas complexidades

A palavra “Urbano” é de origem Latina e quer dizer “pertencente à cidade”,

---

<sup>116</sup> RODRIGUES, S., O mundo urbano: um universo plural, diverso, complexo. *In*: BRIGHENTI, A.; AQUINO, J. F., Pastoral urbana: novos caminhos para a Igreja na cidade, p. 16.

como já foi mencionado anteriormente, e o termo *polis* vem do grego e refere-se a uma cidade independente, cujo governo era exercido por cidadãos livres que se ocupavam dos assuntos públicos. Ambas as concepções se aproximam das cidades atuais. Assim, o que se entende por urbano está vinculado à cidade e a seus habitantes, por mais que esse universo ultrapasse atualmente os limites geográficos dela<sup>117</sup>.

Cidade é um núcleo com considerável densidade populacional, onde se agrupam estabelecimentos próximos entre si, destinados à moradia, às atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e administrativas, com opções de lazer e entretenimento<sup>118</sup>. É o espaço onde diferentes sujeitos sociais vivem, sobrevivem, trabalham e circulam. Desse modo, a cidade não é apenas espaço geográfico, nela ocorrem relações e fenômenos sociais, culturais e econômicos.

No espaço urbano, o diferencial é a concentração, a aglomeração de pessoas e de estabelecimentos, a intensidade das interações e fluxos existentes. Assim, constata-se que as cidades são bem diferentes entre si. São diversas por extensão territorial, relevo, traçado de ruas, atividade socioeconômica, quantidade, origem e composição étnica de seus habitantes, fluxos migratórios, vida cultural, pela sua história. Podem-se encontrar, numa mesma cidade, muitas diferenças entre os bairros e regiões, na distribuição dos serviços e equipamentos públicos, e nas formas de gestão da vida social.

As relações que as diversas pessoas - como moradores, governo, movimentos sociais, empresários - estabelecem entre si produzem e transformam continuamente a cidade<sup>119</sup>. Assim, a cidade pode ser vista como um resultado da disputa entre aqueles que a compreendem como fonte de lucro, como um negócio, e aqueles que a têm como espaço de vida, de moradia, de trabalho e de convivência. A cidade é um espaço de disputas e de conflitos, é um lugar de conquistas e transformações.

As cidades se tornaram polos de atração, são vistas como lugar de oportunidade de trabalho, de estudo, de diversão, de cuidados com a saúde; como possibilidade de reinvenção da própria vida, embora essas expectativas muitas vezes não se concretizem. Viver nas cidades representa a liberdade frente à

---

<sup>117</sup> RODRIGUES, S., O mundo urbano: um universo plural, diverso, complexo. *In*: BRIGHENTI, A.; AQUINO, J. F., Pastoral urbana: novos caminhos para a Igreja na cidade, p. 16.

<sup>118</sup> RODRIGUES, S., O mundo urbano: um universo plural, diverso, complexo. *In*: BRIGHENTI, A.; AQUINO, J. F., Pastoral urbana: novos caminhos para a Igreja na cidade, p. 16.

<sup>119</sup> LIBANIO, J. B., As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé, p. 56.

dependências tradicionais, como o rígido controle social da vizinhança, da família, da obrigação de seguir o costume ou a tradição.

As cidades são caracterizadas por um estilo de vida particular, pelo ritmo agitado e intensa mobilidade territorial devido à dispersão de locais de trabalho e de serviços. Isso impõe uma vida programada, esquematizada e imprevisível.

A vida urbana é marcada por uma série de ambivalências. A proximidade física entre os indivíduos, característica das cidades densamente povoadas, muitas vezes contrasta com a distância social que prevalece entre eles. Além disso, a liberdade individual proporcionada pela redução das dependências tradicionais, que pode potencializar diversos tipos de relacionamento, convive frequentemente com um certo isolamento. Com isso, as transformações na dinâmica da vida nas cidades têm afetado profundamente as relações de vizinhança. Dificuldades no âmbito da mobilidade urbana fazem com que as pessoas passem cada vez menos tempo em seus locais de moradia. Saem muito cedo de suas residências, retornam tarde e, quando estão em casa, privilegiam cuidados com a família, com a casa, momentos de lazer no espaço doméstico e o repouso. Esse estilo de vida desfavorece a convivência com os vizinhos, tornando comum que moradores de uma mesma rua ou prédio sequer se conheçam. São cada vez mais frequentes grupos formados por afinidade de interesses que reúne pessoas residentes em diferentes bairros por meio de novas tecnologias de comunicação. Uma decorrência desses processos é o fenômeno de segregação, afastamento de contatos, confinamento em ambientes e redes sociais distintos, apesar da proximidade física<sup>120</sup>.

Uma outra característica relacionada à cidade é a heterogeneidade social. A coexistência de mundos diferentes, como religiões, opções políticas e valores, é simultânea à dificuldade de relacionamento entre esses mundos. Vê-se que a primeira exigência da vida na cidade a seus habitantes seja reconhecer e respeitar as diferenças<sup>121</sup>.

O estilo de vida urbano pode também fazer surgir novas formas de sociabilidade, de ajuda mútua e de solidariedade. O modo de vida urbano pode suscitar o individualismo, mas pode também propiciar novas possibilidades de

---

<sup>120</sup> ROLNIK, R., A questão urbana no Brasil contemporâneo. In: RODRIGUES, S. S., CEBs e mundo urbano: perspectivas no pontificado de Francisco, p. 15-23.

<sup>121</sup> ROLNIK, R., A questão urbana no Brasil contemporâneo. In: RODRIGUES, S. S., CEBs e mundo urbano: perspectivas no pontificado de Francisco, p. 15-23.

convívio humano contrapondo a essa tendência individualista. Os habitantes das cidades podem estabelecer encontros para manter a capacidade de se alegrar em meio às dificuldades, de festejar e desencadear processos inovadores no âmbito da cultura e da ação social<sup>122</sup>.

Nas cidades é possível perceber com maior nitidez os múltiplos pertencimentos de um indivíduo, que conformam diversas identidades simultâneas, como uma pessoa que é residente de uma localidade, trabalha em determinada atividade, tem uma adesão religiosa, torce por um time de futebol. Nelas se tornam visíveis fenômenos socioculturais como a desigualdade social, o pluralismo religioso, a criminalidade e os conflitos étnico-raciais.

Os meios modernos de comunicação e as novas tecnologias tem reduzido as diferenças entre o campo e a cidade. O advento da internet móvel constitui o ápice da convergência das tecnologias digitais de informação. Os modernos telefones celulares, que se tornaram verdadeiros computadores portáteis, viabilizam a disseminação de ideias, costumes e formas de agir que ultrapassam as fronteiras territoriais e sociais. O acesso a essas tecnologias de comunicação tem permitido que muitas pessoas optem por residir em áreas rurais, mantendo atividades de prestação de serviços que antes exigiriam a permanência no espaço urbano. Não se trata tão somente da extensão do estilo de vida e de valores típicos do meio urbano ao meio rural. Desse modo se antes se entendia como urbano tudo o que está relacionado a vida nas cidades e como as pessoas nelas habitam, hoje, o urbano ultrapassa os limites geográficos das cidades<sup>123</sup>.

O mundo urbano é um conjunto diferenciado de sujeitos, elementos, circunstâncias, fatores e dinâmicas relacionadas entre si. Isso constitui a complexidade dos fenômenos urbanos. Refletir sobre essa realidade é um grande desafio. Diferentes disciplinas com diferentes abordagens contribuem na análise das relações sociais, de poder e das formas de sociabilidade presentes no mundo urbano.

## **3.2**

### **As transformações do Mundo Urbano**

O século XX marca a passagem da cidade situada no mundo, para uma cidade

---

<sup>122</sup> LIBANIO, J. B., *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p. 74.

<sup>123</sup> LIBANIO, J. B., *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p. 31.

que passa a abrigar o “mundo todo”, uma “cidade-mundo”, e, ao mesmo tempo, um “mundo-cidade”<sup>124</sup>. A cidade, que sob as marcas da globalização e da urbanização, é a cidade-rede, que vai se afirmando sobre o mundo, em cada recanto da urbana aldeia global cujo território não tem limites nem fronteiras.

O urbano, enquanto fenômeno, é marcado pela segregação e a diferenciação espacial, que confere a cada um seu *status*, e, ao mesmo tempo, dá suporte a um modo de viver. A sociedade urbana, composta por um aglomerado de pessoas que são estranhas umas às outras<sup>125</sup> e regida por uma simbologia que a sustenta, dá um novo significado à cultura urbana.

O conceito de urbano ultrapassa a própria cidade, deixando de ser território. Ele se apropria da cidade e do campo, penetrando as dimensões desses espaços, difundindo valores, regendo comportamentos e oferecendo formas de lazer e de comunicação. Suas novas exigências estão sob o ditame da sociedade de consumo, “uma sociedade burocratizada de consumo”<sup>126</sup>. A cidade histórica e clássica decompõe-se, como consequência da desintegração sociocultural promovida pela aliança interdependente entre os fenômenos da globalização e da urbanização.

A globalização e a urbanização trazem consigo características como o fragmento, a velocidade e o deslocamento, inserindo a sociedade em uma realidade fluida, “superficial e efêmera”<sup>127</sup> e “líquida”<sup>128</sup>. Essa dinâmica molda e satura o mundo contemporâneo, configurando-o como uma gigantesca “cidade-mundo”<sup>129</sup>. A cidade em redes, sempre conectada, assume a forma de uma cidade-compra, uma cidade-consumo, que se apresenta como uma imensa galeria aberta, projetada para atrair e seduzir. Sob a lógica do mercado e da dinâmica da produção-consumo, a cidade se torna polifônica<sup>130</sup>, dispersa, policêntrica<sup>131</sup> e diversa: o ‘lugar’, que sempre teve sua excelência na ‘morada’, no lar, no sítio, na residência, se torna representação dos ‘não-lugares’, espaços da cidade em que nunca se está com as

---

<sup>124</sup> AUGÉ, M., O planeta como lugar cidade-mundo e mundo-cidade. In: SISTACH, L. M., Pastoral das grandes cidades, p. 51-62.

<sup>125</sup> Cf. SENNETT, R., O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.

<sup>126</sup> LEFEBVRE, H., O direito à cidade, p. 103.

<sup>127</sup> Cf. LIPOVETSKY, G., O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.

<sup>128</sup> Cf. BAUMAN, Z., Modernidade líquida.

<sup>129</sup> Cf. YORY, C. M., Ciudad, consumo y globalización: caracterización de las grandes metrópolis en el comienzo de siglo; una mirada desde la relación entre consumo y sociedad.

<sup>130</sup> Cf. CANEVACCI, M., A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.

<sup>131</sup> Cf. HALL, P.; PAIN, K., The polycentric metropolis: learning from mega-city regions in Europe.

mesmas pessoas: aeroportos, shoppings, praças de alimentação, corredores, estações de trens, ônibus, metrô etc<sup>132</sup>.

Nos lugares ocupados pelas casas, que garantiam certa estabilidade e organização espaço temporal à cidade e seus habitantes, agora predomina “na presença de um espaço indefinido, homogêneo, indiferente nos seus lugares, como as fábricas e as estradas”<sup>133</sup>. Esse é a “cidade-território” da “pós-metrópole”, espaço da fluidez e da velocidade, portanto, do não-espaço e do “não lugar”<sup>134</sup>, sob a ditadura do tempo, de sua instantaneidade e de sua simultaneidade.

O território pós-metropolitano, desprovido de sua dimensão concreta de lugar, passa a ser um “não lugar”, móvel e desenraizado. Ali, não é possível acomodar-se, morar ou habitar, mas apenas ocupá-lo, ainda que momentaneamente. Move-se em suas localidades de maneira incessante, produzindo um fenômeno de mega urbanização, que em “lugar de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la”<sup>135</sup>. Onde antes eram as casas que abrigavam o povo e suas histórias de vida, agora se erguem uma avenida, um shopping e uma estação, símbolos de uma transformação que apagou memórias e redefiniu o espaço urbano. As pessoas que ali viviam são consideradas “resíduos urbanos”<sup>136</sup>, sobras da modernização, deixados à margem, “deslocados e expulsos de suas casas pela implacável construção da avenida, e que agora perambulam por um espaço que não é mais seu, em que se tornaram estranhos”<sup>137</sup>.

A globalização e urbanização se fundem. A grande ameaça à cidade torna-se a incessante fragmentação a que são submetidos os processos do viver e do conviver, tanto de indivíduos, quanto de grupos humanos. “Complexidade, consumo e globalização conformam uma indissolúvel tríade sem a qual é impossível compreender a cidade”<sup>138</sup>. Tais características, aliadas a processos ambivalentes de desterritorialização, “finalizam na desintegração das formas localmente baseadas de comunhão e de vida comunitária”<sup>139</sup>, produzindo um estado de risco e caos, de insegurança e de medo, de patologias sociais e individuais.

---

<sup>132</sup> Cf. SUSIN, L. C., Uma cidade para Abel: ângulos de uma teologia da cidade.

<sup>133</sup> CACCIARI, M., A cidade, p. 33.

<sup>134</sup> Cf. AUGÉ, M., Não lugares: introdução a uma antropologia da super modernidade.

<sup>135</sup> BAUMAN, Z., Globalização, p. 25.

<sup>136</sup> EG 74.

<sup>137</sup> SUSIN, L. C., Uma cidade para Abel: ângulos de uma teologia da cidade, p. 25.

<sup>138</sup> YORY, C. M., Ciudad, consumo y globalización: caracterización de las grandes metrópolis en el comienzo de siglo; una mirada desde la relación entre consumo y sociedad, p. 18.

<sup>139</sup> BAUMAN, Z., Globalização, p. 28.

Em um mundo sem referências claras e confiáveis, observa-se a dissolução dos processos afirmativos e constitutivos de afiliação e cidadania que fundamentaram as cidades antigas. Esse fenômeno é acompanhado por amplos movimentos de desfiliação, caracterizados por um crescente desinteresse em construir espaços de convergência nos âmbitos político, cultural e religioso. Paralelamente, emergem processos e movimentos marcados pela hiperfiliação, refletindo uma fragmentação nas dinâmicas de pertencimento e interação social.

Em suma, a transformação da cidade impulsionada pela globalização e urbanização, resultou em um cenário complexo e desafiador. A cidade-mundo, com sua natureza fluida e fragmentada, oferece tanto oportunidades quanto desafios para a vida em sociedade. A desterritorialização, o consumo desenfreado e a busca por novas experiências fragilizaram laços comunitários e intensificaram a desigualdade social. A coexistência de diversidade e homogeneidade, de globalização e localismo, exige novas formas de pensar e agir na cidade. É fundamental repensar os modelos de desenvolvimento urbano, buscando construir cidades mais justas, inclusivas e sustentáveis, onde a qualidade de vida e o bem-estar sejam prioridades.

### 3.3

#### **O estilo de vida e a mentalidade**

A primeira iniciativa para que a evangelização aconteça, é conhecer as grandes cidades<sup>140</sup>. As Diretrizes defendem que o mundo vai se tornando progressivamente urbano<sup>141</sup> não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, mas porque o estilo de vida e a mentalidade desses ambientes se expandem para as outras regiões. As pessoas não estão fora das cidades, pois a mentalidade das cidades vai se espalhando sobre os espaços, trazendo implicações para a ação evangelizadora, a qual é desafiada a perceber até que ponto esses ambientes estão marcados pela mentalidade urbana, com todas as suas consequências humanas, éticas, sociais, ambientais<sup>142</sup>. As iniciativas que se voltam para as cidades, deve buscar compreender sua forma de pensar, sentir e agir para nelas refletirem exigindo que a ação evangelizadora seja pensada tendo em conta essa complexidade.

---

<sup>140</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 45; 49.

<sup>141</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 28.

<sup>142</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 45.

As grandes cidades geram e alimentam uma mentalidade<sup>143</sup> que traz conseqüências para o agir pastoral rumo a um estilo novo de evangelizar e apresentam-se com algumas características como: o local da individualidade, do consumo e do consumismo; do enfraquecimento das instituições e das tradições; da pluralidade cultural, ética, associativa e religiosa; da alta mobilidade; da fragilidade das autoridades. Identificando tais características que afetam o tempo e o espaço, busca-se tomar conhecimento de que as cidades são revestidas de valores e limites; ambigüidades e contradições.

As pessoas são avaliadas em virtude de sua capacidade de participar dos mecanismos do mercado, isto é, como efetivas consumidoras. Os bens e serviços são disponibilizados a quem tem condições de arcar com os respectivos custos, e tudo tende a ser feito para ser consumido, esgotado e, conseqüentemente, substituído. O que se faz com os objetos acaba sendo transferido às relações humanas.

As cidades são marcadas pela lógica do consumo e da individualização e isso enfraquece a influência das instituições e da tradição sobre os indivíduos. As cidades são ambientes em que as pessoas são continuamente chamadas a escolher e optar, em aspectos mais imediatos e nas questões mais profundas, diretamente ligadas ao sentido da vida. São locais onde se manifesta, ainda que de formas e graus diferentes, a tendência ao imediatismo, à diversificação e à fragmentação. A individualização consumista da vida está intimamente ligada às cidades e traz como desdobramentos: a corrupção, atitude de quem só pensa em si, nos próprios interesses e ganhos, sem se importar com os rastros de abandono e sofrimento; o comércio de drogas, a violência e o esforço pela legalização da morte, dividindo as cidades em áreas controladas por poderes paralelos ao estado de direito; a pobreza, fonte de violência e de outras formas de sofrimento, como a crise de sentido, geradoras de desesperança, esgotamento existencial, depressão e suicídio. E tudo isso desencadeia a degradação do planeta e seus recursos<sup>144</sup>.

As grandes cidades são laboratórios da nova cultura contemporânea e plural. As novas culturas vão se gestando e se impondo, com nova linguagem e nova simbologia. A Igreja em seu início se formou nas grandes cidades de seu tempo e se serviu delas para se propagar, como já foi mencionado. As novas realidades da

---

<sup>143</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 49-56.

<sup>144</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 58-62.

cidade trazem novas experiências para a Igreja, mas o que prevalece é o lançar-se nos novos desafios e deixar os métodos antigos. O Documento de Aparecida fala: “Percebem-se atitudes de medo em relação à pastoral urbana; tendências a se fechar nos métodos antigos e a tomar atitude de defesa diante da nova cultura, com sentimento de impotência diante das grandes dificuldades das cidades”<sup>145</sup>.

A mentalidade eclesial ainda não percebeu as transformações da cidade. Apenas procura se adaptar a cidade no seu cotidiano, mas que ainda quer permanecer nas fórmulas antigas, que não atinge mais as novas gerações. A paróquia, estando na cidade, ainda não conhece a cidade e nem sequer imagina que tal tarefa seria de sua incumbência. O teólogo José Comblin afirma:

A cidade é geralmente mal conhecida pelos católicos. Cada um conhece um fragmento, mas estes conhecimentos não são socializados. A paróquia como tal não conhece a cidade e nem sequer imagina que tal tarefa seria da sua incumbência. Por isso, a Igreja precisa de uma pastoral da cidade, em que o ponto de partida é o conhecimento do sujeito que pretende evangelizar: a cidade.<sup>146</sup>

Torna-se necessário uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, os outros e o ambiente. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Deus os núcleos mais profundos da cidade. A *Evangelii Gaudium* afirma: “A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente porque, ao mesmo tempo em que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos”<sup>147</sup>.

No século XIX, o progresso da nação era esperado das escolas. Elas seriam os templos do saber, assim como as Igrejas são da fé. O cenário mudou, há instituições que tiraram das escolas os valores sociais. Assim afirma o teólogo Comblin:

Os meios de comunicação, os *shopping center*, os estádios e ginásios de esportes, por exemplo, são tão importantes como as escolas para a difusão da cultura e a educação dos jovens, ou talvez mais importantes do que as escolas ou as universidades.<sup>148</sup>

A presença da Igreja cresceu nos meios de comunicação, TV, rádios, impressos e internet. No entanto, ela precisa saber qual o público atingido e o

---

<sup>145</sup> DAp 513.

<sup>146</sup> COMBLIN, J., Pastoral urbana: dinamismo da evangelização, p.16.

<sup>147</sup> EG 74.

<sup>148</sup> COMBLIN, J., Pastoral urbana: dinamismo da evangelização, p.17.

alcance real da sua presença, precisa examinar o conteúdo referindo-se a metas. Os meios de comunicação são mecanismos importantes para a evangelização da cultura. Assim, a Igreja por meio dela busca transmitir a fé cristã. Constata-se a tentação das expressões religiosas embarcarem na cultura do espetáculo. As cenas religiosas, quando lançadas ao grande público pela TV, perdem seu caráter de mistério e se transforma em cenas de consumo indiscriminado. O risco de banalização é enorme assim alerta o teólogo João Batista Libânio:

No atual universo cultural urbano, a religião tem se transformado muitas vezes em produto de consumo provisório, descartável, funcional, moldado segundo as exigências do freguês. Tal situação deforma radicalmente a fé cristã. A teologia vem mostrando que a fé cristã não é produto das necessidades das pessoas, nem criação projetiva de seus desejos, mas uma interpelação de Deus que pede conversão e seguimento de Jesus no compromisso com os pobres.<sup>149</sup>

Nas cidades há movimentos organizados para transformar a sociedade. São movimentos de trabalhadores, profissionais, feministas, negros, indígenas, ecológicos, de moradores, de defesa dos direitos humanos, de promoção social de movimentos que podem ser promovidos pela Igreja. No entanto a maioria é alheia à Igreja. Sobre isso nos diz Libânio:

A missão do cristão é empenhar-se na criação de uma cultura solidária. Isso significa que o universo significativo, os símbolos, o código de comportamento de tal maneira que ser impregnados pelo valor fundamental da solidariedade de tal maneira que ser solidário se transforme em algo conatural, espontâneo e o contrário seja percebido como violência, destoando da melodia dominante.<sup>150</sup>

É a partir das cidades que as Diretrizes olham para o mundo como um todo<sup>151</sup>, não abandonando com isso o campo nem deixando de olhar para os ambientes que não estão diretamente nas cidades<sup>152</sup>. Trata-se, ao contrário, de perceber que eles estão marcados pela mentalidade urbana, com todas as consequências, humanas, éticas, sociais e ambientais, entre outras. As Diretrizes estão reconhecendo que o mundo se tornou urbano e isso acontece não só porque a maioria das pessoas tende a residir nas cidades que nos campos, mas porque a mentalidade das cidades se espalhou sobre os espaços. O mundo se tornou uma grande cidade, onde o viver se manifesta fortemente interligado e o estilo de vida das grandes cidades é capaz de

---

<sup>149</sup> LIBÂNIO, J. B., *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p. 133.

<sup>150</sup> LIBÂNIO, J. B., *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p. 133.

<sup>151</sup> CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*, n. 28; 31 - 32.

<sup>152</sup> CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*, n. 10; 28; 46.

influenciar até mesmo o mais distante ponto do planeta, principalmente em decorrência dos atuais meios de comunicação<sup>153</sup>.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil nos convidam a uma reflexão profunda sobre o mundo contemporâneo, que é marcado por uma urbanização global que transcende os limites geográficos das cidades, espalhando a mentalidade urbana para além dos grandes centros e influenciando até mesmo os espaços isolados. Essa lógica urbana molda comportamentos, valores e práticas em escala planetária, impactando questões humanas, éticas, sociais e ambientais. Mais do que um fenômeno demográfico, a urbanização representa um estilo de vida que, impulsionado pelos avanços nos meios de comunicação e pela conectividade global, transforma o planeta em uma "grande cidade", onde as dinâmicas das metrópoles influenciam até os lugares mais distantes. Nesse contexto, torna-se essencial refletir sobre os efeitos dessa urbanização ampliada, desde a sustentabilidade ambiental até as interações humanas e culturais, para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades de um mundo cada vez mais interligado e marcado pelo espírito urbano.

### 3.4

#### **Os aspectos do mundo urbano**

O fenômeno urbano é refletido dentro da complexidade e diversidade das cidades, onde influencia a vida cotidiana, a cultura e a sociedade. As expressões que revelam a complexidade do momento histórico que se apresenta são: pós-modernidade, ultramodernidade, super modernidade, alta modernidade e crise da modernidade. O Documento de Aparecida diz que “vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural”<sup>154</sup>. Um novo paradigma sociocultural se impõe, cujo alcance afeta as dimensões da existência humana<sup>155</sup>. A realidade é gerada no próprio seio da modernidade<sup>156</sup>, deve ser olhada a partir de seu prisma peculiar. A modernidade caracteriza-se pelos avanços e transformações socioculturais decorrentes do progresso da razão e da tecnologia, iniciados na revolução industrial, assiste-se uma desconfiança das promessas da razão, do progresso ilimitado, das pretensões do saber. A mesma sensibilidade desconfiada

---

<sup>153</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 28; 46.

<sup>154</sup> DAp 44.

<sup>155</sup> RÚBIO, A. G., Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs, p. 45.

<sup>156</sup> MIRANDA, M. F., A Igreja numa sociedade fragmentada, p. 262.

com tais realidades utópicas está sedenta de outras dimensões e valores, tais como o afetivo, a integração e o ecológico.

O Sociólogo Zygmunt Bauman fala de uma ‘modernidade líquida’, em oposição a um mundo ‘sólido’ e ‘pesado’, delimitado, estruturado, com regras claras e posturas definidas<sup>157</sup>. Os conceitos racionais e unitários, a ordem, os dogmas, as instituições hierarquizadas cedem lugar à flexibilidade, à subjetividade, ao ceticismo e à desconfiança diante de qualquer discurso que advoga verdades absolutas. As grandes narrativas, fornecedoras de sentido universal, são substituídas por pequenos mundos fragmentados, recusam-se referências globalizantes. Assim não existem, na pós-modernidade, critérios universais, mas valores relativos. Resulta daí a crise do conceito de sociedade como um mundo lógico e perfeito.

“O provisório, o efêmero, o relativo e o temporário são mais expressivos que o eterno, o imutável, o integrado, o harmônico e o sublime. A mistura é melhor que a pureza”<sup>158</sup>. Assim se assume uma sociedade do ‘risco’, do pensamento ‘débil’<sup>159</sup>, da decepção e da ansiedade. Para o filósofo Gilles Lipovetsky:

A sociedade hipermoderna é propriamente aquela que multiplica ao infinito as ocasiões de experiências frustrantes [...]. Quando se põe em destaque um fantasioso conceito de ‘carência zero’ generalizante, como é possível escapar do aumento da decepção.<sup>160</sup>

O teólogo França Miranda ilumina a ansiedade que marca nossa época:

Ninguém está completamente à vontade na sociedade pós-moderna. Todos estão contaminados por uma epidemia silenciosa de insegurança e de angústia. A oferta generosa e abundante de definições da realidade, à semelhança de um shopping bem sortido, garante ao indivíduo maior espaço para sua liberdade, mas simultaneamente, descarrega sobre ele o difícil ônus de construir sua própria identidade sem lhe oferecer referências sólidas.<sup>161</sup>

A nova sensibilidade modifica profundamente a relação tempo-espaço-ser humano. Nas considerações de Bauman, “cancela-se a diferença entre longe e aqui. O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos. Ele conta pouco, ou nem

---

<sup>157</sup> Cf. BAUMAN, Z., *Modernidade Líquida*.

<sup>158</sup> BENEDETTI, R. L., *Pós-modernidade: abordagem sociológica*. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L., *Teologia na Pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*, p. 69.

<sup>159</sup> Cf. VATTIMO, R., *Il pensiero debole*; e LIPOVETSKY, G., *A sociedade da decepção: entrevista coordenada por Bertand Richard*.

<sup>160</sup> LIPOVETSKY, G., *A Sociedade da decepção: entrevista coordenada por Bertand Richard*, p. 6.

<sup>161</sup> MIRANDA, M. F., *A Igreja numa sociedade fragmentada*, p. 264.

conta. Perdeu seu valor estratégico”<sup>162</sup>. Bauman, na alusão entre tempo, espaço e “sociedade líquida”, expressa:

Os fluidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se ... Diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho [...]. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza.<sup>163</sup>

Consolida-se o rompimento das fronteiras territoriais e a mobilidade é uma das características determinantes. Invadem-se e encurtam-se os espaços em tempo inimagináveis.

A característica peculiar no contexto sociocultural é a subjetividade e o individualismo. Trata-se do que Lipovetsky chamou de “emancipação do indivíduo em face às imposições coletivas”<sup>164</sup>. Num mundo marcado pela “ausência de lei social, as pessoas não têm mais parâmetros adequados de medir a viabilidade de seus desejos”<sup>165</sup>. Resulta disso que, “cada um, diante da generosa diversidade de fontes, de sentido para a vida, de cunho cultural ou religioso, deve fazer uso de sua liberdade e optar pessoalmente pelo caminho a seguir”<sup>166</sup>.

O Documento de Aparecida expõe sua preocupação com o acentuado grau de subjetivismo individualista presente na sociedade e ao analisar a situação sociocultural, na América Latina e Caribe, afirma:

Também se verifica uma tendência para a afirmação exasperada de direitos individualistas e subjetivos. Essa busca é pragmática e imediatista, sem preocupações com critérios éticos. A afirmação dos direitos individuais e subjetivos, sem um esforço semelhante para garantir os direitos sociais, culturais e solidários, resulta em prejuízo da dignidade de todos, especialmente daqueles que são mais pobres e vulneráveis.<sup>167</sup>

O teólogo Garcia Rubio fala de “um subjetivismo radicalmente individualista que predomina na visão do ser humano, própria desta sensibilidade pós-moderna. O princípio a nortear a vida das pessoas parece ser: a resposta é boa, quando funciona bem para mim!”<sup>168</sup>. Torna-se visível o alto índice de individualismo reinante na atual cultura, a busca desenfreada do consumismo e da realização

---

<sup>162</sup> BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, p.136.

<sup>163</sup> BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, p.136.

<sup>164</sup> LIPOVETSKY, G., *A Sociedade da decepção: entrevista coordenada por Bertand Richard*, p. 2.

<sup>165</sup> LIPOVETSKY, G., *A Sociedade da decepção: entrevista coordenada por Bertand Richard*, p. 8.

<sup>166</sup> MIRANDA, M. F., *A Igreja numa sociedade fragmentada*, p. 61.

<sup>167</sup> DAp 47.

<sup>168</sup> RÚBIO, A. G., *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, p. 46.

imediate. Daí se compreende a lógica e a abrangência da globalização e do neoliberalismo, realidades centrais nas preocupações da V Conferência Episcopal Latino-americana e Caribenha<sup>169</sup>.

O Documento de Aparecida fala de mudanças e afirma que “os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas”<sup>170</sup> e que tais mudanças são diferentes do ocorrido em outras épocas, que possuem um alcance global, ainda que de forma diferente nos povos e nas culturas, com consequências para os âmbitos da vida humana, inclusive o religioso<sup>171</sup>. Diante da cultura que predomina na sociedade pode-se fazer uma descrição sobre a mudança de época e seu nível mais profundo.

Em face dessas mudanças, a realidade se torna cada vez mais “sem brilho e complexa”<sup>172</sup>, ou seja, confusa para os que nela vivem. Em face dessas mudanças, a realidade se torna cada vez mais “sem brilho e complexa”, ou seja, confusa para os que nela vivem. Essa complexidade é acompanhada por um alto grau de incerteza, que traz consigo uma profunda e inescapável "crise de sentido". Trata-se não de uma falta de sentidos parciais e cotidianos, mas de uma crise que afeta o sentido global da existência<sup>173</sup>. O Documento de Aparecida reconhece, para a Igreja no continente latino-americano e caribenho, o fenômeno conhecido como "mudança de época". Dessa forma, o texto aborda a relação da realidade com a dimensão religiosa ou, em um sentido mais amplo, com a vivência da fé, que se constituiu num fator de resistência aos inúmeros desafios<sup>174</sup>. A novidade é que “essa preciosa tradição começa a se diluir”<sup>175</sup>, a ponto de não ser mais capaz de “transmitir os valores culturais de uma geração a outra com a mesma fluidez que no passado”<sup>176</sup>.

O Documento de Aparecida diz respeito à sobrevalorização da subjetividade individual, que decai no assim chamado individualismo cultural, “pragmático e narcisista”<sup>177</sup>: o indivíduo se põe no centro de tudo, busca a realização imediata de

---

<sup>169</sup> DAp 60-73.

<sup>170</sup> DAp 34.

<sup>171</sup> DAp 35.

<sup>172</sup> DAp 36.

<sup>173</sup> DAp 37.

<sup>174</sup> DAp 37.

<sup>175</sup> DAp 38.

<sup>176</sup> DAp 39.

<sup>177</sup> DAp 51.

seus desejos, enfraquece os vínculos comunitários, enfatiza o presente, cultua o corpo, deixa-se atrair pelas sensações. Deste modo, a pessoa se torna indiferente ao outro, vive o seu dia a dia sem programas a longo prazo nem apegos pessoais, familiares e comunitários, considerando as relações humanas como objetos de consumo, sem compromisso responsável e definitivo<sup>178</sup>. A força mobilizadora da noção de bem comum desaparece do horizonte, com prejuízo da dignidade de todos, especialmente daqueles que são mais pobres e vulneráveis<sup>179</sup>.

A globalização trouxe benefícios incalculáveis para a humanidade, mas deixou aumentar a distância entre os que têm e os que possuem pouco. O resultado mais imediato é o surgimento de uma multidão de empobrecidos e excluídos do convívio social. “Na globalização, a dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores das relações humanas”<sup>180</sup>. A economia, regida pela lei do mercado, sob o jogo de interesses, transforma-se em palavra-chave<sup>181</sup>. O valor econômico se sobrepõe aos outros, inclusive ao ser humano, que se torna uma mercadoria.

O Documento de Aparecida reconhece que se vive uma mudança de época, em seu nível mais profundo e cultural, mostrando a realidade como “mais complexa” do que se imaginava no passado, a qual se nos oferece “fragmentada” sem que possa perceber sua unidade<sup>182</sup>. Assim se pode afirmar que, “em nossa época, a realidade traz inseparavelmente uma crise de sentido”<sup>183</sup>, pois falta aos nossos contemporâneos “uma compreensão unitária que lhes permita exercer sua liberdade com discernimento e responsabilidade”<sup>184</sup>. Daí a dificuldade em transmitir os valores culturais às novas gerações<sup>185</sup>.

A descrição da atual cultura é provocada pela hegemonia do fator econômico em nossa sociedade. A ciência e a técnica são, assim, colocadas exclusivamente a serviço do mercado e regidas pelos critérios únicos da eficácia, da rentabilidade e da funcionalidade<sup>186</sup>. Este fato decorre do atual fenômeno da globalização, que se

---

<sup>178</sup> DAp 46.

<sup>179</sup> DAp 47.

<sup>180</sup> DAp 61.

<sup>181</sup> MIRANDA, M. F., Um homem perplexo: o cristão na atual sociedade, p.11.

<sup>182</sup> DAp 36.

<sup>183</sup> DAp 37.

<sup>184</sup> DAp 42.

<sup>185</sup> DAp 39.

<sup>186</sup> DAp 45.

impõe ao mundo, desprezando as culturas locais e promovendo “uma cultura homogeneizada nos setores”<sup>187</sup>. A cultura que idolatra o poder, a riqueza e o prazer efêmero se transformou “em norma máxima de funcionamento e em critério decisivo na organização social”<sup>188</sup>.

Os aspectos positivos da atual cultura são mencionados: “o respeito à dignidade e à liberdade de cada um, o valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência, a busca do sentido da vida e da transcendência”<sup>189</sup>, “a simplicidade e o reconhecimento do fraco e do pequeno na existência”<sup>190</sup>, “o desejo de se encontrar com outros e compartilhar o vivido, como maneira de dar a si uma resposta”<sup>191</sup>, “a ênfase na experiência pessoal e no vivencial”<sup>192</sup>.

O Concílio Vaticano II apresentou ao mundo uma fé que passa pela cultura dos povos, na arte, na música, na literatura e outras manifestações. Nelas se vê a identidade do ser humano e da coletividade. Diante do declínio da objetividade que distancia e torna as coisas relativas em detrimento de uma cultura global, isenta de conscientizar o ser humano que ele é responsável pela vida. O isolamento e a individualidade se tornam um desafio enorme para a evangelização.

### 3.5

#### **As tendências socioculturais e o fenômeno urbano**

O modo de viver, sentir e pensar do ser humano tem passado por profundas mudanças nos últimos tempos. Mudanças de cenários vão exigindo reavaliações de conceitos e de eixos utilizados nas reflexões sobre o urbano, tendo em vista que a cidade apresenta novas dinâmicas, determinados pela globalização da economia e da sociedade<sup>193</sup>. Este contexto fez do mundo planetário uma aldeia global, como já foi afirmado, gerando alterações nas formas de organização do trabalho, na estrutura de consumo, nas práticas sociais e culturais e nos usos da cidade, constituindo uma nova cultura urbana.

O caráter ambíguo, desigual e contraditório da cidade sofre tendências como a homogeneidade e o pluralismo, como foi antes dito. E acrescenta que a globalização veio da desterritorialidade e do pluralismo. A primeira noção refere-se àquela

---

<sup>187</sup> DAp 46.

<sup>188</sup> DAp 387.

<sup>189</sup> DAp 479.

<sup>190</sup> DAp 52.

<sup>191</sup> DAp 53.

<sup>192</sup> DAp 55.

<sup>193</sup> BORIN, M., Apresentação: cidade e modernidade, p. 28-31.

experiência própria da modernidade global pela qual as relações sociais e a construção de identidades acontecem “desancoradas” de uma localidade. O contexto específico, enquanto as próprias “localidades físicas” se vêm penetradas e transformadas por influências sociais remotas. Devido a este fenômeno as cidades têm experimentado câmbios profundos não só na distribuição, comunicação e fragmentação do espaço, mas na maneira como seus habitantes se relacionam com a cidade e na cidade, com os outros e consigo mesmo.

A noção de pluralismo, já mencionado, refere-se àquela situação de acelerada e massiva mistura e interação de diferentes estilos de vida, valores, crenças e cosmovisões típicas da modernidade globalizada. E que as grandes cidades constituem a sede do pluralismo por seu enorme volume e por sua grande heterogeneidade. O pluralismo tem sido promovido fortemente pelos meios massivos de comunicação e assim o urbano como atitude e mentalidade tem deixado de ser necessariamente coincidente com os habitantes da cidade. Instalados na cultura digital e midiática com a proliferação das novas tecnologias comunicacionais e informacionais está se falando do nascimento de um “novo sujeito” com exigências e características próprias<sup>194</sup>.

A cultura urbana tende a ser cada vez menos um fator derivado do território e da densidade demográfica e mais das novas condições da modernidade radicalizada onde o imaginário constitui um papel importante na representação e instituição do social e da interculturalidade<sup>195</sup>.

Embora a cultura urbana seja frequentemente vista como um todo homogêneo, na realidade, ela se caracteriza pela coexistência e interação recíproca de múltiplas culturas em um mesmo espaço. Por isso, é essencial reconhecer as cidades como verdadeiros espaços multiculturais. Nestes espaços, coexistem tensamente diversidades étnicas, regionais e socioeconômicas.

O pluralismo cultural supõe a interação e interpenetração entre culturas, o que facilita uma espécie de “contaminação” cognoscitiva, simbólica e de sentido.

Diante do fenômeno urbano e das profundas transformações no campo social e cultural é lícito falar de uma Nova Era da história humana. Como já foi dito, o

---

<sup>194</sup> PUNTEL, J., *Mediatização/Mediatização: novo cenário contemporâneo*. In: BRIGHENTI, A., *Pastoral urbana: categorias de análise e interpelações pastorais*, p. 253-254.

<sup>195</sup> BRAVO, B., *Imaginários urbanos*. In: LEGORRETA, J., *10 Palabras clave sobre Pastoral Urbana*, p. 47-78.

Vaticano II marca o início desta reflexão na sua constituição pastoral *Gaudium et Spes*<sup>196</sup>, fazendo surgir outros Documentos Magisteriais, encontros, seminários, Conferências e espaços de reflexão sobre a temática.

O texto da Conferência de Medellín assinala, em sua introdução, a nova época histórica que começava-se a vislumbrar e faz duas referências ao fenômeno urbano<sup>197</sup>. Embora em Medellín não se tenha aprofundado propriamente na realidade urbana, essa reflexão foi realizada em desdobramentos posteriores<sup>198</sup>.

A Conferência Puebla falou sobre a cultura e foi decisiva para a reflexão posterior sobre pastoral urbana. Nesta Conferência se assume a opção de evangelizar a cultura<sup>199</sup> e a transforma-lá na grande opção pastoral da Igreja Latino-americana<sup>200</sup>. Com a sua referência à cidade<sup>201</sup>, Puebla é o Documento da Igreja que assume a cultura urbano-industrial e a vida urbana como desafios pastorais. A Conferência propôs encontros a nível continental, nacional e regional para evangelizar as grandes metrópoles.

A Conferência de Santo Domingo, no contexto da nova evangelização, destaca a cidade como um espaço privilegiado para a evangelização da cultura<sup>202</sup>, propondo uma série de desafios e diretrizes pastorais, tais como: inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano; reorganizar as estruturas paroquiais para responder ao contexto urbano; promover a formação e capacitação dos leigos, além de instituir ministérios específicos para sua atuação evangelizadora nas grandes áreas urbanas; programar uma pastoral diversificada segundo os diferentes espaços das cidades; multiplicar as pequenas comunidades e as comunidades eclesiais de base; evangelizar os grupos de influência nas cidades com o objetivo de transformar os contextos de miséria e exclusão presentes nas cidades, entre outras iniciativas.

A Conferência de Aparecida retoma o tema de maneira explícita dedicando várias passagens<sup>203</sup>. Segue o método pastoral latino-americano ver-julgar-agir, apresentando primeiramente a realidade sociológica das grandes *urbes*, e

---

<sup>196</sup> GS 6; 54.

<sup>197</sup> CELAM, Documento de Medellín, III, 2; X, 10.

<sup>198</sup> Cf. GALILEA, S., *A dónde va la pastoral?*; e também CAMPOS, L. *et al.*, *Pastoral y lenguaje*.

<sup>199</sup> DP 385.

<sup>200</sup> DP 394-396.

<sup>201</sup> DP 429-433.

<sup>202</sup> CELAM, Documento de Santo Domingo, n. 255-262.

<sup>203</sup> DAp 509-519.

posteriormente, um julgamento teologal da realidade urbana e por último assinala algumas linhas de ação. A Conferência descreve as principais características das cidades contemporâneas e resume a posição histórica da Igreja frente as *urbes* e os desafios que se apresentam à tarefa evangelizadora<sup>204</sup>. Aparecida desenvolveu uma reflexão teológica sobre as cidades<sup>205</sup> e uma referência à ação onde recomenda-se uma pastoral urbana mais missionária<sup>206</sup>. Foram apresentadas orientações para a formação de agentes de pastoral e a integração de elementos de uma pastoral orgânica na cidade. Essas orientações, ricas e inspiradoras, incluem a necessidade de considerar novos estilos e linguagens pra encarnar o Evangelho nas cidades; fomentar a descentralização evangelizadora; compreender a paróquia como comunidade de comunidades; cuidar da pastoral da acolhida para os que chegam na cidade; prestar especial atenção ao mundo do sofrimento urbano etc.

Diante da dimensão teologal do fenômeno urbano, o Documento de Aparecida dedica atenção especial ao tema, propondo uma visão positiva da cidade ao afirmar nela a presença de Deus<sup>207</sup>, como já foi dito. É urgente compreender o fenômeno urbano sem carregar preconceitos negativos sobre a cidade, resgatando sua potencialidade e sua capacidade de revelar a Deus no momento presente<sup>208</sup>.

A aproximação sociológica das cidades consiste em “conhecê-la analiticamente”<sup>209</sup>. A abertura interdisciplinar é concebida como uma mediação fundamental para poder responder aos desafios da cidade. Impõe-se, portanto, uma postura dialogal assumindo o papel de “interlocutores” dos que vivem nas *urbes*, pondo-nos a caminho para encontrar juntos o Deus que se anuncia.

O pluralismo cultural e religioso é um fator irreversível para se compreender a cidade, como se tem falado anteriormente. Esse pluralismo deve ser assumido dentro das *urbes* com a singularidade e a particularidade de cada uma, descobrindo o que tem se chamado de “cidades invisíveis” dentro duma mesma *urbe* e das “subculturas” dentro das culturas<sup>210</sup>. Isso exige que a ação eclesial e missionária não seja uniforme ou padronizada, mas diversificada, capaz de acolher as diferenças e

---

<sup>204</sup> DAp 509-513.

<sup>205</sup> DP 514-516.

<sup>206</sup> DAp 517-519.

<sup>207</sup> DAp 514.

<sup>208</sup> GALLI, C. M., Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida, p. 155-181.

<sup>209</sup> BRIGHENTI, A., Pastoral Urbana: categorías de análise e interpelações pastorais, p. 27.

<sup>210</sup> BRAVO, B., Pastoral Urbana: simbólica urbana y simbólica Cristiana, p. 153-218.

responder com criatividade às diversas realidades e desafios urbanos.

### 3.6

#### A experiência religiosa no mundo urbano

A história mostra a necessidade de uma nova e necessária linguagem religiosa específica para que a mensagem de fé possa ter sua eficácia e atingir as novas gerações. A identidade cristã só existe se encarnada na história e na realidade da cidade. O teólogo Mario França de Miranda diz:

A Igreja é uma realidade humana e divina. Enquanto divina, deve ela sua identidade ao próprio Deus manifestado e presente na pessoa de Jesus Cristo. Mas enquanto comunidade de homens e mulheres esta mesma identidade só existe se encarnada na história, em épocas, contextos e situações existenciais bem determinadas. Pois é exatamente nessas sociedades históricas que seus membros vivem, se relacionam, professam, sua fé. Não é de espantar que a linguagem e as estruturas da realidade social evolvente sejam assumidas em parte pela Igreja para que ela possa ser captada, entendida e acolhida pelas sociedades. Caso contrário, sua identidade teológica permaneceria desconhecida, inacessível e opaca para seus contemporâneos. E como tais contextos vitais sofrem transformações, como nos comprova a história da humanidade, também a Igreja, para realizar sua missão salvífica e fazer jus à sua própria identidade de sinal e do Reino, deve assumir, desde que se façam necessárias para sua finalidade, tais transformações em sua configuração institucional.<sup>211</sup>

As pessoas possuem o resíduo cultural da cristandade e preservam um “estilo” que é claramente uma herança de uma época histórica. Apreciam costumes, rituais derivados daquele período da história em que o discurso tinha sentido. Nesse contexto assume vital importância o *aggiornamento* do Concílio Vaticano II:

O Concílio Vaticano II significou uma mudança decisiva para esta configuração Eclesiológica. Pois aceitou dialogar com a sociedade civil, avaliar a cultura da Modernidade, assumir alguns de seus elementos, atualizar (*aggiornamento*) sua pastoral pelo conhecimento do contexto real onde vivem os católicos, reconhecer a importância das Igrejas locais e a necessária inculturação da fé.<sup>212</sup>

O Documento de Aparecida destaca a urgência de uma conversão pastoral, reconhecendo que o passado, especialmente o período da cristandade, exerce uma influência significativa sobre a Igreja nos dias de hoje. Ele observa que os novos membros da Igreja não surgem de uma escolha pessoal ou de uma conversão consciente à fé, mas predominantemente de um contexto cultural católico herdado pelo nascimento. A cristandade significou que as populações nascidas cristã católica permaneciam na fé e que tinham sido efetivamente evangelizadas. Na

<sup>211</sup> MIRANDA, M. F., Aparecida: a hora da América Latina, p. 72.

<sup>212</sup> BRIGHENTI, A., A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina, p. 78.

mesma linha se desenvolve uma “pastoral de conservação”, que não consegue emergir a atividade missionária como tarefa própria de cada cristão. Além disso, o peso da instituição que busca principalmente a estabilidade acaba por padronizar condutas, práticas e expressões doutrinárias, valorizando-as de tal modo que fomenta uma religião formalista e rotineira<sup>213</sup>.

A Cidade traz novos desafios, exige uma nova linguagem e muita criatividade. Quem busca a fé na fase adulta carrega consigo uma história de vida cheia de experiências, perplexidade, alegrias e decepções. O estudo do cristianismo é fundamental, mas a verdadeira fé se manifesta na vivência cotidiana, por isso, será necessário um verdadeiro mergulho no mistério, com uma experiência cada vez mais profunda das dimensões da vida cristã.

Existem pessoas que declaram não ter religião ou que a consideram insuficiente a sua suposta pertença eclesial. O povo, para sentir-se parte de uma tradição ou uma comunidade religiosa, precisa estar imerso no sentido da vida que caracteriza essa pertença. O processo de iniciação cristã precisa ser identificado com o novo projeto de vida. O que se verifica é que os métodos e a organização não atendem a urgência dos novos desafios.

A Igreja está diante de inúmeros desafios da cidade e busca caminhos para a complexidade que nela existe. A vida paroquial não atende os problemas de trabalho, de moradia, de convivência, de desorganização social da cidade e não assume os problemas de classes e dos grandes setores culturais. Diante desse desafio, o teólogo José Comblin expressa:

Globalmente podemos dizer que a instituição eclesial ignora a cidade. A divisão administrativa em dioceses e paróquias corresponde a situações do mundo rural antigo. Isso faz com que a instituição se concentre sobre si mesma e sobre seus próprios problemas internos. A cidade é para ela um mundo desconhecido, distante. A paróquia procura proteger-se contra o contágio da cidade e não pensa em orientá-la. Por outro lado, ela não dispõe de estruturas para elaborar respostas aos desafios. Na sua maioria, os padres são dedicados às paróquias e vivem no meio dos problemas da paróquia, procurando criar “paróquias vivas”, embora essas paróquias vivas não tenham relações com a sociedade urbana.<sup>214</sup>

A realidade é complexa e exige romper paradigmas. É necessário fazer a cidade dialogar, unir forças e estar presente nos dramas humanos, como indica o teólogo José Comblin:

---

<sup>213</sup> BRIGHENTI, A., A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina, p. 78.

<sup>214</sup> COMBLIN, J., Os desafios da cidade no século XXI, p. 7.

O desafio é assumir a realidade humana com toda a sua complexidade. Em primeiro lugar o modo de sentir e de pensar dos cidadãos de hoje. Está claro que o catecismo não lhes satisfaz. Em segundo lugar, os lugares e os tempos de vida comunitária têm de ser adaptados à condição do membro da cidade. Em terceiro lugar, a Igreja deve estar presente em todos os dramas humanos do homem e da mulher da cidade e tornar-se ativa na vida política no sentido antigo da palavra, ou seja, na vida da cidade “polis” como organização política.<sup>215</sup>

As mudanças socioculturais, as estruturas pastorais e o atendimento da Igreja devem alcançar adequadamente as populações nas periferias metropolitanas, etc. Uma experiência que surgiu na Igreja latino-americana e do Caribe, impulsionada pelas Conferências Episcopais, foi a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, movimento dentro da perspectiva do diálogo da Igreja com a cidade. Assim, o teólogo José Comblin diz:

Na Igreja católica, houve a experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O projeto respondia às aspirações dos cristãos do mundo moderno, sobretudo os de mentalidade urbana. Deviam ser pequenos grupos com finalidade determinada e intensa vida comunitária. Com apoio locais, as CEBs sobrevivem, mas com dois defeitos: primeiro, assumem todas as tarefas sacramentais e consomem a maior parte das suas energias na preparação e na celebração de sacramentos – o que é tarefa paroquial, influência predominante do modelo rural, já que muitas comunidades foram rurais. Com isso fica pouco tempo para a participação na vida da cidade e para a evangelização. As comunidades seguem o ritmo das paróquias, que são guetos urbanos. Não há dúvida de que as CEBs têm a fórmula adaptada à cidade, quando viabilizadas de modo autêntico. Também não há dúvida de que são incompatíveis com o clericalismo e, por isso, suscitam tanta oposição.<sup>216</sup>

Os novos contextos culturais e religiosos se encontram na urgência de novas estruturas pastorais. Isto exige imaginação e criatividade para fazer chegar ao Povo o Evangelho de Jesus Cristo. O Documento de Aparecida diz que:

A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo. Particularmente no mundo urbano, é urgente a criação de novas estruturas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural.<sup>217</sup>

Os desafios enfrentados pela Igreja no contexto urbano exigem uma profunda renovação em sua linguagem, estrutura e métodos pastorais. A fé cristã, para ser significativa e eficaz, precisa encarnar-se na realidade das cidades, dialogando com as transformações culturais e sociais contemporâneas. A missão evangelizadora

---

<sup>215</sup> COMBLIN, J., Os desafios da cidade no século XXI, p. 9.

<sup>216</sup> COMBLIN, J., Os desafios da cidade no século XXI, p. 23.

<sup>217</sup> DAp 173.

precisa levar em consideração as especificidades da modernidade, desenvolvendo uma pastoral que transcenda a conservação. Ela deve adotar uma dimensão missionária, voltada para alcançar as pessoas em sua complexidade e diversidade, respondendo aos desafios contemporâneos de maneira criativa e inclusiva.

A vida comunitária é essencial para a evangelização em um ambiente urbano, mas as estruturas tradicionais, como as paróquias, muitas vezes não correspondem às necessidades da sociedade atual. A Igreja é chamada a repensar sua presença e atuação na cidade, desenvolvendo espaços de acolhimento, reflexão e ação que estejam em sintonia com a realidade urbana. Experiências como as Comunidades Eclesiais de Base demonstram a possibilidade de uma Igreja mais próxima das pessoas, embora ainda enfrentem desafios para se desvincular de modelos que correspondem a realidade.

Por fim, a renovação missionária da Igreja requer uma imaginação pastoral que una tradição e inovação, capaz de anunciar o Evangelho de forma significativa para as novas gerações. Isso implica uma atitude de constante escuta e diálogo, adaptando-se às exigências dos tempos sem perder a essência do Evangelho. Assim, a Igreja poderá continuar sendo sacramento, promovendo uma fé viva, comunitária e transformadora, que responda às questões fundamentais da vida urbana e inspire a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

### **3.7**

#### **Considerações conclusivas**

O objetivo desta reflexão foi apresentar os desafios da cultura urbana em sintonia com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, ajudando a compreender melhor a cidade e sua complexidade. O desafio é fazer encarnar o Evangelho, promovendo uma evangelização que alcance as dimensões pessoais, culturais e sociais.

A cultura urbana é marcada por uma complexa rede de aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais e religiosos. Para enfrentar os desafios, é essencial uma visão global da evangelização, que compreenda a complexidade do mundo urbano e proponha respostas integradas e coerentes. A ação evangelizadora deve transformar as pessoas, as estruturas culturais e sociais. O principal desafio pastoral é levar o Evangelho ao coração das pessoas, às diversas culturas e às estruturas sociais. A transformação deve tocar profundamente os sentimentos, pensamentos,

convicções e visões de mundo, configurando o modo de vida a partir do interior<sup>218</sup>. Trata-se de uma dimensão pessoal e subjetiva da fé, que não se limita a expressões externas, mas exige uma opção diária por Jesus Cristo e seu Evangelho. Sem a vivência pessoal, a fé torna-se uma exterioridade vazia e ineficaz.

Os cristãos são chamados a disseminar e cultivar valores evangélicos como fraternidade, solidariedade, perdão e justiça por meio da comunidade. Esses valores, compartilhados com diversos grupos, têm um caráter humanizador, capaz de congregar pessoas e constituir a base de uma nova sociedade. Como afirma o Papa Francisco, uma transformação cultural profunda é indispensável para uma mudança significativa na sociedade.

A Igreja enfrenta os impactos do fenômeno urbano, como o individualismo, o consumismo, a mobilidade, a momentaneidade, o pluralismo, a diversidade e a secularização. A fé cristã reage aos desafios, convocando o povo à missão ativa e corajosa. A missionariedade implica sair ao encontro das realidades urbanas e demais ambientes, enfrentando suas causas mais profundas e buscando a transformação da realidade. Como destaca o Papa Francisco, é melhor uma Igreja acidentada e ferida por sair em missão do que uma Igreja doente pelo fechamento em si mesma.

O fortalecimento da dimensão comunitária da fé é essencial e as Comunidades alicerçadas na Palavra, no pão, na caridade e no dinamismo missionário são instrumentos do reinado de Deus neste mundo urbano. Assim, a evangelização abrange não apenas as dimensões pessoais e comunitárias, mas também a dimensão socio estrutural, respondendo de forma integral às exigências do mundo contemporâneo<sup>219</sup>.

---

<sup>218</sup> BRIGHENTI, A.; AQUINO J. F., Pastoral Urbana: novos caminhos para a Igreja na cidade, p. 220.

<sup>219</sup> BRIGHENTI, A.; AQUINO J. F., Pastoral Urbana: novos caminhos para a Igreja na cidade, p. 221.

## 4

### **As Pequenas comunidades como resposta aos desafios da cultura urbana**

Este capítulo reflete sobre o processo de evangelização no mundo urbano, destacando a importância das pequenas comunidades eclesiais missionárias como resposta aos desafios da cultura urbana a partir das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) e do Documento Comunidades de Comunidades: Uma Nova Paróquia e do Documento de Aparecida. A proposta é formar uma Igreja composta por várias comunidades missionárias, autênticas Igrejas domésticas, fundamentadas nos quatro pilares herdados das primeiras comunidades cristãs: a Palavra, a Eucaristia, a Caridade e a Ação Missionária.

Voltar às origens das primeiras comunidades cristãs e ao processo de transmissão da fé é essencial para enfrentar os desafios da evangelização em um mundo cada vez mais urbano. O retorno às fontes permite resgatar a essência da vida comunitária e da vivência da fé, tornando possível uma nova abordagem frente ao mundo pós-moderno. As pequenas comunidades oferecem um modelo capaz de renovar a missão evangelizadora, adaptando-a aos tempos atuais sem perder sua essência.

A missão da Igreja é anunciar o Evangelho nos diferentes contextos históricos, espaços e culturas, utilizando métodos de evangelização apropriados às necessidades de cada época. No contexto moderno, caracterizado por transformações tecnológicas, globalização e urbanização, é necessário compreender as mudanças que afetam a sociedade, como os novos valores, pensamentos e costumes, para que a evangelização dialogue efetivamente com a realidade.

A pastoral urbana exige uma conversão pastoral das paróquias, transformando-as em espaços acolhedores e promotores da cultura do encontro. Uma paróquia de portas abertas oferece ao fiel um ambiente de oração e recolhimento, enquanto se engaja ativamente na missão evangelizadora. Essa renovação pastoral busca responder aos desafios do mundo urbano, promovendo uma Igreja mais próxima das pessoas e atenta às necessidades de uma sociedade em constante transformação

## 4.1

### A evangelização no contexto urbano

A cidade, imagem importante para a ação evangelizadora, é assumida pelas Diretrizes de 2019-2023 como um novo perfil de espaço urbano<sup>220</sup> para possibilitar uma experiência eclesial que corresponda à necessidade humana, antropológica, comunitária, pois “só existe efetiva comunidade onde os relacionamentos humanos são marcados pelo conhecimento, pela mútua interpelação e pelo mútuo enriquecimento, por sonhos e causas comuns”<sup>221</sup>.

O Documento de Aparecida reafirma que vivemos em um período de mudança de época. Trata-se de “processo em andamento”<sup>222</sup> e uma forma de compreender esta mudança de época é por meio da imagem da cidade. O olhar das Diretrizes sobre as cidades é positivo<sup>223</sup>: “um ambiente a contemplar”<sup>224</sup>, porque “é o lugar da presença de Deus”<sup>225</sup>, um Deus que “habita a cidade”<sup>226</sup> e “está no meio de nós”<sup>227</sup>. E “contemplando o mundo com os olhos de Deus, é possível perceber e acolher o grito que emerge das várias faces da pobreza e da agonia da criação”<sup>228</sup>, pois as questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana devem ser enfrentados pelas nossas comunidades numa postura de diálogo, respeito à dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados, compaixão, busca da justiça e do bem comum, e cuidado com o ambiente<sup>229</sup>.

O Documento de Aparecida propõe uma conversão pastoral na qual “as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários”<sup>230</sup> para que, assim, a Igreja entre em um “estado permanente de missão”<sup>231</sup>. A missão é um tema que perpassa o Documento e é a chave de leitura para compreender o projeto proposto pela Conferência. Essa missão consiste em que o discípulo que ama o

---

<sup>220</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 28.

<sup>221</sup> AMADO, J. P., Cidade, território e evangelização: o desafio de gerar comunidades em ambientes de mobilidade, individualidade e adesão seletiva. *In*: BRIGHENTI, A., Pastoral urbana: categorias de análise e interpelações pastorais, p. 76.

<sup>222</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 44.

<sup>223</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 114.

<sup>224</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 32.

<sup>225</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 10; 47.

<sup>226</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 46; 72.

<sup>227</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 72.

<sup>228</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 102.

<sup>229</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 104.

<sup>230</sup> DAp 368.

<sup>231</sup> DAp 551.

Senhor, sente a necessidade de compartilhar com os outros a alegria de ser enviado e de anunciar a Boa Nova do Evangelho, e se dedica em construir o Reino de Deus<sup>232</sup>. É um projeto de evangelização que leva à aspiração de compartilhar o Reino da Vida nova, plena, digna e feliz em Cristo.

O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai. Por isso, pede a seus discípulos: ‘Proclamem que está chegando o Reino de Deus!’ (Mt 10,7). Trata-se do Reino da vida, pois a proposta de Jesus Cristo a nossos povos e o conteúdo fundamental dessa missão, é a oferta de vida plena para todos.<sup>233</sup>

Esse movimento missionário, impulsionado pela Conferência de Aparecida, estimula também a pastoral urbana. Constatar a realidade urbana revela que as cidades se tornaram verdadeiros “laboratórios dessa cultura contemporânea, complexa e plural<sup>234</sup>.”

As Diretrizes Gerais da CNBB acolhem as orientações do Papa Francisco em sua Exortação *Evangelii Gaudium*, sobre as Cidades: “culturas em contínuo processo de transformação, de recriação, onde coabitam angústias e buscas de apoio e sentido para a vida, onde existem conflitos, mas também solidariedade, fraternidade, desejo de bem, de verdade e de justiça”<sup>235</sup>.

O Papa Francisco, em 2014, dirigindo-se aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, alargou os horizontes da ação pastoral, dizendo:

É preciso ter a coragem de realizar uma pastoral evangelizadora audaz e sem receios, porque o homem, a mulher, as famílias e os vários grupos que habitam na cidade esperam de nós e precisam dela para a sua vida, a boa notícia que é Jesus e o seu evangelho.<sup>236</sup>

O Pontífice dirigiu uma atenção especial à “evangelização na cidade”. Lançou luzes sobre o caminho a ser trilhado para que a Igreja seja incisiva no anúncio do Evangelho, especialmente no contexto urbano<sup>237</sup>, destacando quatro desafios para a pastoral urbana:

O primeiro desafio é a mudança de mentalidade pastoral, ou seja, de uma pastoral de manutenção com ideia de que ainda se vive na cristandade para uma pastoral audaz, sem receio, porque os habitantes da cidade esperam da Igreja, precisam dela para sua

---

<sup>232</sup> DAp 278.

<sup>233</sup> DAp 361.

<sup>234</sup> DAp 509.

<sup>235</sup> EG 71-72; 75.

<sup>236</sup> SISTACH, L. M., A pastoral nas grandes cidades, p. 441.

<sup>237</sup> ORIOLO, E., Evangelizar as cidades à luz do magistério do Papa Francisco, p. 11.

vida, aguardam a Boa Notícia que é Jesus e o seu Evangelho. O segundo desafio é o diálogo com a multiculturalidade. As grandes cidades são multiculturais e, por isso, exigem da Igreja o diálogo com essa realidade para alcançar o coração do próximo, dos outros que são diferentes de nós, e ali semear o Evangelho. O terceiro desafio é a valorização da piedade popular, “pois possui um autêntico substrato religioso que geralmente é cristão e católico”. O quarto desafio é ouvir Deus, que fala através dos pobres urbanos, vítimas de pobreza econômica, social, moral e espiritual.<sup>238</sup>

Entre suas propostas para a pastoral urbana, destaca-se em primeiro lugar a ideia de “sair e facilitar”, que consiste em uma transformação eclesial na qual a Igreja assume a missão de ser uma Igreja em saída, facilitando o encontro com o Senhor e tornando os Sacramentos mais acessíveis, com ênfase especial no Batismo.

A segunda proposta é ser uma Igreja Samaritana comprometida em dar testemunho do Evangelho, especialmente nas periferias existenciais e junto aos mais pobres e, assim, colaborar na construção de uma cidade fundamentada na justiça, na solidariedade e na paz. O Papa propõe a pastoral social como dimensão caritativa da pastoral urbana, demonstrando responsabilidade pelos pobres, pois são os privilegiados do Reino. Todas essas propostas devem levar sempre em consideração o “protagonismo dos leigos e dos próprios pobres”<sup>239</sup>.

A realidade pode se manifestar de forma distorcida, com dores que se apresentam como invencíveis. O discípulo missionário, porém, reconhece, testemunha e anuncia que o Senhor não está inerte, que Ele não nos abandonou à própria sorte. Pela força de seu Espírito, o Senhor Jesus se faz presente como a pequena semente destinada a transformar-se numa grande árvore, como o punhado de fermento que leveda toda a massa, e como a semente que cresce no meio do joio<sup>240</sup> revelando o dinamismo do Reino de Deus mesmo em contextos desafiadores.

A ação evangelizadora, levando em conta a complexidade das cidades<sup>241</sup>, é provocada a reconhecer a presença de Deus<sup>242</sup> e o que Ele está dizendo e fazendo<sup>243</sup>, como observou o Documento de Aparecida: “a fé ensina que Deus vive na cidade, em meio às suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio às suas

---

<sup>238</sup> SISTACH, L. M., A pastoral nas grandes cidades, p. 440-444.

<sup>239</sup> SISTACH, L. M., A pastoral nas grandes cidades, p. 445-446.

<sup>240</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 72.

<sup>241</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 27-28; 30.

<sup>242</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 46-47.

<sup>243</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 32.

dores e sofrimentos”<sup>244</sup>.

A realidade traz consigo ambiguidades e contradições. É necessário identificar as sombras que negam o Reino de Deus, cabendo à Igreja lançar sempre um olhar prospectivo sobre a cultura urbana, a fim de estabelecer um diálogo com ela, ajudando-a, mesmo com os seus valores e limites, a se abrir ao Reino. A convocação ao diálogo é fundamental, levando em consideração que as marcas da mentalidade urbana são globais, mundiais e, ao mesmo tempo, diversificadas e plurais.

As Diretrizes Gerais esclarecem e evidenciam o que se entende por ação da Igreja no mundo urbano, chamando a atenção para a complexidade, a abrangência, e as diferentes perspectivas na compreensão da presença da Igreja nas cidades e a partir das cidades, evitando cair nas generalizações e nos reducionismos. Entendem a cidade como o encontro de estruturas físicas com relações humanas e sociais<sup>245</sup> e resgatam na *Evangelii Nuntiandi*, uma compreensão essencial no tocante à evangelização:

Não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou a populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.<sup>246</sup>

As Diretrizes reconhecem que o mundo está cada vez mais urbano, não apenas pela tendência das pessoas migrarem das áreas rurais para as cidades, mas também porque a mentalidade das cidades vai se espalhando sobre os demais espaços. O mundo transforma-se em uma grande cidade, profundamente interligada e o estilo de vida das metrópoles exerce influência até nos pontos mais distantes do planeta, principalmente em decorrência dos atuais meios de comunicação<sup>247</sup>.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, ensina que a nova Jerusalém, a cidade santa (Cf. Ap 21.2- 4), é a meta para onde caminha a humanidade e que a Revelação nos mostra que a plenitude da humanidade e da história se realiza em uma cidade. É preciso voltar-se à cidade com um olhar contemplativo, um olhar de

---

<sup>244</sup> DAp 514.

<sup>245</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 29.

<sup>246</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 48; EN 19.

<sup>247</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 28; 46.

fé, capaz de reconhecer o Deus que habita nas suas moradias, ruas e praças. Essa presença divina não precisa ser criada, mas descoberta e revelada<sup>248</sup> mostrando que Deus já está atuando na vida urbana.

O olhar contemplativo proposto pelo Papa é sociológico, capaz de identificar seus problemas e contradições, mas também é um olhar de fé carregado de esperança e atento à presença de Deus. Esse olhar reconhece Deus nas pessoas que buscam sinceramente um sentido para sua vida, que promovem a solidariedade, a fraternidade, o bem comum e a verdade, bem como naquelas que lutam pela justiça. O Documento de Aparecida afirma que, na cidade, o elemento religioso é mediado por diferentes estilos de vida, como já mencionado, por costumes ligados a um sentido do tempo, de território e das relações que diferem fundamentalmente daqueles da realidade rural<sup>249</sup>.

Os habitantes das cidades frequentemente lutam para sobreviver, o que muitas vezes leva a esconderem ou suprimirem o sentido religioso em meio às pressões e desafios do cotidiano urbano. Muitas pessoas que residem nos centros urbanos migraram do mundo rural, onde o modo de viver era profundamente marcado pela referência à Igreja, ao trabalho e à família, com uma rotina centrada em valores religiosos. Ao chegarem às cidades, porém, não encontram espaço adequado para viver a fé. Diante disso, a pastoral urbana é desafiada a oferecer uma espiritualidade capaz de preencher o vazio urbano, propiciando condições para a vivência de experiências de fé, esperança e caridade tanto na vida individual quanto na vida comunitária.

O Papa Francisco entende que as novas culturas são gestadas nestas “enormes geografias humanas” que já não costumam ser promovidas pelo cristão, mas são interpeladas por elas com linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas. Essas culturas, normalmente, oferecem novas orientações de vida que são, muitas vezes, contrárias à construção do Reino de Deus<sup>250</sup>. Esta nova realidade é um lugar privilegiado de uma nova evangelização que ilumine e promova novos modos de se relacionar com Deus, com o próximo e com a casa comum<sup>251</sup>.

A evangelização no contexto urbano exige uma Igreja em constante adaptação

---

<sup>248</sup> EG 71.

<sup>249</sup> EG 72.

<sup>250</sup> EG 73.

<sup>251</sup> EG 74.

e conversão pastoral, que valorize a riqueza das novas culturas e enfrente os desafios das transformações sociais e culturais com coragem, diálogo e criatividade. Somente uma percepção iluminada pela fé capacita o ser humano a reconhecer nas cidades esta presença de Deus. A partir dessa presença, a Igreja torna-se capaz de promover a solidariedade, a justiça e o cuidado com os mais vulneráveis. Com esta nova proposta evangelizadora, o vazio urbano que se constatava anteriormente é preenchido com uma espiritualidade capaz de resgatar o sentido do transcendente, no mundo das cidades, respondendo às necessidades contemporâneas e revelando o Reino de Deus nas múltiplas realidades urbanas. Assim, a Igreja se torna uma presença viva e significativa, capaz de inspirar e transformar vidas no mundo moderno.

## 4.2

### **O Papel das CEBs e CEMs na Renovação da Evangelização e na Construção de uma Igreja em Saída**

A Igreja sofre o impacto do fenômeno urbano, e a fé cristã enfrenta os desafios impostos pelo individualismo, consumismo, mobilidade, momentaneidade, pluralismo, diversidade e secularização<sup>252</sup>, características marcantes da vida nas cidades. Diante disso, a Igreja sente-se interpelada a sair em missão, buscando responder a esses desafios, encontrando suas causas mais profundas e, em espírito de missão, trabalhando para a transformação da realidade. A missionariedade exige enfrentamento das dificuldades presentes nas comunidades, como diz o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mc 6, 37).<sup>253</sup>

A fé cristã é uma fé vivida com e em comunidade, onde ninguém se salva sozinho, isto é, como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai

---

<sup>252</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 27.

<sup>253</sup> EG 49.

cada pessoa, dentro da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana pressupõe. Por isso, a ação evangelizadora enfrenta entre seus principais desafios o de fortalecer as experiências concretas de vivência comunitária.

As Diretrizes Gerais, ao enfrentar os desafios da comunidade cristã, do fenômeno urbano e da cultura urbana, têm como eixo central a “comunidade eclesial”, concebida como a “casa dos cristãos”<sup>254</sup>. Refletindo sobre as quatro dimensões das primeiras comunidades cristãs retratadas nos Atos dos Apóstolos, ressalta-se que a casa dos cristãos é sustentada por quatro pilares: A iniciação à vida cristã e animação bíblica da pastoral; A liturgia e a espiritualidade; o serviço à vida plena para todos; e a missão evangelizadora.

Esses pilares, junto ao eixo central são retomados na perspectiva de uma conformação crescente e dinâmica à pessoa de Jesus Cristo. Para que tenham a eficácia propiciada pela ação santificadora do Espírito Santo, pretendendo-se, desta forma, que as comunidades sejam “escolas de santidade”<sup>255</sup>. Com a vida fraterna das comunidades e, com o testemunho de santidade de seus membros, a Igreja revela o rosto mais belo, pois reflete a santidade de Deus neste mundo. Com as obras de misericórdia, da solidariedade com os sofredores, com a colaboração na construção de uma sociedade justa e pacífica e, sobretudo, com o anúncio explícito e incansável de Jesus Cristo, essa casa manifesta ao mundo a razão da sua esperança.

A vida fraterna em comunidades abertas, acolhedoras e misericordiosas é indispensável para testemunhar a vivência cotidiana do amor fraterno. Essa vivência constitui a base que sustenta a missão, pois a vitalidade do amor fraterno e o testemunho das obras de misericórdia dão suporte à credibilidade do anúncio missionário. Isso se deve ao fato de que, conforme descrito nos Atos dos Apóstolos (At 12,1-5), as primeiras comunidades compreenderam a integração entre a vida comunitária e a ação missionária. Há, portanto, “um vínculo indissociável entre missão e comunidade, são como dois lados da mesma moeda, de modo que a comunidade autêntica é necessariamente missionária e toda missão se alicerça na

---

<sup>254</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 4; 8; 144; 204.

<sup>255</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 133.

vida de comunidade e tende a gerar novas comunidades”<sup>256</sup>.

A proposta das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e das Comunidades Eclesiais Missionárias (CEMs), com todos os elementos que elas abraçam, têm por objetivo uma experiência de continuação do cristianismo. As novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) não estabelecem oposição entre os diferentes aspectos da vida e missão da Igreja. Pelo contrário, elas apresentam a necessidade pastoral de promover o modelo de comunidade eclesial missionária, destacando o compromisso com a evangelização integrada. As Diretrizes refletem um significativo esforço para fortalecer a comunhão eclesial, unindo missão, serviço e vivência comunitária em harmonia. No seu texto, elas apresentam imagens significativas: comunidade missionária, Palavra, Pão, Caridade e Ação missionária. Assim, as Diretrizes enfrentam o desafio da realidade urbana. A Igreja se depara com os novos areópagos de evangelização e as esperanças de uma Igreja que caminha junto ao povo, na perspectiva de inserção, diálogo, crescimento mútuo e de sinodalidade.

As Comunidades Eclesiais de Base surgiram para colocar em prática as exigências do Concílio Vaticano II e o espírito do *aggiornamento*<sup>257</sup> que, na América Latina, foi o ponto de partida de uma nova consciência do ser Igreja<sup>258</sup>. A carência de presbíteros para atender às comunidades foi um fator crucial para o surgimento das CEBs. Essas comunidades marcaram, significativamente, não apenas a configuração eclesial no Brasil, mas também na América Latina. Elas contribuíram na dimensão prática, tanto conferindo incidência pública à fé, quanto promovendo uma reflexão teológica. Sob essa perspectiva, as pequenas comunidades conferem um novo rosto à Igreja e revelam um povo que está em constante transformação, que assume o protagonismo e se torna protagonista na missão da Igreja<sup>259</sup>.

Os leigos passaram a participar mais ativamente, oferecendo seus dons à caminhada das comunidades paroquiais. Diante da presença e da ação laical assídua, as CEBs ganharam um destaque especial nas Diretrizes Gerais, dentro dos Planos de Pastoral promovidos pela CNBB. Conservado isso, a ideia de

---

<sup>256</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 7

<sup>257</sup> RUBENS, P., O rosto plural da fé: da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer, p. 74.

<sup>258</sup> SOUZA, N., Temas de teologia latino-americana, p. 84.

<sup>259</sup> SOUZA, N., Temas de teologia latino-americana, p. 77.

comunidade de base vai ganhando destaque, ao ponto de as CEBs serem assumidas como prioridade na ação evangelizadora:

A ênfase dada às Comunidades Eclesiais de Base neste quadriênio manifesta claramente o interesse e o amor da Igreja no Brasil por esse ‘novo modo de ser Igreja’. Elas se constituem fermento de espírito e vida comunitária, modelos concretos de comunhão e participação, de serviço, desprendimento e solidariedade.<sup>260</sup>

Diante dos novos desafios do mundo urbano, como a globalização, as novas tecnologias, o relativismo, a liquidez, o secularismo, o niilismo, entre outros, que também impactam a vida da Igreja, as Comunidades Eclesiais Missionárias surgem como uma proposta concreta e reflexiva daquilo que vinha sendo apresentado pelo Papa João Paulo II, com a Nova Evangelização e a Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, e pelo Papa emérito, Bento XVI com a Carta Apostólica *Porta Fidei*. O Documento de Aparecida enfatiza como o eixo fundante e articulador as Comunidades Eclesiais Missionárias.

A V Conferência Latino-Americana identifica, em nível global, uma crise de existência, que gerou uma expressão amplamente difundida: “mudança de época”<sup>261</sup>, conforme mencionado anteriormente. O Documento de Aparecida descreve uma situação em que a humanidade, embora tenha alcançado notáveis avanços na ciência e na tecnologia, encontra-se perdida, chegando ao ponto de perder a incidência da fé e das tradições, que já não são mais transmitidas da mesma forma que em épocas anteriores<sup>262</sup>.

O texto de Aparecida convida a Igreja latino-americana a recomeçar a partir de Jesus<sup>263</sup>, assumindo a missão de apresentá-lo e rerepresentá-lo como centro da vida e da evangelização em meio aos desafios contemporâneos. As novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 reconhecem que as urgências, apontadas pelo Documento de Aparecida e pelas diretrizes anteriores (2011-2015 e 2015-2019), permanecem atuais. Entre elas, destaca-se uma urgência principal que convoca a Igreja, a ser uma forte experiência de comunidade e fraternidade: a formação de comunidade de comunidades.

O desafio na evangelização do meio urbano reside na distinção entre pertença

---

<sup>260</sup> CNBB, Diretrizes gerais para a ação pastoral da Igreja no Brasil: 1983-1986, n. 33.

<sup>261</sup> DAp 34.

<sup>262</sup> DAp 39.

<sup>263</sup> DAp 12; 41; 549.

e territorialidade, dois elementos distintos, embora, algumas vezes, facilmente confundidos. Enquanto a dimensão de pertença diz respeito às raízes existenciais da pessoa, a territorialidade refere-se à dimensão geográfica, ou seja, ao espaço físico de sua moradia. Neste contexto, quanto maiores são as cidades, menor tende a ser a influência das instituições religiosas e da tradição sobre os indivíduos<sup>264</sup>.

O mundo urbano não está reduzido à dimensão territorial, como já foi dito, mas a uma questão de “mentalidade” em seus mais variados níveis<sup>265</sup>. Evangelizar na cultura do cansaço, do consumo, da angústia e da falta de sentido é algo desafiador, pois o anúncio do Evangelho pede uma nova abordagem, uma nova dinâmica e uma nova forma de transmissão, o que configura a necessidade de uma constante renovação.

A Igreja é convocada a renovar/atualizar a sua ação missionária no intuito de atender às necessidades do tempo. A linguagem, o pensamento e o mundo estão passando por significativas mudanças. A Igreja, por sua vez, é convidada a acompanhar tais avanços. Não se pode dizer que a Igreja possui todas as ferramentas e respostas. É necessário fazer uma caminhada de diálogo e de missão. Partindo de uma renovação interior, a Igreja é chamada a “proclamar o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15) viabilizando condições de dar respostas ao mundo. Nessa perspectiva, as CEMs compreendem uma nova proposta da Igreja no Brasil para atender, justamente, aos anseios de uma evangelização integral, onde a ação pastoral oferecida por essas comunidades missionárias nos darão novas condições para a evangelização, especialmente no meio urbano, sempre desafiador. Pensar a relação entre evangelização e cultura urbana torna-se algo imprescindível à missão da Igreja atualmente<sup>266</sup>.

A evangelização no meio urbano se identifica com a evangelização das massas e com o impacto que o Evangelho tem na modificação dos critérios de julgar, pensar e cuidar da vida; que muitas vezes se apresenta em “contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação”<sup>267</sup>. A Igreja chama os cristãos a escutar, observar e compreender a mentalidade da cultura urbana, com os seus

---

<sup>264</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 29.

<sup>265</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 33.

<sup>266</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 28.

<sup>267</sup> EN 19.

anseios e desafios<sup>268</sup>. Quanto ao espaço geográfico de surgimento das CEMs, pode-se afirmar que não há um local específico para o seu desenvolvimento. Elas podem emergir em diversos contextos, como nas ruas, nos condomínios, nos edifícios etc., sempre em comunhão com a Igreja local. Sua característica fundante é a busca pela vivência cristã numa sociedade de contrastes<sup>269</sup>.

As CEMs destacam uma iniciativa voltada para a formação de pequenas comunidades, que podem surgir no interior das próprias CEBs, desde que estejam articuladas, inseridas e diversificadas, no seu campo de atuação: os grandes centros urbanos. Reforça-se a importância das CEMs ao oferecerem caminhos de evangelização e, conseqüentemente, de renovação da sociedade<sup>270</sup>.

O desafio para o Evangelho, é dialogar com as novas culturas e permitir-se ser ouvido por elas, porque é necessário falar aos corações de tal modo a promover uma conversão pessoal e comunitária, abrangendo um âmbito universal. O Evangelho deve ser assumido e vivido pelo mundo que cresce em meio às novas culturas, especialmente nos grandes centros urbanos<sup>271</sup>. As Comunidades Eclesiais Missionárias compreendem uma urgência para a Igreja no Brasil. Os pilares, Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária, são os instrumentos necessários para a sua constituição e manutenção das novas comunidades.

As Novas Diretrizes captaram a essência das Comunidades Eclesiais de Base e das Comunidades Eclesiais Missionárias, que estão no seu ‘modo de vida’, semelhante àquele dos primeiros cristãos: viviam do contato com a Palavra, da celebração do Pão e do gesto concreto na caridade e da ação missionária. O objetivo é aproximar essas comunidades e colocá-las no centro dos desafios para a Igreja no Brasil a partir dos elementos comuns a esses dois ‘modos de vida’ eclesiais.

As semelhanças e as diferenças, na vida das CEBs e das CEMs, dizem respeito às formas de acesso, leitura e interpretação da Sagrada Escritura. A diferença principal surge em razão de uma mudança de época, que pode ser percebida no contato à Palavra. Na chamada ‘era digital’, as pessoas têm acesso aos livros e tecnologias, como o uso de QR Code para acessar versões digitais da liturgia para acompanhar a missa e outras celebrações e ferramentas de inteligência

---

<sup>268</sup> EG 71-75.

<sup>269</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 84.

<sup>270</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 33.

<sup>271</sup> EG 266.

artificial. Em contraste, na experiência das CEBs, é comum se encontrarem pessoas com pouca ou até nenhuma educação formal.

É necessária presença das pequenas comunidades, CEBs e CEMs, diante da urgência de atualizar e apresentar a fé. Essas comunidades devem refletir o modelo das primeiras comunidades cristãs que, ao redor da Palavra, buscavam viver a fé na prática (At 2,42-47). A Igreja volta ‘às fontes’ e buscando recuperar o caráter original do Evangelho, apontando novas estradas, métodos criativos, formas de expressão, sinais eloquentes e palavras cheias de renovado significado para o mundo atual<sup>272</sup>.

As CEBs não foram substituídas pelas CEMs. O termo “base”, presente nas CEBs não foi substituído pelo termo “missionária”, adotado pelas CEMs. As CEBs continuam existindo, enquanto as CEMs, sob inspiração de Aparecida, surgem com as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora de 2019-2023, como outra forma de viver a experiência de comunidades, para a qual o Documento de Aparecida já chamava a atenção<sup>273</sup>, diante de outras perspectivas e desafios. As CEMs compreendem um outro ‘modo de ser’ Igreja.

As CEMs partem da mesma inspiração das CEBs, porém, atuando em outros espaços, onde a Igreja não atinge, como é o caso dos grandes edifícios e condomínios, nas cidades. O seu objetivo é chegar em áreas que ainda estão sendo formadas. Isso representa algo novo, cuja consolidação e a forma que assumirá só poderão ser percebidas no contato cotidiano, à medida que se desenvolve e ganha corpo.

A questão que se coloca aqui é a de que, como diz o Documento de Aparecida, para a maioria das pessoas, o contato com a Igreja se dá através das paróquias. O problema é que a experiência de paróquia que acaba predominando é a da prestação de serviços, seja na forma tradicional, ligada aos serviços sacramentais, seja na forma mais atual, ligada aos serviços de curas e prodígios. Nos dois casos, o que temos são prestações de serviços. Ora, entre o prestador e o consumidor de serviços, o que importa é exatamente o serviço, não tanto a relação de fraternidade que pode vir a surgir entre ambos. Esta é a razão pela qual Aparecida nos convoca a recomeçar a partir de Jesus Cristo. Precisamos também recomeçar a partir da eclesiologia das pequenas comunidades, onde o vínculo de vida seja forte o suficiente para interpelar as lógicas urbanas naquilo que tenham de não evangélicas, explicitar o que existe de

---

<sup>272</sup> EG 11.

<sup>273</sup> DAp 276; 365; 368.

evangélico nas mesmas lógicas e, nesse processo, inculturar o Evangelho no mundo urbano.<sup>274</sup>

As CEBs não deixaram de existir, mas elas não atingem os espaços urbanos das cidades. Elas ajudam a formar cristãos comprometidos com sua fé, que sejam discípulos missionários, com o seu “compromisso social em nome do Evangelho”<sup>275</sup> e o seu “esforço em corresponder aos desafios dos tempos atuais”<sup>276</sup>. As CEBs trazem consigo os primeiros passos das CEMs que, “em meio à situação cultural que nos afeta, secularizada e hostil à Igreja, se fazem mais necessárias”<sup>277</sup>.

Elas encontram uma nova estrutura de atuação, posicionando-se como laboratórios de desenvolvimento da Igreja, com novas maneiras de ser e viver a fé. Juntamente com as CEMs, desempenham um papel decisivo, ao dar uma nova roupagem ao anúncio do Evangelho, e recriando os espaços de anúncio e, contribuindo para a propagação da fé e a transformação da sociedade<sup>278</sup>.

As CEBs e as CEMs representam modelos de vida eclesial inspirados na experiência das comunidades do cristianismo primitivo. Em pequenos grupos reunidos nas casas, o povo se reúne para cantar, rezar, ler a Palavra de Deus e propor objetivos comuns. Elas compartilham a mesma esperança de um cristianismo mais personalizado e menos dependente dos mecanismos de massa para sua sustentação e capacidade de atrair outras pessoas pela simples força do Evangelho.

### 4.3

#### **A Igreja Primitiva, inspiração para a Evangelização contemporânea**

A Igreja nasce a partir do envio do Espírito Santo (At 2,10) e surge da adesão ao discipulado de Jesus Cristo. Enquanto organismo vivo e histórico, ela teve sua expressão de fé manifestada a partir das celebrações, das orações e das múltiplas experiências de vida, da reflexão teológica e da organização interna, constantemente reformadas e adaptadas conforme as exigências do tempo e do lugar. As diferentes épocas expressam a mensagem cristã em sua própria linguagem. As primeiras comunidades cristãs nascem na região da Palestina e,

---

<sup>274</sup> AMADO, J. P., Igreja e grandes cidades: estado atual da questão. *In*: BRUSTOLIN, L. A.; FONTANA, L. L. B., Cultura urbana: porta para o Evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades, p. 192.

<sup>275</sup> DP 629.

<sup>276</sup> DAp 179.

<sup>277</sup> DAp 308.

<sup>278</sup> AMADO, J. P., Igreja e grandes cidades: estado atual da questão. *In*: BRUSTOLIN, L. A.; FONTANA, L. L. B., Cultura urbana: porta para o Evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades, p. 193.

posteriormente, se espalham pelo território do Império Romano.

Este modelo eclesial sinagoga, próprio da Igreja doméstica, é uma característica herdada do judaísmo que o cristianismo primitivo assimilou e implementou. Essencialmente doméstica, a vida das primeiras comunidades cristãs é marcada por um aspecto não territorial ou local, mas sim familiar. Desse modo, a participação na Igreja não significa a inserção sociológica em um templo ou uma cidade, mas no relacionamento com um determinado grupo humano. O modelo sinagoga é grupal, alicerçado em uma comunidade que organiza sua vivência a partir das necessidades e circunstâncias de seus membros. Outra marca do modelo sinagoga presente na Igreja primitiva é a relação da comunidade com a família: a casa que acolhia a Igreja a acompanhava e se deixava envolver por esta vivência. Assim como acolhia às reuniões dominicais, a casa também acolhia as grandes festas da comunidade, tais como a Páscoa, Pentecostes, entre outras. Eram celebrações que aconteciam ao redor da mesa, caracterizadas pela vivência fraterna, pela oração, pela celebração memorial dos grandes feitos de Deus na vida do povo que escolheu como Seu (Ex 3 ss) e pela fração do pão.

O Batismo desde o princípio do cristianismo aparece inserido no processo de Iniciação à Vida Cristã, como sinal fundamental constitutivo da comunidade. Para os primeiros cristãos, o Batismo é o marco divisor de águas, passo decisivo para uma nova vida (Rm 6,3-5; Jo 3,5) a partir do evento querigmático<sup>279</sup>. Após uma ampla e exigente caminhada de preparação, que correspondia à Iniciação à Vida Cristã<sup>280</sup>, o Batismo é o ponto culminante em um processo de adesão a Cristo através da pertença a comunidade cristã. Em uma realidade de aversão ao cristianismo, aderir ao seguimento de Jesus implicava em um gesto de liberdade e consciência, frente ao compromisso que está sendo assumido, e do qual o cristão é chamado a testemunhar sua fé.

No início da Era Cristã, as primeiras comunidades cultivavam a *koinonia*, ou seja, comunhão fraterna. Vivia-se, dessa forma, a união do discípulo com o Cristo concretizada através da união com os irmãos e irmãs. Esta experiência de vida é fundamental, considerando o contexto de evolução social do corpo eclesial que resultou em diversos conflitos, divergências e até mesmo divisões da comunidade

---

<sup>279</sup> CNBB, Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários, p. 30.

<sup>280</sup> CNBB, Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários, p. 30-31.

cristã.

A Igreja nos convoca a olhar para o espaço urbano como lugar da presença de Deus, marcado pelos grandes desafios da cultura urbana<sup>281</sup>. Neste contexto, o ambiente urbano torna-se também espaço de encontro com o Cristo através dos irmãos. A cidade é o espaço da novidade, aberto a incontáveis possibilidades. Diferentemente do contexto rural no qual a cristandade exercia e ainda exerce forte influência a partir do modelo de uma sociedade cristã, na cidade deparamo-nos com o desafio da missão, da evangelização de não-batizados, de pessoas que pouco tiveram contato com a Igreja, com as comunidades e com a fé cristã. Neste sentido, a cidade é campo fértil para a semente do Reino<sup>282</sup>, espaço propício para “anunciar o amor de Deus, revelado em Jesus Cristo, e partilhar a alegria que se experimenta na conversão e na vida nova, que se abre a partir da comunhão com Ele [...]”<sup>283</sup>. A pluralidade da sociedade manifesta diferentes experiências de fé em nosso meio.

As Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 destacam três principais experiências, as quais deve-se dar atenção na missão evangelizadora no mundo urbano: aqueles que frequentam regularmente a comunidade e aqueles que conservam a fé católica mesmo sem participar assiduamente; os que foram batizados, mas não vivem segundo sua fé; e por fim, os que não conhecem Jesus Cristo ou o rejeitam<sup>284</sup>.

A Igreja propõe um retorno às origens do cristianismo, afirmando que aquele período da história da Igreja permitiu, através da inculturação, que o Evangelho chegasse às diferentes culturas<sup>285</sup>. O Documento de Aparecida propõe uma ação evangelizadora mediante a atuação das pequenas comunidades. Tem-se consciência de que o espaço e o momento para evangelizar se restringem às celebrações.

O número de fiéis que chegam as celebrações é limitado, em contraste com os distanciados<sup>286</sup>. O desafio para o terceiro milênio está na convocação de leigos missionários, a fim de atingir os espaços fora da Igreja, ou seja, o mundo do trabalho, da cultura, da política, das ciências, da arte, da comunicação, da economia,

---

<sup>281</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 19.

<sup>282</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 20.

<sup>283</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 23.

<sup>284</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 31.

<sup>285</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 31.

<sup>286</sup> DAp 87.

da família e da educação<sup>287</sup>. Ao falar em ação missionária a partir do laicato, a Igreja tem a preocupação em não dissociar fé e vida, mas a partir da conjugação de ambas, estimular uma vivência cristã missionária, na qual o Evangelho gere vida e vida em abundância (Jo 10,10).

O Documento de Aparecida afirmou: “Necessitamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo”<sup>288</sup>. Trata-se da incidência da Boa-Notícia nas raízes estruturais da sociedade, a partir da ação missionária das comunidades eclesiais. Dessa forma, “a tarefa missionária se abre sempre às comunidades, assim como ocorreu em Pentecostes”<sup>289</sup>. A Igreja enfrenta o desafio de “evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até as raízes, a civilização e as culturas”<sup>290</sup>.

Neste momento da história, frente à mudança de época vivida, depara-se com a incapacidade da paróquia, em sua estrutura e organização atual, no cumprimento da missão evangelizadora exigida pelo mundo pós-moderno urbanizado e globalizado<sup>291</sup>. Percebe-se a necessidade de romper com a velha e cômoda pastoral de manutenção/conservação e as estruturas ultrapassadas que não favorecem mais para a transmissão da fé<sup>292</sup>. A missão da Igreja é anunciar a Boa-Notícia, proporcionando uma experiência querigmática através do encontro com o Mestre.

Esta experiência é o momento de intimidade, de confiabilidade e de uma entrega que gera discipulado. Como se viu anteriormente, na Igreja dos primeiros séculos, esta vivência se dava no âmbito doméstico, pois a comunidade se tornava uma extensão da família. “A casa era lugar de reconhecimento mútuo [...]. Não bastava fazer parte da casa, era necessário promover outro tipo de relacionamento entre as pessoas, tornando-as mais fraternas”<sup>293</sup>. Esta fraternidade era tão profunda que gerava vida em abundância, a ponto de não haver necessitados entre eles (At 4,32-35).

A Igreja do Brasil propõe um retorno a esse modelo de vida comunitária através de comunidades eclesiais missionárias, seguindo o espírito das primeiras

---

<sup>287</sup> DAp 88.

<sup>288</sup> DAp 166.

<sup>289</sup> DAp 87.

<sup>290</sup> EN 15.

<sup>291</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 45.

<sup>292</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 44.

<sup>293</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 48.

comunidades cristãs. Estas não constituem um novo organismo que venha aumentar o número das estruturas a serem mantidas. Trata-se da conversão pastoral da paróquia para a realidade do mundo urbano. É uma forma de romper com o isolamento, fomentar a integração e a aproximação entre as pessoas, conservar a unidade ao redor da mesa eucarística, estimular a vivência da Palavra de Deus através de Círculos Bíblicos, aprofundar a prática da oração, da fraternidade e da caridade a partir da missão.

As paróquias, com seus grandes territórios, não têm conseguido cumprir plenamente sua função. A ação evangelizadora necessita investir no discipulado e na missionariedade<sup>294</sup>. A formação de pequenas comunidades é apresentada pelas Diretrizes como prioridade da ação evangelizadora<sup>295</sup>. A escolha dessa prioridade se deve ao fato de que os ambientes urbanos pedem uma configuração na experiência da Igreja e, no contexto da cultura urbana, a “conversão pastoral” se apresenta como desafio irrenunciável. Essa conversão “implica na formação de pequenas comunidades nos mais variados ambientes”<sup>296</sup>. Daí a insistência para que essas pequenas comunidades e grupos que sejam capazes de se articular, conseguindo que seus membros se sintam discípulos missionários de Jesus Cristo em comunhão<sup>297</sup>.

A vocação ao discipulado missionário, é convocação à comunhão. Uma vez que não pode existir vida cristã fora da comunidade, o Documento de Aparecida<sup>298</sup> indica que a concretização dessas pequenas comunidades favorece e oferece meios adequados para o crescimento na fé, na comunhão fraterna, para a missão de seus integrantes e para a renovação da vida nas cidades como “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,16). A partilha de experiências, a mútua ajuda e a inserção concreta nas mais variadas situações oferecem aos cristãos ambientes e meios para uma formação sólida, integral e permanente<sup>299</sup>. Nessas pequenas comunidades, os cristãos leigos e leigas, por meio da participação na vida da Igreja, do senso de fé, dos carismas, dos ministérios e do serviço cristão à sociedade, vivem sua vocação e sua missão, em comunhão e solidariedade. São lugares de crescimento na fé e de

---

<sup>294</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 71.

<sup>295</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 36; 204.

<sup>296</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 33.

<sup>297</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 24.

<sup>298</sup> DAp 179-180.

<sup>299</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 82.

fidelidade a Jesus Cristo e a seu Evangelho, vivendo na força de sua Palavra. São verdadeiras comunidades de discípulos missionários, caracterizados por serem casa da Palavra, casa do Pão, casa da Caridade, propiciadoras da iniciação à vida cristã, comprometidas com os pobres, abertas aos jovens, anunciadoras do Evangelho da família, cuidadoras da Casa Comum e missionárias, com portas abertas para acolher a todos<sup>300</sup>. Comunidades onde as pessoas possam fazer a experiência da comunhão fraterna, como em família, entre amigos, irmãos na fé, companheiros de jornada nas estradas da vida, peregrinando rumo à Pátria definitiva<sup>301</sup>.

No mundo urbano, as pequenas comunidades contam com a coordenação de leigos<sup>302</sup> e reúnem-se para a leitura orante da Palavra de modo que, escutando o Senhor, encontrem luzes para viver a fé, partilhando a vida e integrando-se à paróquia, comunidade de comunidades e movimentos, para viver a comunhão, vencendo o anonimato e a solidão e promovendo a mútua ajuda para o bem de todo grupo<sup>303</sup>.

As Diretrizes afirmam que “o importante é que elas não estejam isoladas e os ministérios, principalmente os de coordenação, com boa formação, ajudem-nas a se manterem em comunhão com a Igreja particular”<sup>304</sup>. Ou seja, “há diferentes formas de a Igreja se expressar nas casas; todas, porém, precisam manter o vínculo de pertença a uma paróquia, que é uma parte da diocese que constitui, por sua vez, uma porção do povo de Deus, que é a Igreja”<sup>305</sup>. Assim, a “reunião de todas as pequenas comunidades na grande comunidade paroquial, especialmente para a Eucaristia, é expressão visível da comunhão do corpo de Cristo que é a Igreja”<sup>306</sup>.

A comunidade é uma rede que une as pessoas, em sua totalidade, no empenho por “constituir comunidades maduras na fé, conseqüentemente no humanismo autêntico, que deve ser a meta das dioceses, paróquias, movimentos, comunidades novas, associações, serviços e famílias cristãs em todo o Brasil”<sup>307</sup>. Nas palavras do Papa Francisco, o lugar do encontro com Deus e com os irmãos e espaço de

---

<sup>300</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 84.

<sup>301</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 121.

<sup>302</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 86.

<sup>303</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 84.

<sup>304</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 86-87.

<sup>305</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 34; 84; 129.

<sup>306</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 85.

<sup>307</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 128.

santificação, que “guarda os pequenos detalhes do amor, e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado, que a vai santificando segundo o projeto do Pai”<sup>308</sup>.

O percurso histórico da Igreja, desde suas origens até os dias atuais, demonstra a sua capacidade de adaptação e renovação. As pequenas comunidades, presentes desde a Igreja Primitiva, emergem como um modelo eficaz para a evangelização no mundo contemporâneo. Ao retornar às suas raízes, a Igreja se reinventa e encontra novas formas de levar a Boa Nova a um mundo cada vez mais complexo e desafiador. No entanto, a construção de comunidades eclesiais missionárias exige um compromisso constante com a formação, a evangelização e a missão. É preciso superar os desafios da vida urbana e cultivar uma espiritualidade profunda e comunitária, a fim de que a Igreja possa ser um sinal de esperança e de vida nova.

#### **4.4**

#### **A Conversão pastoral paroquial: diálogo, comunhão e missão**

A conversão pastoral paroquial supõe passar de uma pastoral que se ocupe apenas de atividades eclesiais internas para um modelo pastoral de diálogo como mundo<sup>309</sup>. Significa dar prioridade ao anúncio do Evangelho e ao impacto deste na sociedade. Para tanto, a conversão deve atingir os leigos, o clero e a estrutura.

A transformação será resultado da conversão pastoral dos leigos. A proposta das comunidades eclesiais missionárias é resgatar e estimular o protagonismo dos leigos e leigas à frente das Igrejas domésticas, como colaboradores (Rm 16,3-5). Em sintonia com o Concílio Vaticano II, “os leigos devem ser ativos na vida pastoral da Igreja e impregnar o mundo com o espírito cristão, sendo testemunhas de Cristo no seio da comunidade”<sup>310</sup>.

A transformação será resultado da conversão do clero. A missão do ministro ordenado está no âmbito de animar, estimular, conduzir e orientar, permitindo que cada comunidade desenvolva sua própria caminhada sem perder a unidade com a universalidade da Igreja. Esta conversão pastoral do ministro ordenado implica na

---

<sup>308</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 133.

<sup>309</sup> CNBB, Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia, p. 37.

<sup>310</sup> GS 43.

valorização dos ministérios leigos, dos conselhos paroquiais de pastoral e de assuntos econômicos, nos agentes de pastorais etc. A transformação será resultado da conversão das estruturas. Isso implica em uma compreensão de que a estrutura está a serviço das pessoas e da pastoral. E, para uma boa convivência eclesial as decisões devem ser tomadas não de forma vertical, mas mediante a participação da comunidade, respeitando e valorizando as contribuições de seus membros.

A conversão pastoral desperta a capacidade de se submeter ao serviço do Reino de Deus, é um chamado a assumir atitude de permanente conversão, que implica escutar com atenção e discernir as novas transformações sociais e culturais que representam novos desafios para a Igreja em sua missão. A fidelidade ao Espírito Santo nasce como uma necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e institucionais. O Documento da CNBB Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia mostra as dificuldades da renovação das paróquias:

A paróquia, historicamente, parece ter sempre resistido às tentativas de renovação. Sua principal ocupação, em geral, não tem sido a vida comunitária (*Koinonia*), nem a pregação (*didaskalia*), nem o testemunho (*martyria*) nem o serviço (*diakonia*), mas o culto (*leitourgia*). Daqui decorre certa redução da compreensão da vida comunitária cristã como comunidade preferencialmente de culto, com menor força missionária e atuação profética.<sup>311</sup>

As comunidades cristãs primitivas são um modelo de renovação comunitária (At 2,42-47), que souberam buscar novas formas para evangelizar de acordo com as culturas. A conversão pastoral das comunidades exige que se supere uma pastoral de conservação, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro do outro sendo uma casa acolhedora e uma escola permanente de comunhão missionária.

O Documento de Aparecida, as Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2030 e o Documento Comunidades de comunidades: uma nova paróquia apontam para uma pastoral orgânica, que é uma resposta consciente e eficaz para atender às exigências do mundo com indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes de pastoral.

As dimensões das paróquias salientam a necessidade de setorização em

---

<sup>311</sup> CNBB, Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia, p. 35.

unidades territoriais menores com equipes próprias de animação e coordenação que permitam proximidade com as pessoas e grupos. É necessário que os agentes missionários promovam a criação de comunidades de famílias que fomentem a fé cristã e as respostas aos problemas da vida.

A paróquia é um instrumento importante para a construção da identidade cristã, existem aspectos que precisam ser revistos diante das mudanças, mas a essência original deve permanecer com seu valor evangélico. A paróquia está desafiada a mudar diante das aceleradas mudanças de nosso tempo.

Em perspectiva teológica pode-se compreender duas noções: paróquia como casa de acolhida dos peregrinos e comunidade como lar dos cristãos onde se faz a experiência comum de seguir Jesus Cristo. O Documento Comunidade de comunidades: uma nova paróquia diz:

Procurando definir o que é paróquia poderemos dizer que ela é “mistério da Igreja presente e operante nela: embora, por vezes, pobre em pessoas e em meios, e outras vezes dispersa em territórios vastíssimos ou quase desaparecida no meio de bairros modernos, populosos e caóticos, a paróquia não é principalmente uma estrutura, um território, um edifício, mas é sobretudo a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade, é uma casa de família, fraterna e acolhedora, é a comunidade de fiéis. De igual modo é, preciso reafirmar que, teologicamente, o fundamento da paróquia é ser uma comunidade eucarística, que celebra a presença de Cristo Palavra e Eucaristia, estabelecendo os vínculos de comunhão entre os seus fiéis e remete todos à missão de testemunhar na caridade a verdade professada.<sup>312</sup>

Há paróquias que não assumiram a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II e continuam sem atualização. A ausência de um plano pastoral faz com que a evangelização se reduza à catequese como uma instrução da fé, sem uma autêntica iniciação cristã, faltando uma ação missionária dentro das pastorais.

A dimensão comunitária para a fé cristã é irrenunciável. Constata-se, então, que a configuração das paróquias precisa ser renovada, pois percebe-se uma dificuldade de atender as exigências da experiência humana e cristã no mundo urbano, principalmente entre os adolescentes e jovens.

As comunidades e paróquias vivenciam experiências importantes de uma profunda conversão pastoral. São comunidades preocupadas com a evangelização, com uma catequese de iniciação à vida cristã e na perspectiva bíblica; desenvolvem uma liturgia viva e participativa; preocupam-se e atuam com os jovens; despertam muitos serviços e ministérios entre os leigos e leigas; têm conselho pastoral e de

---

<sup>312</sup> CNBB, Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia, p. 48.

assuntos econômicos. O grupo que participa da vida paroquial tem vínculos comunitários. Há o interesse e o empenho em atrair os afastados. Nelas, os párocos e seus colaboradores, homens e mulheres, desenvolvem uma pastoral de comunhão e participação.

As grandes cidades, que crescem acelerada e desordenadamente, desafiam o atendimento pastoral, especialmente nas periferias. O desafio da acentuada urbanização dos aglomerados urbanos nas metrópoles exige criatividade missionária, visando os mais diversos ambientes. Aumentam as estatísticas daqueles que se declaram sem religião, embora tenham sido batizados na Igreja.

Há um esfriamento da fé, apesar de se constatar muita religiosidade, pelos meios de comunicação social. Está em crise o sentimento de pertença à comunidade e o engajamento na paróquia. Afetivamente, há pessoas mais ligadas a expressões religiosas veiculadas por mídias. O Documento, comunidade de comunidades: uma nova paróquia, diz:

Os desafios, portanto, são externos e internos à comunidade. De fora, sopram os ventos contrários do individualismo, do relativismo, do fundamentalismo, do pluralismo e das mudanças familiares. Internamente, somos desafiados a pôr em prática a conversão pastoral, enfrentando o problema da territorialidade paroquial e da manutenção de estruturas obsoletas à evangelização.<sup>313</sup>

A paróquia, como comunidade eclesial, continua sendo o lugar privilegiado para as pessoas realizarem uma experiência concreta de encontro com Jesus Cristo. A paróquia, como comunhão de comunidades, sente-se desafiada a vencer a tentação do fechamento e da apatia em relação aos outros.

O Documento de Puebla insiste na renovação, para que a paróquia se torne o centro de coordenação e de animação de comunidades, de grupos e de movimentos. O Documento de Santo Domingo definiu a paróquia como rede de comunidades e movimentos que precisa ser integrada, missionária e atenta aos problemas do seu contexto. O Documento de Aparecida entende que a paróquia se torne uma comunidade de comunidades e se sobressai entre as comunidades eclesiais, lugar onde se vive e são formados os discípulos e missionários de Jesus Cristo. As comunidades paroquiais são células vivas da Igreja e o lugar privilegiado em que grande parte dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e da comunhão

---

<sup>313</sup> CNBB, Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia, p. 65.

eclesial<sup>314</sup>.

A setorização das paróquias é um caminho para torná-la uma comunidade de comunidades e não basta uma demarcação de territórios, é preciso identificar pastorear, animar e coordenar esses setores que são pequenas comunidades. O protagonismo dos leigos e dos ministérios a eles confiados, nesse contexto, é determinante para o bom êxito da setorização. É preciso formá-los, trata-se de uma nova organização, com maior delegação de responsabilidades.

A construção de uma Igreja que leve a um estado permanente de missão, em pequenas comunidades, exige uma mudança na forma de agir para que a pessoa inteira e os povos tenham vida, faz-se necessário uma mudança no agir eclesial, ou seja, uma profunda mudança no âmbito das ações.

Diante do fenômeno crescente da urbanização, se percebe uma linguagem pouco significativa para a cultura atual e, em particular, para os jovens, não se levando em conta a crise da modernidade. Trata-se de criar um novo modelo de ação, uma nova forma de presença e de serviço no contexto em que a comunidade eclesial está inserida. Para uma recepção criativa da proposta missionária é necessária uma renovação eclesial. Assim citando o Documento de Aparecida aponta Agenor Brighenti:

Além dos planos pastorais, a missionariedade deve impregnar todas as estruturas eclesiais e forjar mudanças estruturais profundas na Igreja, no interior de uma pastoral orgânica renovada. A renovação missionária da pastoral, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural, exige, com urgência, a criação de novas estruturas pastorais. E para que seja uma missão defensora e promotora da vida, a opção preferencial pelos pobres deve atravessar todas as estruturas e prioridades pastorais.<sup>315</sup>

A proposta do Documento de Aparecida de uma Igreja em estado permanente de missão implicando uma conversão pastoral e renovação eclesial, o que só é possível num processo gradual e permanente.

O Documento de Aparecida se insere na longa e significativa tradição latino-americana. A proposta não é algo periférico e passageiro, o que se propõe para sujeitos concretos é a fé Apostólica com a finalidade de nos conduzir a uma comunhão com Deus e com a sociedade. Assim Brighenti fala:

---

<sup>314</sup> DAp 170.

<sup>315</sup> BRIGHENTI, A., *Pedagogia e Método para uma recepção criativa de Aparecida*. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R., *A Missão em debate: provocações à luz de Aparecida*, p. 276.

A proposta de V Conferência de Aparecida é sermos uma Igreja em estado permanente de missão, à luz da opção pelos pobres, em pequenas comunidades, para que a pessoa inteira e nossos povos tenham Vida. O Documento propõe percorrer um caminho, em quatro etapas: experiência pessoal de fé, vivência comunitária, formação bíblico-teológica e compromisso missionário de toda a comunidade.<sup>316</sup>

Uma Igreja em estado permanente de missão depende de discípulos missionários que tenham feito uma experiência pessoal de fé levando sua experiência para as comunidades massivas, constituídas de cristãos não evangelizados, sem conversão pessoal, de fraca identidade cristã e pouca pertença eclesial.

As Igrejas domésticas e as comunidades eclesiais constituem um espaço de encontro, de ternura, de familiaridade e de acolhimento. Sua identidade e diferencial está na semelhança com as primeiras comunidades cristãs, alicerçadas a partir de quatro pilares: Palavra, Eucaristia, Caridade e Ação Missionária. Dessa forma, a comunidade expressa sua missionariedade ao assumir o compromisso de colaborar para garantir a dignidade do ser humano e a humanização das relações sociais<sup>317</sup>.

A conversão pastoral paroquial, enquanto processo contínuo e integral, desafia a Igreja a redescobrir sua identidade missionária, colocando-se a serviço do Reino de Deus de forma dinâmica e renovada. Para isso, torna-se imprescindível que leigos e clero se alinhem em uma pastoral de comunhão, marcada pelo protagonismo dos leigos e pela valorização das pequenas comunidades como expressão da Igreja viva e presente no mundo. Inspiradas nas comunidades cristãs primitivas e na visão do Concílio Vaticano II, as transformações demandam uma mudança nas estruturas, permitindo que a paróquia deixe de ser apenas um espaço de culto e se torne efetivamente uma casa acolhedora, um ponto de partida para uma missão evangelizadora abrangente e inclusiva.

A renovação, entretanto, é possível por meio de uma vivência comunitária que valorize a formação contínua, o compromisso missionário e a comunhão fraterna. A proposta de uma Igreja em estado permanente de missão, como sublinha o Documento de Aparecida, aponta para a necessidade de estruturar comunidades pequenas e coesas, capazes de testemunhar a fé com autenticidade no mundo

---

<sup>316</sup> BRIGHENTI, A., *Pedagogia e Método para uma recepção criativa de Aparecida*. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R., *A Missão em debate: provocações à luz de Aparecida*, p. 283.

<sup>317</sup> CNBB, *Comunidade de comunidade: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia*, p. 99.

contemporâneo. Dessa maneira, a paróquia pode se tornar um espaço onde os valores evangélicos moldam a cultura e a sociedade, irradiando o amor de Cristo e contribuindo para a dignidade humana e a transformação social. O desafio é grande, mas a fidelidade ao Espírito Santo conduz a Igreja no caminho da renovação e da esperança.

#### 4.5

#### **Os pilares das comunidades eclesiais missionárias**

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil 2019-2023 apresentam as Comunidades Eclesiais Missionárias utilizando-se da imagem alegórica de uma casa. A casa é a Igreja onde as pessoas se encontram, independente do vínculo territorial, geográfico ou de moradia<sup>318</sup>. Ela remete à experiência do lar, ambiente onde a vida se dá, no qual encontramos nossas referências e nos sentimos acolhidos e protegidos. A cultura urbana representa um campo de disputas entre os que frequentam as missas e os que frequentam templos de outras denominações. As pessoas da comunidade eclesial missionária devem estar de portas abertas para o duplo movimento: entrar e sair. As comunidades são “portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e sanar suas dores”<sup>319</sup>, manifestando, assim, o rosto da misericórdia do Cristo Senhor.

Os discípulos missionários dos grupos de Jesus deixam-se atrair pela boa notícia e assumem o compromisso pela edificação do Reino neste mundo. É missão dos cristãos batizados gerar no mundo fraternidade e abrir as portas para que muitos que ainda não conhecem Jesus possam aderir ao seu Evangelho e ser Igreja nas realidades urbanas que carecem da missão.

O mundo que passa por diversas transformações impõe modelos contrários às propostas do Evangelho de Jesus Cristo e da Igreja; é nessa realidade que os cristãos são chamados a acolher e ouvir, atentamente, as alegrias e as esperanças do povo<sup>320</sup>, as suas fragilidades diante da cultura urbana que não apresenta uma condição basilar, acabando por abalar seus pilares e suas estruturas. Diante desse olhar dos discípulos missionárias, com esperança e a certeza de que Deus habita na cidade, cabe evangelizar a partir das pequenas comunidades, formando rede de

---

<sup>318</sup> CNBB, Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia, p. 96.

<sup>319</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 7.

<sup>320</sup> GS 1.

comunidades<sup>321</sup>.

A Igreja nas casas é uma experiência das primeiras comunidades<sup>322</sup>. Jesus assumiu a casa como lugar de encontro, de pregação e de relações fraternas e comunitárias nos ambientes por onde Ele passou. A presença de cristãos leigos e leigas, era muito presente na coordenação das comunidades. É necessário um novo olhar também para o ministro ordenado. Ele há de ser o cuidador e o animador das comunidades eclesiais missionárias. Deve criar comunhão e ser presença nas diferentes comunidades, pastorais, equipes, serviços; ser um ministro em movimento<sup>323</sup>.

A Igreja em missão tem, como campo de ação evangelizadora, as realidades culturais, econômicas e sociais, com o olhar da fé, da caridade cristã e do ardente desejo de anunciar Jesus Cristo, a partir do modelo atual das primeiras comunidades cristãs (At 2,42; 8,4): “testemunho do Evangelho encarnado na história, encravado nas realidades, comprometido com as dores e lutas dos homens e mulheres, dos jovens, das crianças e dos idosos, expressão de uma realidade nova: o Reino de Deus”<sup>324</sup>.

As comunidades são desafiadas a criar espaço de comunhão em um mundo onde o povo vai à missa, com medo da violência, da doença e outras fragilidades. Alguns encontram, na missa e na comunidade, a segurança que buscam, no modo de buscar Deus sem se relacionar com a comunidade de fé. O compromisso urgente da ação evangelizadora no Brasil, de acordo com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil 2019-2023, é de formar comunidades que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária, como espaço do encontro, da ternura e da solidariedade, o lugar da família e têm suas portas abertas<sup>325</sup>.

As comunidades de comunidades, casa do encontro e do diálogo do Povo de Deus em marcha, na construção do Reino de Deus, vivem sua dimensão profética ao acolher irmãs e irmãos em um mundo onde o individualismo, o medo e o predomínio das relações virtualizadas dificultam e afastam os olhares e espaços de

---

<sup>321</sup> CNBB, Comunidades de comunidades: uma nova paróquia: conversão pastoral da paróquia, p. 96.

<sup>322</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 73.

<sup>323</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 87.

<sup>324</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 125.

<sup>325</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 129.

cuidado e acolhida.

Os pilares que sustentam a casa são os mesmos que sustentam a pequena comunidade eclesial missionária. São exigências e urgências ainda a serem aprofundadas, experimentadas, sobretudo pelos cristãos batizados que ainda não fizeram seu encontro pessoal com Cristo, para assumir, afetiva e efetivamente esses desafios. Uma casa precisa ser sustentada contra as tempestades. Jesus disse que é preciso “construir a casa sobre a Rocha” (Mt 7,21). Ele é a Rocha que sustenta e protege a casa, impedindo-a de ser levada pelas intempéries do cotidiano e pelas diversas ações ordenadas que orquestram contrariedades para a ação missionária e profética da Igreja.

A comunidade eclesial missionária é alicerçada sobre a Palavra de Deus que é base para a Iniciação à Vida Cristã e para a animação bíblica. Em uma realidade na qual o individualismo e o relativismo ganham força, o espírito comunitário e a vivência da fé perdem espaço. Existem casas em que a Bíblia é vista mais como um amuleto de proteção do que como a ferramenta de uso diário do cristão. A proposta das comunidades eclesiais missionárias colabora para uma relação de proximidade entre os membros desta nova comunidade, favorecendo a Iniciação à Vida Cristã a partir dessa relação querigmática que pode ser vivida através da familiaridade entre o cristão e a Escritura. A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, recorda que a Palavra é a fonte pura e perene da vida espiritual do cristão<sup>326</sup>. A partir dos círculos bíblicos, da leitura orante e da liturgia da Palavra, a comunidade se aproxima das Escrituras e se alimenta<sup>327</sup> para enfrentar os desafios da missão evangelizadora. O Pilar da Palavra propõe o itinerário da iniciação cristã com as etapas que lhe são próprias: o querigma, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Propõe a animação bíblica da vida e da pastoral como caminho para formação de discípulos missionários de Jesus Cristo, com a urgência de aproximar as pessoas e as comunidades da leitura orante da Palavra de Deus.

A comunidade eclesial missionária se sustenta e conserva sua unidade através da Eucaristia. “A Eucaristia é o momento principal da vida comunitária, pois é sacramento de comunhão e reconciliação”<sup>328</sup>. Durante a semana, as pequenas comunidades eclesiais missionárias se reúnem para meditar a Palavra de Deus,

---

<sup>326</sup> DV 137.

<sup>327</sup> DV 135.

<sup>328</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 98.

partilhar a vida, estudar algum tema de relevância comum, aos domingos, elas se somam umas às outras, formando a grande comunidade cristã em torno da Eucaristia. O domingo, na tradição da Igreja, é o dia reservado para o Senhor, dia da reunião das comunidades eclesiais com a comunidade maior, ao redor da mesa eucarística. No entanto, para uma boa participação eucarística é indispensável uma cultura do acolhimento, flexibilização de horários, uma boa pastoral litúrgica<sup>329</sup> que se preocupe com a preparação de uma liturgia na qual o fiel seja conduzido a mergulhar no Mistério Pascal. O Pilar do Pão aponta para a liturgia e a espiritualidade, como alimentos da fé cristã, e a mesa, que remete ao sacrifício de Jesus ligado ao sacrifício de tantos irmãos e irmãs. A comunidade é a casa da acolhida, lugar do testemunho da fé no Cristo Ressuscitado, que assume a Cruz de Cristo como caminho de Salvação. Indica que é preciso superar a ideia de que o agir é uma forma de oração. A correria no mundo urbano dificulta os momentos de intimidade com a Palavra. Na comunidade, corre-se o risco de cair no individualismo e ativismo.

A comunidade eclesial missionária é alicerçada sobre o pilar da Caridade como manifestação do cuidado com o irmão, promovendo a vida. A caridade é essencialmente a vivência da ágape, a exteriorização da Palavra e da Eucaristia em práticas concretas que colaborem na edificação do Reino. No entanto, a vivência da caridade não pode ser confundida com assistencialismos. A caridade compromete, exige tomada de posição e inserção do cristão nos setores públicos da sociedade em defesa dos pobres, dos marginalizados e da Casa Comum<sup>330</sup>. O Pilar da Caridade é o serviço à vida plena. Propõe a capacidade de amar Deus e os irmãos, de se compadecer e ir até as últimas consequências para sarar as feridas (Lc 10,25-37). A oração e a caridade são elementos essenciais para esse Pilar, para uma Igreja que quer ir ao encontro, uma Igreja de portas abertas. Os desafios a serem enfrentados são muitos, mas as questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana globalizada são destacados com o compromisso para as comunidades e pelas Igrejas particulares, com uma postura de serviço, diálogo, respeito e dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados,

---

<sup>329</sup> ALMEIDA, J. A., Paróquias, comunidades e pastoral urbana, p. 187.

<sup>330</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 82; CNBB, Comunidades de comunidades: uma nova paróquia: conversão pastoral da paróquia, n. 99.

compaixão, busca da justiça, do bem comum e do cuidado com o meio ambiente<sup>331</sup>, na busca de contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres<sup>332</sup>.

A comunidade eclesial missionária é ainda alicerçada sobre o pilar da Ação Missionária. Este, por sua vez, constitui o estado de permanente missão da Igreja. A Ação Missionária implica em superar a pastoral de conservação<sup>333</sup>, adequando a pastoral da Igreja às exigências da realidade. Novos lugares, novos horários, linguagem renovada, são algumas das características apresentadas<sup>334</sup>. Hospitais, escolas, universidades, presídios, periferias são alguns espaços do vasto campo da Ação Missionária da Igreja na atualidade. O Pilar da Ação Missionária apresenta forte consonância com a V Conferência de Aparecida, a qual convocou a Igreja para um estado permanente de missão. Em um mundo cada vez mais urbano, a Igreja, para ser missionária, necessita descobrir os meios para se inserir na comunicação e ser presença missionária para propagar o Evangelho em novos areópagos, ouvir a voz dos jovens, dos migrantes e refugiados, dos idosos, dos profissionais das diversas áreas, no diálogo ecumênico e inter-religioso que atinge as diversas famílias que convivem com diferentes expressões religiosas na mesma casa.

Os pilares são essenciais, fundamentais e indispensáveis. A complementariedade de cada pilar sustenta uma comunidade paroquial formada por múltiplas pequenas comunidades eclesiais missionárias, edificadas sobre valores presentes nas comunidades apostólicas. Estes pilares não apenas sustentam o edifício eclesial, mas configuram-se com o sinal libertador através dos quais a paróquia revela-se como família divina, espaço de fraternidade, de abertura e acolhimento, com especial preocupação com os empobrecidos<sup>335</sup>. A estrutura se converte em benefício da comunidade favorecendo a vivência da missão cristã de anunciar o Evangelho. Assim, através dessas novas pequenas comunidades eclesiais missionárias é favorecido o espírito de uma Igreja em saída e o cultivo de uma cultura do encontro em meio à sociedade urbana.

#### 4.6

#### **A Renovação das estruturas paroquiais no caminho da Sinodalidade**

A palavra sinodalidade deriva do termo sínodo, conhecido dos cristãos da

---

<sup>331</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 104.

<sup>332</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 110.

<sup>333</sup> DAp 169.

<sup>334</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023, n. 87.

<sup>335</sup> ALMEIDA, J. A., Paróquia, comunidades e pastoral urbana, p. 184.

Igreja patrística e que retorna com força e destaque, pelo Papa Francisco. Esse termo era utilizado para designar as assembleias dos bispos ao longo da história da Igreja. De origem grega, a palavra sínodo significa “caminhar juntos”, expressando “o caminho conjuntamente pelo Povo de Deus”, de modo que “recorda os conteúdos mais profundos da Revelação”<sup>336</sup>.

A necessidade de renovação das estruturas paroquiais, que surgiram como fruto da primavera conciliar, é extremamente relevante para o século atual. A modernidade, por si só, exige que as instituições e suas estruturas sejam atualizadas, pois não há espaço para figuras obsoletas no mundo contemporâneo. O convite à sinodalidade, que é uma das grandes ênfases do Papa Francisco, requer uma revisão profunda das estruturas eclesiais, incluindo a paróquia, que é uma das mais fundamentais e enraizadas na Igreja.

A busca por uma renovação estrutural da paróquia não é uma novidade recente, especialmente na Igreja da América Latina e no Brasil. Ao longo das assembleias gerais do episcopado latino-americano, dois documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil abordam diretamente a questão da paróquia: Comunidade de comunidades: uma nova paróquia e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023. Ambos destacam que a paróquia, como existe atualmente, precisa ser transformada para continuar cumprindo sua missão de maneira eficaz.

O convite à renovação paroquial, embora tenha sido reiterado em várias Conferências Episcopais anteriores, se torna ainda mais urgente no contexto atual. Pode-se entender este chamado como um esforço contínuo para estruturar a sinodalidade na Igreja, uma ideia que, embora não fosse amplamente utilizada antes do pontificado de Francisco, tem ganhado destaque nas últimas décadas.

O pontificado do Papa Francisco apresenta uma contribuição inestimável para a atualização e aplicação do Concílio Vaticano II, e assim toca em assuntos que o concílio propôs atualizar sobre a Igreja em nossos tempos.

O tema da sinodalidade não é novidade no Papado de Francisco, pois nos anos de seu pontificado o sínodo dos bispos esteve em constante funcionamento. Ao falar de sínodo é adentrar no próprio significado de ser Igreja, e mais contextualmente é possível conectar o pontificado sinodal do Papa Francisco e a necessidade do atual

---

<sup>336</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, n. 3.

processo de escuta.

A XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos desenvolveu o metatópico da sinodalidade. A metodologia presente no sínodo, é para uma Igreja sinodal, que é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar é mais do que ouvir. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender: Povo fiel, Colégio Episcopal e Bispo de Roma. Cada um à escuta dos outros, e todos à escuta do Espírito Santo. A temática, “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, leva a compreender o presente sínodo no projeto de uma Igreja sinodal no qual se aplica o pontificado de Francisco.

Portanto, a renovação das estruturas paroquiais é uma parte essencial da caminhada da Igreja rumo à sinodalidade e ao fortalecimento de sua missão evangelizadora no mundo contemporâneo.

#### 4.6.1

##### **A paróquia sinodal**

A renovação sinodal começa com a compreensão de que paróquia é o espaço onde se constrói as relações. É um chamado que não pode ser compreendido sob a ótica dos eventos e celebrações de massa que a paróquia realiza, mas que se compreenda a partir das pequenas comunidades. Elas são as escolas de sinodalidade na medida em que favorece a mútua escuta nos momentos de partilha, a tomada conjunta de decisões, a corresponsabilidade e a inclusão.

As palavras da socióloga Nathalie Becquart reverberam a afirmação:

Uma Igreja sinodal é uma Igreja relacional onde todo o povo de Deus caminha junto, onde todos, batizados discípulos missionários, qualquer que seja a sua vocação e a sua posição, se reencontram na interdependência e na mutualidade. O padre não existe, portanto, fora da comunidade. Não está separado das pessoas junto das quais exerce o seu ministério. Quando damos prioridade à vocação batismal, já não podemos separar clero e leigos, como faz o modelo clerical. O pastor é aquele que de alguma forma “representa” a comunidade de que faz parte. Todos juntos são chamados a ser uma comunhão em missão animada pelo Espírito Santo, uma comunidade missionária onde cada um participa no discernimento.<sup>337</sup>

Existem dois obstáculos que dificultam a comunidade de se reconhecer como sujeito da ação pastoral, o que é essencial para o exercício da sinodalidade: o clericalismo, que se opõe à consideração pelo *sensus fidelium*, e a concepção de

---

<sup>337</sup> BECQUART, N., De uma Igreja clerical a uma Igreja sinodal. Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, 2021. Disponível em: <[https://snpcultura.org/de\\_uma\\_igreja\\_clerical\\_a\\_uma\\_igreja\\_sinodal.html](https://snpcultura.org/de_uma_igreja_clerical_a_uma_igreja_sinodal.html)>.

uma Igreja-massa, em contraste a uma Igreja povo, estruturada como rede de pequenas comunidades<sup>338</sup>. É necessário repensar as estruturas, as metodologias e as concepções referentes ao exercício do ministério ordenado e à participação efetiva e concreta no discernimento comunitário, de modo a colocá-las a serviço de uma superação dos obstáculos.

Na medida em que a sinodalidade é decorrência da própria identidade da Igreja, é importante pensá-la e vivê-la a partir da liturgia, expressão ritual do Mistério eclesial. A experiência litúrgica de nossas comunidades permeia uma séria e vitalmente renovação promovida pelo movimento litúrgico e pelo Concílio Vaticano II, fazendo constituir à sua compreensão de uma assembleia de sujeito eclesial.

É preciso compreender o lugar do presbítero, de modo especial do pároco, como um ministro inserido no seio da comunidade, atuando de dentro dela e em comunhão com os fiéis. O Papa Francisco afirma que “a imensa maioria do Povo de Deus é constituída por leigos. A seu serviço está uma minoria: os ministros ordenados”<sup>339</sup>. Com isso, o Papa destaca que os ministérios ordenados devem ser entendidos como serviços, e não como poderes. Essa perspectiva representa uma redescoberta da verdadeira identidade do ordenado, enraizada nas origens da Igreja, onde o serviço ao próximo e à comunidade era o fundamento do ministério.

Santo Agostinho já dizia<sup>340</sup>: “Para vós sou bispo, convosco sou cristão”, recordando que antes do ministério ordenado há a graça batismal que situa os presbíteros como parte do Povo de Deus. “Convosco sou cristão”: “Convosco”, não “acima de vós”, “separados de vós”, “distantes de vós”, mas “convosco”, isto é, fazendo parte. Santo Agostinho continua seu sermão dizendo que “ser bispo é um cargo; ser cristão, uma graça. Ser bispo é um perigo; ser cristão é salvação”.

O presbítero exerce a missão de pastorear o povo, como sinal do Cristo Bom Pastor. Pastoreio e presidência não significam precedência, mas serviço. Trata-se de uma relação de reciprocidade. Os presbíteros são chamados a estar próximos do Povo, servindo-o com dedicação, mas aprendendo e recebendo dele. Como parte integrante do Povo de Deus, devem viver em comunhão, partilhando suas dores e

---

<sup>338</sup> BRIGHENTI, A., A sinodalidade na projeção e na gestão pastoral, p. 33.

<sup>339</sup> EG 102.

<sup>340</sup> AGOSTINHO, Sermão 340,1: PL 38, 1483-1484. *In*: LITURGIA das Horas: segundo o rito romano, p. 1293.

alegrias, desafios e esperanças. Assim, podem servir com mais profundidade, enquanto permitem que a vida e a fé do Povo fortaleçam sua própria caminhada cristã e sua vocação como ministros da Igreja.

O pároco que assume a responsabilidade por uma paróquia sem a disposição de ouvir os outros pode causar sérios prejuízos. Essa atitude leva a paróquia a abandonar o caminho sinodal pastoral que vinha sendo construído. O padre que assume sua missão com a pretensão de começar do zero, desconsiderando o que já foi realizado, corre o risco de desmotivar os agentes pastorais. Esses agentes, que acompanharam e contribuíram ativamente para a construção da história da comunidade, veem seus esforços desvalorizados diante de uma abordagem desconectada do passado.

Em uma paróquia sinodal, os presbíteros são chamados a ser os principais promotores da comunhão, uma missão que exige esforço e dedicação. A comunhão requer tempo, ternura e discernimento, expressos nas palavras e na maneira de se comunicar, de corrigir fraternalmente e de acolher correções. O presbítero deve estar sempre aberto para acolher a todos, inclusive aqueles que não vivem de forma canonicamente irrepreensível, promovendo uma comunhão profunda e visível. E não devem impor nem levantar barreiras, mas construir relações e fortalecer a unidade na fé e na caridade. O presbítero vive em comunhão com o povo, e o povo, em comunhão com ele.

O presbítero é chamado a promover a participação de todos na vida da comunidade. Para isso, é indispensável aprender a escutar o que vai além de simplesmente ouvir; é acolher o que se ouve com o coração, como destacou o Papa Francisco na Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Não se deve presumir saber, de antemão, o que os fiéis pensam ou sentem<sup>341</sup>.

Para ser promotor da participação, o presbítero deve favorecer a ação do Espírito Santo na comunidade que preside, incentivando, valorizando e apoiando os organismos de participação paroquiais. Deve trabalhar para que os fiéis compreendam a importância desses espaços. É necessário criar oportunidades para que aqueles que não integram organismos possam ser ouvidos.

A promoção da participação acontece por meio de atitudes simples e concretas. Os presbíteros, em vez de tomar decisões ou resolver problemas sozinhos

---

<sup>341</sup> Cf. FRANCISCO, PP., Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Roma, 24 de janeiro de 2022.

e oferecer soluções prontas, passam a dialogar com o Povo sobre as diversas questões, dão um importante passo rumo a uma paróquia sinodal. Um caminho é utilizar os encontros comunitários para apresentar aos fiéis as questões e desafios que surgem, como as dificuldades de infraestrutura, a indiferença religiosa, a ausência de crianças, jovens e casais, ou a baixa participação. Ao envolver a comunidade nesses diálogos, promove-se um esforço coletivo para encontrar caminhos que tornem a evangelização mais eficaz e participativa.

Uma Igreja participativa envolve os que foram batizados para dialogar sobre os desafios que enfrenta. Os ministros ordenados devem agir dessa forma, dando um grande e concreto passo em direção à prática sinodal à qual é convocado.

A prática de pensar juntos, quando institucionalizada na comunidade eclesial, promove uma cultura de diálogo e participação. A escuta atenta e respeitosa das diferentes opiniões, a busca por consensos e a valorização das divergências como oportunidades de aprendizado são elementos fundamentais desse processo. Ao envolver o Povo e os órgãos de participação, a comunidade garante que as decisões sejam tomadas de forma mais democrática e transparente, fortalecendo os laços comunitários e sinodalidade.

Em suma, a prática da sinodalidade requer uma renovação profunda na maneira como a Igreja se organiza e se relaciona internamente, envolvendo os batizados em um processo de escuta, diálogo e corresponsabilidade. Esse modelo relacional valoriza a inclusão, a comunhão e a participação efetiva de cada membro do Povo de Deus, superando as barreiras do clericalismo e da centralização de decisões. A sinodalidade é expressão da identidade da Igreja e deve ser vivida em cada dimensão da vida eclesial, desde a liturgia até o cotidiano pastoral, com presbíteros que assumam seu papel de artesãos da comunhão, agindo em serviço e colaboração com a comunidade. Assim será possível construir uma Igreja verdadeiramente participativa, animada pelo Espírito Santo, comprometida com sua missão evangelizadora e capaz de enfrentar os desafios de forma conjunta e solidária.

#### **4.6.2**

#### **Os organismos de participação e a liturgia como eixo de sinodalidade**

A vivência da sinodalidade nas relações ordinárias entre cristãos ordenados e não ordenados na base da comunidade paroquial, se faz necessária à sua aplicação em instâncias concretas, pois, como afirma o Cardeal Mario Grech, “a sinodalidade

introduz todos os níveis da vida e da missão da Igreja numa dinâmica de circularidade fecunda”<sup>342</sup>. Na estrutura da Igreja encontram-se dois organismos importantes: a Assembleia e o Conselho Pastoral.

A Assembleia Pastoral é o principal instrumento de participação na paróquia. Ela é lugar de discernimento, de tomada das decisões e de fazer os planejamentos pastorais. O Conselho Pastoral é o organismo ordinário de participação. Compete a ele zelar pelo cumprimento das decisões tomadas na Assembleia e tomar outras decisões, diante das realidades que vão surgindo ao longo da realização das assembleias.

Em um contexto sinodal, a natureza consultiva dos órgãos eclesiais não deve ser um impedimento para a tomada de decisões compartilhadas. A escuta atenta e a deliberação conjunta, sob a orientação do pároco, são essenciais para superar resistências e construir um caminho comum.

Na experiência eclesial, é possível encontrar outros organismos importantes, como os Conselhos de Assuntos Econômicos das paróquias, que favorecem que seja organizada de maneira mais conjunta e participativa na gestão financeira e patrimonial.

A implementação de equipes de coordenação nas comunidades, pastorais e serviços representa uma estratégia eficaz para a promoção da sinodalidade na Igreja. Essa prática, que transcende a figura individual do coordenador, demanda um processo de formação contínua e um acompanhamento sistemático, a fim de garantir a participação ativa dos membros e a articulação com os demais órgãos de governo da comunidade eclesial.

A XVI assembleia Geral ordinária do sínodo dos bispos: por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão relata:

Na Igreja sinodal, “toda a comunidade, na livre e rica diversidade dos seus membros, é convocada a rezar, escutar, analisar, dialogar, discernir e aconselhar na tomada de decisões” [...] para a missão. Favorecer a participação mais ampla possível de todo o Povo de Deus nos processos de decisão é o caminho mais eficaz para promover uma Igreja sinodal. Se é verdade, de facto, que a sinodalidade define o modo de viver e de operar que qualifica a Igreja, ela indica ao mesmo tempo uma prática essencial

---

<sup>342</sup> GRECH, M., A sinodalidade é a forma e o estilo da Igreja: discurso de Dom Mario Grech em nome dos novos cardeais. Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/605119-uma-igreja-que-caminha-junto-discurso-de-homenagem-e-agradecimento-de-dom-mario-grech-ao-santo-padre>>.

no cumprimento da sua missão: discernir, chegar a consensos, decidir através do exercício das diversas estruturas e instituições de sinodalidade.<sup>343</sup>

Na base da vida eclesial, dioceses e paróquias, o desenvolvimento da sinodalidade deve beneficiar os conselhos pastorais e dos conselhos econômicos, já previstos no atual direito canônico<sup>344</sup>. O Sínodo, portanto, pediu reiteradamente e com unanimidade que fossem tornados obrigatórios e que medidas concretas fossem adotadas para eliminar qualquer traço de formalismo.

É necessário que a designação dos membros seja regulamentada, não ficando ao critério do pároco, por isso deve-se ter o cuidado de constituir fiéis empenhados no testemunho da fé na sociedade civil, em contrapartida fiéis engajados em serviços na comunidade e que se promova a necessária articulação entre as suas funções consultivas e deliberativas.

O poder consultivo é um problema grave, para o qual não foi proposta uma solução adequada. O sínodo limitou-se a pedir que, nos respectivos cânones do Código, fosse revista a fórmula do “apenas consultivo”<sup>345</sup>.

Para implementar a sinodalidade, não se trata de mudar a fórmula, mas a substância dos processos de decisão, isto é, de distinguir as áreas da vida comunitária em que é necessário o exercício da autoridade do pastor. Embora o fiel tenha uma função consultiva, há inúmeras outras áreas em que os fiéis, dotados de competências e manifestações dos carismas do Espírito, possuem capacidades que o pastor não tem. Por isso, eles estão frequentemente mais aptos que o pastor a realizar o discernimento e contribuir para a tomada de decisões.

A XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão diz:

A participação dos Batizados nos processos de decisão, bem como as práticas de prestação de contas e avaliação, realiza-se através de mediações institucionais, antes de mais os organismos de participação que, a nível da Igreja local, o direito canônico já prevê. Na Igreja latina são eles: Sínodo diocesano (cf. CIC, cân. 466), Conselho presbiteral (cf. CIC, cân. 500, § 2), Conselho pastoral diocesano (cf. CIC, cân. 514, § 1), Conselho pastoral paroquial (cf. CIC, cân. 536), Conselho diocesano e paroquial para os assuntos económicos (cf. CIC, cân. 493 e 537). Nas Igrejas Orientais Católicas são: Assembleia eparquial (cf. CCEO, cân. 235 ss.), Conselho eparquial para os assuntos económicos (cf. CCEO, cân. 262 ss.), Conselho presbiteral (cf. CCEO, cân. 264), Conselho pastoral eparquial (cf. CCEO, cân. 272

<sup>343</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16., Por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão, n. 87.

<sup>344</sup> CIC, Cân. 536 - 537.

<sup>345</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16., Por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão, n. 92.

ss.), Conselhos paroquiais (cf. CCEO, cân. 295). Os membros participam neles em função da sua função eclesial, de acordo com as suas responsabilidades diferenciadas a vários títulos (carismas, ministérios, experiência ou competência, etc.). Cada um destes organismos participa no discernimento necessário ao anúncio inculturado do Evangelho, à missão da comunidade no seu ambiente e ao testemunho dos Batizados que a compõem. Participa também nos processos de decisão nas formas estabelecidas e constitui um âmbito de prestação de contas e de avaliação, tendo, por sua vez, de avaliar e prestar contas da sua ação. Os organismos de participação constituem um dos âmbitos mais promissores de atuação para uma rápida implementação das orientações sinodais, que leve a mudanças perceptíveis em pouco tempo.<sup>346</sup>

Para que a sinodalidade nas Igrejas locais e nas paróquias avance de forma efetiva, é essencial que os conselhos tenham uma capacidade de decisão específica nos casos em que o problema não exija o exercício da autoridade sacramental do pároco. O Sínodo enfatizou explicitamente que os pastores e os responsáveis pela comunidade devem prestar contas de suas ações perante os respectivos Conselhos<sup>347</sup>.

A XVI assembleia Geral ordinária do sínodo dos bispos: por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão diz:

A tomada de decisão não conclui o processo de decisão. Ela deve ser acompanhada e seguida de práticas de prestação de contas e de avaliação, num espírito de transparência inspirado em critérios evangélicos. A prestação de contas do próprio ministério à comunidade pertence à Tradição mais antiga, que remonta à Igreja Apostólica.<sup>348</sup>

É necessário superar a ideia tradicional de que apenas os inferiores devem prestar contas aos superiores pelos seus atos e não o contrário. A passagem dos Atos dos Apóstolos em que Pedro foi forçado justificar-se por ter batizado um pagão (At 11,2-3), isto é, Pedro responde com um relato que explica as razões da sua ação<sup>349</sup>. Observa-se também que o esquecimento desta prática é um derivado do clericalismo, bem como a sua alimentação contínua<sup>350</sup>. Em relação aos assuntos económicos, recomenda-se, entre outras medidas, que o relatório seja, sempre que

---

<sup>346</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16., Por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão, n. 103.

<sup>347</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16., Por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão, n. 103-106.

<sup>348</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16., Por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão, n. 95.

<sup>349</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16., Por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão, n. 95.

<sup>350</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16., Por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão, n. 95-99.

possível, certificado por auditores externos.

O delineamento do exercício do ministério presbiteral na comunidade e do funcionamento dos órgãos de participação, é importante recordar que a sinodalidade se radica na própria identidade da Igreja, o que faz o olhar se voltar à sua expressão ritual, à sua constituição como Assembleia sacerdotal na celebração litúrgica.

Na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a liturgia é “a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força”<sup>351</sup> e que “contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o Mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja”<sup>352</sup>, é preciso dar a devida atenção ao laço entre experiência litúrgica e experiência sinodal. Desde o início do movimento litúrgico, no século XX, a promoção da liturgia é toda atravessada pela palavra-chave participação, não por acaso um termo indissociável da noção de sinodalidade.

O Papa Pio X, no *motu proprio Tra le sollecitudini*, afirmou pela primeira vez que “a participação ativa nos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja”<sup>353</sup> é a “primária e indispensável fonte” donde os fiéis haurem o “espírito cristão”. Trabalhado em seguida por Lambert Beauduin, a noção de “participação” decodificou o que se chamou de “questão litúrgica”, isto é, a tomada de consciência da relação entre experiência ritual e experiência de fé. A participação litúrgica é formadora da pessoa e da comunidade, como sublinhou Romano Guardini<sup>354</sup>. Partindo desse autor fundamental para o movimento litúrgico, O Papa Francisco explica:

São gestos e palavras que põem ordem dentro do nosso mundo interior fazendo-nos viver sentimentos, atitudes, comportamentos. Não são a enunciação de um ideal em que procuramos inspirar-nos, mas são uma ação que implica o corpo na sua totalidade, ou seja, no seu ser unidade de alma e corpo.<sup>355</sup>

Apoiando-se na noção de participação ativa na liturgia, o movimento litúrgico teve um profundo impacto eclesiológico. Ele “levou a efeito um avanço qualitativo,

---

<sup>351</sup> SC 10.

<sup>352</sup> SC 2.

<sup>353</sup> PIO X, PP., *Motu proprio Tra le sollecitudini*, 22 de novembro de 1903. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-x/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-x\\_motu-proprio\\_19031122\\_sollecitudini.html](https://www.vatican.va/content/pius-x/pt/motu_proprio/documents/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollecitudini.html)>.

<sup>354</sup> Cf. GUARDINI, R., *Formação litúrgica*.

<sup>355</sup> DD 51.

passando de uma visão jurídica de Igreja para uma visão orgânica<sup>356</sup>, o que “foi ratificado oficialmente pela Igreja nas Encíclicas *Mysticis corporis Christi* e *Mediator Dei*, de Pio XII<sup>357</sup>. A partir daí é possível afirmar o seguinte, para tomar como exemplo novamente a obra do teólogo Romano Guardini:

Guardini antecipa a virada eclesiológica que se daria na Igreja católica com o Concílio Vaticano II. A Igreja que cresce nas almas é uma Igreja que vem de baixo; sobretudo, é a uma Igreja que se constitui ritual e simbolicamente na liturgia. Portanto, vem de baixo no sentido em que o local passa a ser a condição de possibilidade do universal, e vem de dentro no sentido em que a reunião em assembleia volta a ganhar importância, relativizando ou colocando no seu justo lugar as dimensões institucional e jurídica, por um lado, e as dimensões da interioridade do sujeito, por outro lado.<sup>358</sup>

A dinâmica de interpelação recíproca entre liturgia e eclesiologia caracterizou o ensinamento dos padres conciliares. Acolhendo as grandes linhas do Movimento Litúrgico e ordenando uma reforma geral do rito romano, a *Sacrosanctum Concilium* continha “aquisições que constituíam orientações potenciais da concepção complexiva da Igreja, capazes de condicionar o trabalho posterior do concílio<sup>359</sup>. Assim, o tratamento que a Constituição deu à questão da participação ativa serviu como princípio para a assembleia conciliar moldar a eclesiologia do Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium*<sup>360</sup>.

A relação entre liturgia e eclesiologia não se dá somente no campo da teoria, na história do desenvolvimento da doutrina, mas no cotidiano concreto das comunidades. Uma paróquia sinodal se radica na experiência de ser Assembleia Sacerdotal, sujeito da liturgia que celebra pela participação no único Corpo de Cristo pelo batismo e na diversidade de seus ministérios. O Papa Francisco na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* diz: “A pastoral de conjunto, orgânica, integrada, mais do que ser o resultado de programas elaborados, é a consequência do colocar no centro da vida da comunidade a celebração eucarística dominical, fundamento da comunhão<sup>361</sup>. Não é por acaso que os ataques a uma concepção de Igreja sinodal venham, em geral, dos mesmos grupos que recusam ou condicionam a reforma

---

<sup>356</sup> GERHARDS, A.; KRANEMANN, B., Introdução à liturgia, p. 137.

<sup>357</sup> GERHARDS, A.; KRANEMANN, B., Introdução à liturgia, p. 137.

<sup>358</sup> CARDITA, Â., Formação litúrgica: pontos de reflexão em jeito de introdução. In: GUARDINI, R., Formação litúrgica, p. 16-36.

<sup>359</sup> ALBERIGO, G., Breve história do Concílio Vaticano II, p. 75.

<sup>360</sup> O'MALLEY, J. W., O que aconteceu no Vaticano II, p. 153-154.

<sup>361</sup> DD 37.

litúrgica. “A problemática é eclesiológica”<sup>362</sup>.

A Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia, ao descrever o Rito Romano, apresenta a Igreja como uma comunidade celebrativa, na qual a participação ativa de todos os fiéis é um imperativo. A noção de que “ninguém é estranho ou espectador mudo” encontra sua expressão mais clara na liturgia, que configura o povo de Deus como um único corpo em comunhão<sup>363</sup>. Com a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, porém, Francisco quis chamar a atenção para a qualidade do nosso agir ritual, a grande questão do movimento litúrgico, sem a qual as reformas nos livros podem ser de pouca ajuda. Faz parte da busca de uma Igreja sinodal, a atenção a uma liturgia celebrada de modo mais pleno, na linha das intuições desenvolvidas no movimento litúrgico e acolhidas pelo Concílio e pela Reforma Litúrgica.

Enfim, a sinodalidade, enquanto expressão da natureza da Igreja como Povo de Deus em peregrinação, encontra na liturgia o seu ápice e fundamento. A participação ativa na celebração Eucarística, além de ser um direito e um dever dos fiéis, é o caminho para uma experiência profunda de comunhão e missão. A sinodalidade, portanto, não se restringe a estruturas e organismos, mas se manifesta de forma concreta na celebração litúrgica, onde a Igreja experimenta a si mesma como Povo de Deus, peregrino e missionário.

#### 4.7

#### **Considerações Finais**

As pequenas comunidades eclesiais missionárias, especialmente a iniciativa “Igreja nas Casas”, demonstram ser um caminho eficaz para fortalecer os laços fraternos e a vivência da fé. Ao abrir as portas de seus lares, os cristãos criam espaços de acolhimento e diálogo, promovendo a fraternidade e a solidariedade. A dinâmica favorece o encontro com a Palavra de Deus e revitaliza a missão da Igreja, incentivando os fiéis a serem discípulos missionários. Ao se reunirem em grupos de afinidade, as comunidades redescobrem seus carismas e se fortalecem para anunciar o Evangelho.

A construção de pequenas comunidades eclesiais missionárias é um processo que exige um compromisso profundo e contínuo. Não se trata de uma iniciativa

---

<sup>362</sup> DD 31.

<sup>363</sup> SC 48.

isolada, mas de um projeto que envolve a comunidade eclesial. É fundamental que haja uma conversão pastoral que permeie os níveis da Igreja, desde as paróquias até as dioceses. A formação de discípulos missionários, fundamentada na Sagrada Escritura e em plena comunhão com a Igreja, é essencial para o sucesso do projeto. O apoio e o acompanhamento do clero são indispensáveis para que as comunidades possam crescer e se desenvolver de forma saudável e sustentável.

As comunidades eclesiais missionárias devem ter o jeito de um lar: um espaço de acolhida, não definido por estruturas físicas, mas por uma postura que inspire e evoque a ideia de casa. Um lugar de ternura, misericórdia e acolhimento verdadeiro. A casa é onde as pessoas são identificadas pelo nome, onde tem história: Palavra de Deus e a iniciação à vida cristã; Pão, que é a casa sustentada pela liturgia e sobre a espiritualidade; Caridade, que é a casa sustentada sobre o acolhimento fraterno e sobre o cuidado com as pessoas, especialmente os mais frágeis e excluídos e invisíveis; e a Missão, porque é impossível fazer uma experiência profunda com Deus na comunidade eclesial que não leve, inevitavelmente, à vida missionária.

A liturgia é a fonte primordial de toda a vida eclesial. Ela é o lugar apropriado para revelar, por meio de ritos e orações, o mistério de Cristo e a natureza da Igreja, ou seja, o próprio mistério da Igreja. Assim, na ação litúrgica, ocorre a manifestação da Igreja com sua dinâmica intrínseca. Dado que a sinodalidade, conforme destacado pelo Papa Francisco, é uma parte contínua da jornada da Igreja. A liturgia promove um modo sinodal de ser Igreja. Ser sinodal, caminhar juntos, torna-se um estilo constante do ser Igreja, não cada qual isoladamente, mas em unidade na comunidade e vida eclesial.

A principal manifestação da Igreja acontece na participação ativa de todo o povo de Deus nas celebrações litúrgicas, na Eucaristia: na unidade da oração, ao redor de um único altar (Cristo), presidida pelo bispo, rodeado de seu presbitério e de seus ministros. Assim, a principal manifestação da totalidade da Igreja é uma grande concelebração, sob a presidência daquele que preside à comunhão universal na caridade, o bispo de Roma.

A Eucaristia é celebrada na comunhão com o Papa e todos os bispos. Portanto, a Igreja nasce e renasce em cada Eucaristia como sínodo, Corpo de Cristo “caminho”, para que na comunhão, Ele seja tudo em todos, como está manifestado na Doxologia. O encontro Eucarístico (assembleia reunida, reunião da comunidade) é a fonte e o paradigma da espiritualidade de comunhão. É na liturgia que se

exprime a sinodalidade na vida cristã e na missão da Igreja.

## 5 Conclusão

A presente dissertação explorou os desafios e os anseios da evangelização no contexto das grandes cidades marcadas por intensas transformações culturais, sociais e religiosas. Partindo da análise dos Documentos do Concílio Vaticano II, das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e das exortações do Papa Francisco, buscou-se compreender como a formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias pode ser uma resposta eficaz para os desafios enfrentados pela Igreja nas cidades contemporâneas.

O trabalho destacou que a cultura urbana apresenta características peculiares, como o individualismo, a pluralidade e o ritmo acelerado, que demandam uma reconfiguração da ação pastoral. O estudo enfatizou que a evangelização das culturas urbanas requer criatividade, diálogo e novas linguagens, capazes de transmitir a mensagem evangélica de forma relevante e significativa para as populações urbanas. Nesse cenário, as pequenas comunidades emergem como espaços privilegiados de acolhimento, formação integral e vivência missionária, promovendo a solidariedade e a integração em um ambiente frequentemente marcado pela fragmentação social.

A sensação de emancipação resultou no isolamento social, na cultura do descartável e no individualismo, o que enfraqueceu as relações de cordialidade e solidariedade. Tornou-se comum que vizinhos não se conheçam e é raro o cultivo da cultura da visita. Reclusos em suas casas e apartamentos, as pessoas interagem pouco, reforçando o isolamento e a falta de convivência comunitária no ambiente urbano. A fé, vivida como mera obrigação, oferece respostas limitadas quando aliada ao individualismo e à cultura consumista. Surge, então, a proposta das pequenas comunidades eclesiais missionárias como um caminho para resgatar o contato humano e as relações comunitárias.

A cidade, com sua complexidade e singularidades, transcende o espaço físico e se apresenta como um horizonte cultural que transforma as relações humanas. O Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, reconheceu a urbanização como promotora de novas formas de cultura. O Documento de Aparecida, por sua vez, reafirmou que a cultura urbana é híbrida, dinâmica e

mutável, e propôs que os leigos e presbíteros superem o medo da pastoral urbana, abandonando métodos ultrapassados que não correspondem aos desafios atuais<sup>364</sup>. Esse Documento ensina que Deus habita na cidade, presente em suas alegrias, esperanças, dores e dificuldades<sup>365</sup>.

Evangelizar no contexto urbano exige respostas novas que partam de uma acolhida atenta e crítica da realidade. É preciso assumir a cidade em sua diversidade e complexidade, utilizando a escuta, o diálogo, a misericórdia e o respeito como condições para uma pastoral urbana efetiva. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) estabelecem como prioridade a formação de pequenas comunidades cristãs missionárias, alicerçada em quatro pilares da Igreja concebida como casa. As Diretrizes utilizam imagens como casa e pilares, para indicar que a evangelização urbana deve formar comunidades missionárias que sejam casas da Palavra, casas do Pão, casas da Caridade e abertas à missão.

As comunidades devem priorizar uma fé pessoal e comunitária para superar a massificação, contrapondo-se ao individualismo. Essas comunidades precisam tomar a iniciativa de buscar aqueles que precisam da alegria da fé. Devem responder aos desafios da realidade urbana, como violência, moradia, situação de rua, migração, educação, saúde e ecologia integral, sempre em comunhão com a Igreja<sup>366</sup>.

A cultura urbana, marcada por mudanças rápidas, desafia a nostalgia de tempos passados. Apesar dos obstáculos, oferece oportunidades, pois Cristo é a resposta à busca de sentido e plenitude presentes no coração humano. O paradigma missionário deve orientar a ação pastoral, promovendo pequenas comunidades que sejam acolhedoras, solidárias e abertas à missão.

A imagem da "casa" é central nesse processo, simbolizando lar, acolhida, pertencimento e amor. Estruturada sobre os quatro pilares Palavra, Pão, Caridade e Missão, a casa reflete a identidade e o propósito das comunidades eclesiais missionárias. A Palavra convida à conversão e molda a vida cristã. O Pão, através da liturgia e da espiritualidade, alimenta a fé e a oração. A Caridade expressa o compromisso com a vida plena e a solidariedade com os mais pobres. A Missão

---

<sup>364</sup> DAp 58.

<sup>365</sup> DAp 514.

<sup>366</sup> RUBIO, A. G., *Evangelização e maturidade afetiva*, p. 220.

desafia cada comunidade a viver em permanente atitude missionária.

A paróquia, concebida como uma rede de comunidades, é o espaço privilegiado para exercer a sinodalidade, onde as relações concretas criam um ambiente eclesial vivo. Caminhar em sinodalidade significa que toda a comunidade diocesana e paroquial avançam unidas, como um único povo de Deus<sup>367</sup>. Assim, a pastoral sinodal toma forma em um "caminhar juntos", promovendo comunhão, participação e missão em níveis da vida eclesial<sup>368</sup>.

A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral missionária. Assim o Evangelho seja introduzido na história de cada comunidade eclesial com novo ardor missionário fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora e uma escola permanente de comunhão missionária<sup>369</sup>.

A Pastoral Urbana demanda uma constante renovação. Para alcançar a realidade urbana, é fundamental adaptar a ação pastoral à linguagem, aos horários e à realidades específicas. Um plano pastoral articulado e orgânico deve envolver os espaços da cidade, desde os condomínios fechados até as comunidades mais vulneráveis<sup>370</sup>.

A Igreja em seus primórdios formou-se nas grandes cidades de seu tempo e utilizou esses centros urbanos como meio para se propagar. A nova realidade da cidade trouxe novas experiências para a Igreja, como a renovação das paróquias, a setorização, a criação de novos ministérios, associações, grupos, comunidades e movimentos. Observa-se atitudes de medo em relação à pastoral urbana, com tendência ao fechamento em métodos antigos e postura desdefensiva diante da nova cultura, acompanhadas por um sentimento de impotência diante das grandes dificuldades que as cidades apresentam<sup>371</sup>.

O Documento de Aparecida convoca a “recomeçar a partir de Jesus Cristo”<sup>372</sup> e, para que isso aconteça, é necessário que a vida na comunidade eclesial passe por algumas transformações. Ele recorda que, para a maioria dos cristãos, a vida na

---

<sup>367</sup> Cf. FRANCISCO, PP., Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*. 2018.

<sup>368</sup> Cf. FRANCISCO, PP., Discurso aos participantes do Congresso dos Centros Nacionais Vocacionais das Igrejas da Europa. Roma, 6 de junho de 2019.

<sup>369</sup> DAp 370.

<sup>370</sup> DAp 518.

<sup>371</sup> DAp 513.

<sup>372</sup> DAp 12; 41; 549.

Igreja acontece nas paróquias<sup>373</sup>. Lembra, ao mesmo tempo, que as paróquias necessitam de “reformulação de suas estruturas, para que sejam uma rede de comunidades e grupos capazes de se articular”<sup>374</sup>. O Documento propõe “a setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região”<sup>375</sup>. A setorização e experiência de fé a partir de Jesus Cristo dão origem às pequenas comunidades eclesiais missionárias que se tornam uma base humana fundamental para a vivência concreta da experiência de Igreja. A vida eclesial se manifesta plenamente quando como resultado do encontro com Jesus Cristo, constroem-se relações humanas de fraternidade fortes o suficiente para compartilhar alegrias e oferecer suporte nos momentos difíceis.

O fato de a cultura urbana ser trans-territorial e não depender de um território fixo não diminui a importância do lugar da paróquia como um referencial de vivência comunitária da fé. A paróquia é o lugar onde se constrói a identidade comum e onde se fortalece os vínculos de convivência, sendo um espaço de construção comunitária da experiência cristã. Contudo, é necessário ampliar seu conceito para que não seja reduzido a um espaço demarcado e estabilizado. A paróquia ultrapassa suas fronteiras em diversos sentidos. A noção de território paroquial, e de trans-territorialidade, exige uma revisão das estruturas de pastoral que se tornaram obsoletas e evidencia a urgência de uma conversão pastoral.

Diante das transformações sociais e culturais da cidade, surge então a necessidade de uma renovação eclesial que abrange reformas espirituais, pastorais e institucionais. As comunidades cristãs primitivas (At 2, 24-47) representam um modelo exemplar de evangelização das culturas urbanas, demonstrando a capacidade da Igreja de se adaptar a diferentes contextos.

A renovação das paróquias exige a reformulação de suas estruturas para que se torne uma rede de comunidades. Essa renovação missionária impõe a criação de novas estruturas pastorais capazes de responder às demandas do mundo urbano.

As pequenas comunidades eclesiais são um meio privilegiado para promover a Nova Evangelização, fazendo com que os batizados vivam como autênticos

---

<sup>373</sup> DAp 170.

<sup>374</sup> DAp 172; 372.

<sup>375</sup> DAp 372.

discípulos e missionários de Cristo<sup>376</sup>. As pastorais, as associações e os movimentos eclesiais contribuem para revitalizar as paróquias, fazendo delas uma comunidade de comunidades.

As pessoas anseiam por uma experiência de reencantamento religioso pessoal, uma busca pelo divino e pelo absoluto. Nesse processo, encontram seu caminho para Deus, assim como Deus encontra seu caminho para elas, muitas vezes com o apoio e o encorajamento de um pequeno grupo. Há uma ânsia de experimentar Deus, de relacionar-se com Ele e de compartilhar a fé com outras pessoas, em um ambiente de liberdade, de espontaneidade, identidade e de confiança.

Os membros de diversas comunidades apontam que as principais transformações percebidas na vida de quem participa de uma comunidade eclesial incluem: a vivência comunitária; a participação coletiva que muitas vezes contribui para a superação do isolamento; o aprendizado nos relacionamentos interpessoais e a convivência com realidades sociais distintas, abrangendo pessoas de diferentes classes sociais. A pequena comunidade de fé é a resposta à busca individual por Deus e ao envolvimento pessoal significativo na missão de promover a transformação da humanidade.

As redes digitais representam, atualmente, um fator determinante para compreender a expansão de novas formas de culturas sociais em nossa sociedade. As diversas formas de comunidades virtuais, as comunidades móveis e a explosão das redes sociais evidenciam que o ciberespaço é um elemento crucial no incremento da cultura urbana.

Este trabalho não teve a pretensão de esgotar o tema, mas antes, mostrar a importância das pequenas comunidades para uma nova evangelização de acordo com os objetivos propostos pelo Documento de Aparecida e pelas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Como propostas pode-se sugerir um estudo aprofundado para futuras pesquisas sobre a implementação de pequenas comunidades digitais, com especial atenção à formação de líderes e à capacitação do clero que muitas vezes parecem desconhecer essa abordagem, além da produção de materiais específicos voltados para esse contexto. Sugere-se, ainda, a realização de estudos de caso concretos para avaliar a eficácia dessa estratégia evangelizadora.

---

<sup>376</sup> DAp 307.

## 6

## Referências bibliográficas

ALBERIGO, G. **Breve história do Concílio Vaticano II**. Aparecida: Santuário, 2006.

ALMEIDA, J. A. **Paróquias, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009.

AMADO, J. A. **A Igreja no Mundo em Mudança**. Disponível em: <[https://www.cnbb.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/A\\_Igreja\\_num\\_mundo\\_em\\_mudana\\_-\\_Pe\\_Joel\\_Portella.pdf](https://www.cnbb.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/A_Igreja_num_mundo_em_mudana_-_Pe_Joel_Portella.pdf)>. Acesso em: 04 out. 2024.

AMADO, J. P. Cidade, território e evangelização: o desafio de gerar comunidades em ambientes de mobilidade, individualidade e adesão seletiva. *In*: BRIGHENTI, A. (Org.). **Pastoral urbana**: categorias de análise e interpelações pastorais. Brasília: Edições CNBB, 2010. p. 65-88.

AMADO, J. P. Igreja e grandes cidades: estado atual da questão. *In*: BRUSTOLIN, L. A.; FONTANA, L. L. B. (Orgs.). **Cultura urbana**: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades. São Paulo: Paulus, 2018. p. 177-202.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 16. Por uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão: documento final. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2025.

AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da super modernidade. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

AUGÉ, M. O planeta como lugar cidade-mundo e mundo-cidade. *In*: SISTACH, L. M. (Org.). **Pastoral das grandes cidades**. Brasília: Edições CNBB, 2016. p. 51-62.

BASTIT, M. **Nascimento da lei moderna**: o pensamento da lei de Santo Tomás de Aquino a Suarez. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECQUART, N. **De uma Igreja clerical a uma Igreja sinodal**. Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, 2021. Disponível em: <[https://snpcultura.org/de\\_uma\\_igreja\\_clerical\\_a\\_uma\\_igreja\\_sinodal.html](https://snpcultura.org/de_uma_igreja_clerical_a_uma_igreja_sinodal.html)>. Acesso em: 28 out. 2023.

BENEDETTI, R. L. Pós-modernidade: abordagem sociológica. *In*: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.). **Teologia na Pós-modernidade**: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 69.

- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOAS, F. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BORIN, M. Apresentação: cidade e modernidade. **Ponto e virgula**, n. 7, p. 28-31, 2010.
- BRAVO, B. Imaginários urbanos. *In*: LEGORRETA, J. (Dir.). **10 palavras chave sobre pastoral urbana**. Navarra: Verbo Divino, 2007. p. 47-78.
- BRAVO, B. **La Pastoral Urbana**: a la luz de Aparecida. Bogotá: Centro de Publicaciones CELAM, 2008. (Colección Misión continental).
- BRAVO, B. **Pastoral Urbana**: simbólica urbana y simbólica cristiana. México: Credo Ediciones, 2013.
- BRIGHENTI, A. (Org.). **Pastoral urbana**: categorias de análise e interpelações pastorais. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- BRIGHENTI, A. **A Igreja perplexa**: as novas perguntas, novas respostas. São Paulo: SOTER: Paulinas, 2004.
- BRIGHENTI, A. **A missão evangelizadora no contexto atual**: realidade e desafio a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BRIGHENTI, A. A sinodalidade na projeção e na gestão pastoral. **Encontros Teológicos**, v. 37, n. 2, p. 339-354, maio/ago. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.46525/ret.v37i2.1717>>. Acesso em: 30 out. 2024.
- BRIGHENTI, A. Pedagogia e Método para uma recepção criativa de Aparecida. *In*: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (Orgs.). **A Missão em debate**: provocações à luz de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 276-283.
- BRIGHENTI, A.; AQUINO, J. F. (Orgs.). **Pastoral urbana**: novos caminhos para a Igreja na cidade. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CACCIARI, M. **A cidade**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.
- CAMPOS, L. *et al.* **Pastoral y lenguaje**. Bogota: Indoamerican press service, 1973.
- CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CARDITA, Â. Formação litúrgica: pontos de reflexão em jeito de introdução. *In*: GUARDINI, R. **Formação litúrgica**. Curitiba: Carpintaria, 2023. p. 16-36.
- CARTA do Papa Joao Paulo II ao secretário de Estado Mediante a qual é instituído o Pontifício conselho para a cultura. 20 de maio de 1982. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1982/documents/hf\\_jp-ii LET\\_19820520\\_foundation-letter.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1982/documents/hf_jp-ii LET_19820520_foundation-letter.html)>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- CASTRO, C. Apresentação. *In*: BOAS, F. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.7-23.
- CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB, 2009.
- CELAM. Documento de Medellín. *In*: DOCUMENTOS do CELAM. São Paulo: Paulus, 2004. p. 71-224. (Documentos da Igreja, 8).

CELAM. Documento de Puebla. *In*: DOCUMENTOS do CELAM. São Paulo: Paulus, 2004. p. 225-584. (Documentos da Igreja, 8).

CELAM. **Documento de Santo Domingo**: nova Evangelização-Promoção Humana-Cultura. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

CELAM. **Missão continental**: para uma Igreja Missionária. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CELAM. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2008-2010. Brasília: Edições CNBB, 2008. (Documentos da CNBB, 87).

CELAM. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2011-2015. Brasília: Edições CNBB, 2011. (Documentos da CNBB, 94).

CELAM. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2015-2019. Brasília: Edições CNBB, 2015. (Documentos da CNBB, 102).

CELAM. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2019-2023. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, 109).

CELAM. **Os desafios da cidade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2002.

CNBB. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Documentos da CNBB, 100).

CNBB. **Diretrizes gerais para a ação pastoral da Igreja no Brasil**: 1983-1986. Brasília: Edições CNBB, 2024. (Documentos da CNBB, 28).

CÓDIGO de Direito Canônico. Brasília: Edições CNBB, 2019.

COMBLIN, J. **Os desafios da cidade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, J. **Pastoral urbana**: o dinamismo na evangelização. Petrópolis: Vozes, 1999.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. 2018. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_20180302\\_sinodalita\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html)>. Acesso em: 28 out. 2024.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Fé e inculturação**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_1988\\_fede-inculturazione\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1988_fede-inculturazione_po.html)>. Acesso em: 21 nov. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Apostólica Sacrosanctum Concilium. *In*: KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 257-306.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum. *In*: KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 119-140.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. *In*: KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 37-118.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 141-256.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Ad Gentes. In: KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 349-400.

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. **Para uma pastoral da cultura**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/cultr/documents/rc\\_pc\\_pc-cultr\\_doc\\_03061999\\_pastoral\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_pc-cultr_doc_03061999_pastoral_po.html)>. Acesso em: 01 out. 2024.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DUCH, L. **Antropología de la ciudad**. Barcelona: Herder, 2015.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica Desiderio Desideravi**: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2022. (A voz do Papa, 214).

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020. (A voz do Papa, 210).

FRANCISCO, PP. **Catequese sobre a Carta aos Gálatas 11**: a liberdade cristã, fermento universal de libertação. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco\\_20211013\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20211013_udienza-generale.html)>. Acesso em: 03 out. 2024.

FRANCISCO, PP. **Constituição Apostólica Episcopalis Communio**. Brasília: Edições CNBB, 2018. (Documentos Pontifícios, 36).

FRANCISCO, PP. **Discurso aos participantes do Congresso dos Centros Nacionais Vocacionais das Igrejas da Europa**. Roma, 6 de junho de 2019. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco\\_20190606\\_centrivocazioni-chieseuropee.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190606_centrivocazioni-chieseuropee.html)>. Acesso em: 28 out. 2024.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das grandes cidades**. 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141127\\_pastorale-grandi-citta.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html)>. Acesso em: 13 ago. 2024.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013. (A voz do Papa, 198).

FRANCISCO, PP. **Mensagem em vídeo do Papa Francisco no encerramento da Assembleia Plenária**. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2021/documents/20211123-videomessaggio-plenaria-pcc.html>>. Acesso em: 03 out. 2024.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 24 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>>. Acesso em: 29 out. 2023.

FRANCISCO, PP. **Na Capela da Casa Santa Marta: por uma cultura do encontro.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie\\_20160913\\_cultura-do-encontro.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html)>. Acesso em: 11 out. 2024.

GALILEA, S. **A dónde va la pastoral?** Bogotá: Paulinas, 1974. (Colección pastoral popular, 7).

GALLI, C. M. **Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco.** 2. ed. Buenos Aires: Agape, 2014.

GERHARDS, A.; KRANEMANN, B. **Introdução à liturgia.** São Paulo: Loyola, 2012.

GRECH, M. **A sinodalidade é a forma e o estilo da Igreja: discurso de Dom Mario Grech em nome dos novos cardeais.** Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/605119-uma-igreja-que-caminha-junto-discurso-de-homenagem-e-agradecimento-de-dom-mario-grech-ao-santo-padre>>. Acesso em: 28 out. 2023.

GUARDINI, R. **Formação litúrgica.** Curitiba: Carpintaria, 2023.

GUERRIERO, S. Cultura. *In*: PASSOS, D. P.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulinas: Paulus, 2015. p. 240-245.

HALL, P.; PAIN, K. **The polycentric metropolis: learning from mega-city regions in Europe.** London: Earthscan; Sterling: Quicksilver, 2006.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica Redemptoris Missio.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)>. Acesso em: 30 out. 2024.

JOÃO PAULO II, PP. **Discurso aos Membros do Pontifício Conselho para a cultura.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830118\\_pont-consiglio-cultura.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/january/documents/hf_jp-ii_spe_19830118_pont-consiglio-cultura.html)>. Acesso em: 01 out. 2024.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica Ecclesia In America.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/document/hf\\_jp-ii\\_exh\\_22011999\\_ecclesia-in-america.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/document/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html)>. Acesso em: 10 nov. 2024.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_25031992\\_pastores-dabo-vobis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html)>. Acesso em: 20 out. 2024.

KUPER, A. **Cultura, a visão dos antropólogos.** Bauru: EDUSC, 2002.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- LIBANIO, J. B. A Igreja na cidade. **Perspectiva Teológica**, v. 28, n. 74, p. 11-43, 1996. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1000>>. Acesso em: 26 nov. 2024.
- LIBANIO, J. B. **As lógicas da cidade**: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001.
- LIBANIO, J. B. **Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano**. São Paulo: Paulus, 2007.
- LIPOVETSKY, G. **A sociedade da decepção**: entrevista coordenada por Bertand Richard. São Paulo: Manole, 2007.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.
- LITURGIA das Horas: segundo o rito romano. Petrópolis: Vozes, 1999. v. 4.
- MANENTI, A. **Viver em comunidade**: aspectos psicológicos. São Paulo: Paulinas, 1985.
- MIRANDA, M. F. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006.
- MIRANDA, M. F. **Aparecida**: a hora da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MIRANDA, M. F. **Um homem perplexo**: o cristão na atual sociedade. São Paulo: Loyola, 1996.
- O'MALLEY, J. W. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014.
- OLIVEIRA, J. L. M. **Viver em comunidade para a missão**: um chamado à vida religiosa consagrada. São Paulo: Paulus, 2013.
- ORIOLO, E. Evangelizar as cidades à luz do magistério do Papa Francisco. **Revista Vida Pastoral**, ano 60, n. 330, p. 11-18, nov./dez., 2019. Disponível em: <[www.vidapastoral.com.br/ano/evangelizar-as-cidades--a-luz-do-magisterio-do-papa-francisco](http://www.vidapastoral.com.br/ano/evangelizar-as-cidades--a-luz-do-magisterio-do-papa-francisco)>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- PAULO VI, PP. **Carta Apostólica Octogesima Adveniens**. 1971. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_p-vi\\_apl\\_19710514\\_octogesima-adveniens.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html)>. Acesso em: 15 set. 2024.
- PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1998. (A voz do Papa, 85).
- PIO X, PP. **Motu proprio Tra le sollecitudini**. 22 de novembro de 1903. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-x/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-x\\_motu-proprio\\_19031122\\_sollecitudini.html](https://www.vatican.va/content/pius-x/pt/motu_proprio/documents/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollecitudini.html)>. Acesso em: 28 out. 2024.

PIO XII, PP. **Carta Encíclica Mediator Dei**. 20 de novembro de 1947. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20111947\\_mediator-dei.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html)>. Acesso em: 31 out. 2024.

PIO XII, PP. **Carta Encíclica Mysticis corporis Christi**. 29 de junho de 1943. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_29061943\\_mystici-corporis-christi.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html)>. Acesso em: 31 out. 2024.

PUNTEL, J. Miatização/Mediatização: novo cenário contemporâneo. *In*: BRIGHENTI, A. (Org.). **Pastoral urbana**: categorias de análise e interpelações pastorais. Brasília: Edições CNBB, 2010. p. 253-254.

ROCHA, E. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RODRIGUES, S. O mundo urbano: um universo plural, diverso, complexo. *In*: BRIGHENTI, A.; AQUINO, J. F. (Orgs.). **Pastoral urbana**: novos caminhos para a Igreja na cidade. Petrópolis: Vozes, 2021. p.15-33.

ROLNIK, R. A questão urbana no Brasil contemporâneo. *In*: RODRIGUES, S. S. (Org.). **CEBs e mundo urbano**: perspectiva no pontificado de Francisco. Rio de Janeiro: GraVida, 2016. p. 15-23.

RUBENS, P. **O rosto plural da fé**: da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer. São Paulo: Loyola, 2008.

RÚBIO, A. G. **Unidade na Pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2006.

RUBIO, A. G. **Evangelização e maturidade afetiva**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SCHERER, R. Cultura. *In*: RAHNER, K.; ALFARO, J.; FONDEVILA, J. M. **Sacramentum mundi**: enciclopedia teológica. 3. ed. Barcelona: Editorial Herder, 1982. v. 2. p. 97-106.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SISTACH, L. M. (Org.). **A pastoral nas grandes cidades**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

SOUZA, N. (Org.). **Temas de teologia latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 2019.

SUSIN, L. C. Uma cidade para Abel: ângulos de uma teologia da cidade. **Studium Revista Teológica**, v. 10, p. 11-44, 2016.

VATTIMO, R. (Org.). **Il pensiero debole**. Milão: Feltrinelli, 1992.

YORY, C. M. **Ciudad, consumo y globalización**: caracterización delas grandes metrópolis en el comienzo de siglo: una mirada desde la relación entre consumo y sociedad. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2006.